



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

CAROLINE SERGEL

**UM TETO TODO NOSSO: *LEIA MULHERES CASCAVEL* E SUAS
REVERBERAÇÕES**

CASCAVEL/PR
2023

CAROLINE SERGEL

**UM TETO TODO NOSSO: *LEIA MULHERES CASCAVEL* E SUAS
REVERBERAÇÕES**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – para obtenção do título de Mestra em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fachin.

CASCAVEL/PR
2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Sergel, Caroline

Um teto todo nosso: Leia Mulheres Cascavel e suas reverberações / Caroline Sergel; orientador Paulo Cesar Fachin. -- Cascavel, 2023.

122 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Leia Mulheres. 2. Clube de leitura. 3. Autoria feminina. 4. Feminismo. I. Fachin, Paulo Cesar, orient. II. Título.

CAROLINE SERGEL

**UM TETO TODO NOSSO: *LEIA MULHERES CASCAVEL* E SUAS
REVERBERAÇÕES**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Fachin
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
Orientador

Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Membro Efetivo (convidada)

Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel/PR, 14 de agosto de 2023.

À minha mãe Nelsi Sergel (*in memoriam*) por me ensinar tanto e por ter o melhor abraço – abrigo de todos.

Ao coletivo *Leia Mulheres Cascavel* por fazer da leitura mais do que um abrigo: espaço e ato de partilha, resistência e ressignificações.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que vieram antes de mim, às que caminham ao meu lado, e às que virão depois de mim.

Àquelas que se permitiram e ousaram escrever e que trilharam um caminho para que outras pudessem segui-las.

A quem esteve comigo e me abrigou quando o meu teto não era seguro para mim.

Aos meus orientadores, Valdeci Batista de Melo Oliveira e Paulo Fachin, por me guiarem e segurarem minha mão quando eu me perdia pelos caminhos da insegurança.

Ao *Leia Mulheres Cascavel* por me proporcionar tantos encontros, vivências e afetos.

À minha mãe (*in memoriam*), “*I have loved you/ For a thousand years/ I’ll love you for a thousand more*” e “*I hope to see you again*”.

À Capes por financiar esta pesquisa.

Aos que fizeram parte desse meu percurso de Mestrado e que me auxiliaram de tantas formas.

Pensei na menina entre as estantes. Na sua idade, as estantes e prateleiras eram apenas universos a serem desvendados e conhecidos. Ela não sabia que, ao vasculhar toda a livraria, ultrapassava barricadas e fronteiras, derrubava estantes e hierarquias, desconstruía territórios políticos estabelecidos, decifrava labirintos, movida unicamente pelo sentimento da leitura.

Claudia Lage

Eu, que vagava solitária pelos bosques da leitura. /Acompanhada explorei vales e montanhas, /envolta em agasalhos compartilhados, em uma roda /cuja nossas vozes-fogueira lançadas ao meio. /Na partilha dos caminhos que trilhamos, fagulhas de (re)conhecimento /refletidas nos olhares de quem percorreu as mesmas palavras, /traçadas em outras páginas.

Caroline Sergel

SERGEL, Caroline. **Um teto todo nosso: *Leia Mulheres Cascavel*** e suas reverberações. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Cascavel/PR, 2023.

Orientador: Paulo Fachin
Defesa: 14 de agosto de 2023

RESUMO

O estudo aqui apresentado é resultante, primeiramente, de minha experiência pessoal como participante do clube de leitura *Leia Mulheres Cascavel*, que se tornou objeto e temática de pesquisa ao me suscitar o questionamento de quais seriam as reverberações do clube de leitura nas pessoas participantes. Na perspectiva de responder a esse questionamento e com o objetivo de situar a localização sócio-histórica dessas pessoas e das autoras lidas, sustento a pesquisa na metodologia de abordagem participante. O levantamento de dados foi possível por meio de entrevista com as mediadoras e de um questionário aplicado às pessoas integrantes do clube de leitura. Como resultado desse processo de investigação, baseado no referencial teórico da crítica feminista, foi possível observar o que *Leia Mulheres Cascavel* significou e significa para quem dele faz parte, as demais atividades realizadas por ele e como foi e está sendo construído enquanto um espaço de disseminação de cultura na cidade, de incentivo à leitura de obras de autoria feminina e do debate de temáticas que transpassam o tecido social.

PALAVRAS-CHAVE: *Leia Mulheres*. Clube de leitura. Autoria feminina. Feminismo.

SERGEL, Caroline. **A roof of our own: *Leia Mulheres Cascavel*** and its reverberations. 2023. 122 p. Thesis (Masters in Letras) – Postgraduate Program in Letras, Western Paraná State University – Unioeste, Cascavel/PR, 2023.

Advisor: Paulo Fachin

Presentation: August 14th, 2023

ABSTRACT

The research presented here is the result, first and foremost, of my personal experience as a participant in the *Leia Mulheres Cascavel* reading club, which became the object and theme of this study when it prompted me to question what the reverberations of the reading club would be on other participants. In order to address such issue and with the objective of situating the socio-historical location of the participants and the authoresses read, I support the research with a participative approach methodology. The data collection was made possible through interviews with the reading club mediators and a questionnaire applied to the participants. As a result of this investigative process, it was possible to observe what *Leia Mulheres Cascavel* meant and means to those who are part of it, the other activities carried out by it, and how it was and has been constructed as a space for disseminating culture in the city, encouraging the reading of works written by women, and discussing themes that transcend the social fabric.

KEYWORDS: *Leia Mulheres*. Book club. Female authorship. Feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro de um encontro	17
Figura 2 – <i>Print</i> de tela da página do <i>Leia Mulheres</i> na <i>web</i>	37
Figura 3 – <i>Print</i> de tela do perfil @_leiamulheres no <i>Instagram</i>	38
Figura 4 – <i>Prints</i> de tela dos <i>posts</i> do Desafio <i>Leia Mulheres</i> de 2019 a 2023 no perfil @_leiamulheres no <i>Instagram</i>	40
Figura 5 – <i>Leia Mulheres</i> no Paraná.	43
Figura 6 – Faça frio ou calor: encontros de julho de 2019 e novembro de 2021.	50
Figura 7 – 1ª Mostra Mulheres, Cinema e Horizontes.	64
Figura 8 – 7 dias pela representatividade das mulheres na política.	67
Figura 9 – Direitos sexuais e reprodutivos.	69
Figura 10 – <i>Leia Mulheres Cascavel</i> na 1ª FLIT.	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nacionalidade das escritoras.	58
Gráfico 2 – Estado das autoras brasileiras.	60
Gráfico 3 – Século de publicação das obras.	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e teses contendo o <i>Leia Mulheres</i> como temática/objeto de pesquisa.	31
Quadro 2 – Relação de obras lidas em 2019.	53
Quadro 3 – Relação de obras lidas em 2020.	54
Quadro 4 – Relação de obras lidas em 2021.	55
Quadro 5 – Relação de obras lidas em 2022.	56
Quadro 6 – Respostas à pergunta: “Como descreveria sua experiência como participante do <i>Leia Mulheres Cascavel</i> ?”	74
Quadro 7 – Obras que despertaram maior interesse das pessoas participantes do <i>Leia Mulheres Cascavel</i>	77
Quadro 8 – Respostas à pergunta: “Qual sua percepção sobre a experiência de compartilhar suas impressões e interpretações de leitura e também ouvir a de outras pessoas?”	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 NA BUSCA DE UM TETO TODO MEU, ENCONTREI O <i>LEIA MULHERES CASCAVEL</i> – MEMORIAL DO ENCONTRO	17
1.1 AS DESPOSSUÍDAS: TRAJETÓRIAS DA AUTORIA FEMININA NO BRASIL	24
1.2 O <i>LEIA MULHERES</i> É PARA TODO MUNDO	33
2 PELOS BECOS DA LEITURA: <i>LEIA MULHERES CASCAVEL/PR</i>.....	43
2.1 AUTORAS, OBRAS, OUTRAS	52
2.1.1 Autoras	53
2.1.2 Obras	62
2.1.3 Outras	64
3 E SE EU LESSE MAIS MULHERES? APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS REVERBERAÇÕES DO <i>LEIA MULHERES CASCAVEL</i>	71
3.1 O LUGAR SOCIOECONÔMICO E A CULTURA DE LEITURA DAS PESSOAS PARTICIPANTES DO <i>LEIA MULHERES CASCAVEL</i>	71
3.2 DA PELE PARA DENTRO: SIGNIFICAÇÕES DO <i>LEIA MULHERES CASCAVEL</i>	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS: REVERBERAÇÕES ENTRELAÇADAS	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES.....	94
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM AS MEDIADORAS DO <i>LEIA MULHERES CASCAVEL</i>	94
APÊNDICE B – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO ‘ <i>LEIA MULHERES CASCAVEL</i> E SUAS REVERBERAÇÕES’.	104

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco central o clube de leitura *Leia Mulheres* de Cascavel, cidade localizada na região oeste do Paraná. A delimitação se dá por esse ser o coletivo do qual participo desde o seu início, em abril de 2019. Aliás, para ser mais precisa, participo desde o segundo encontro, pois não fui ao primeiro por não ter conseguido ler a obra com antecedência, lendo-a cerca de dois anos depois. *Um teto todo seu*, publicado em 1929, de Virginia Woolf, foi a primeira obra lida no *Leia Cascavel*¹ e se tornou uma de minhas referências e inspirações para a elaboração do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação, que contém em seu título uma paráfrase em menção à obra. Já de início, o *Leia Mulheres Cascavel* trouxe para a pauta um protesto em forma de ensaio, no qual Woolf faz reflexões e questiona o papel social da mulher, apoderando às mulheres o direito de também produzir e consumir ficção e denunciando que a pouca produção feminina na área não se devia de forma alguma à falta de criatividade ou capacidade; mas, sim, à ausência de condições e de um teto só seu para que as mulheres pudessem escrever, fator historicamente observável e reproduzido ao longo do tempo.

Como objetivo geral da pesquisa, resalto a necessidade e relevância de localizar a situação histórica, social, étnica, racial e geográfica das pessoas participantes do *Leia Mulheres Cascavel*, assim como das autoras lidas no clube. Um movimento importante para a ruptura da ideia essencialista da existência de uma mulher universal, como se todas as mulheres fossem socializadas, vistas e integradas igualmente na sociedade e vivenciassem as culturas, as relações sociais em seus variados âmbitos (família, educação, trabalho, religiosidade, relacionamentos afetivos) de maneira similar. Trata-se de uma grande falácia que (re)produz estereótipos, desigualdades, violências, padrões estéticos e de comportamento que permeiam a vida das mulheres desde a base da pirâmide social até o seu topo, apresentando nuances e características distintas, próprias ao meio cultural, social, geográfico e econômico em que estão inseridas. Contudo, vale ressaltar que alguns grupos de mulheres sofrem e são atravessados por um acúmulo de desigualdades, preconceitos e violências que se agregam e tornam os impasses e enfrentamentos diários ainda mais difíceis de serem combatidos e superados.

Como objetivos específicos, proponho: a) Elaborar um levantamento das autoras e obras lidas pelo clube de leitura *Leia Mulheres Cascavel*; b) Apontar as reverberações do *Leia Mulheres Cascavel* com base na análise dos dados coletados por meio de questionário, aplicado

¹ Forma carinhosa pela qual me refiro ao *Leia Mulheres Cascavel*.

às pessoas participantes, de entrevista com as mediadoras, e das informações sobre as ações do coletivo disponíveis no perfil @leiamulherescascavel do *Instagram*.

O *Leia Mulheres Cascavel*, desde seu início até o presente momento, realizou leituras de obras literárias e teóricas, nacionais e internacionais, oportunizando debates e diálogos sobre pautas como: feminismos, empoderamento, resistência, sexualidade, racismo, identidades de gênero, papel social da mulher em diferentes épocas, sororidade, maternidade, orientação sexual, violências de gênero, etarismo, entre outras. Temáticas necessárias que possibilitam àquelas/àqueles que participam do clube de leitura experienciar coletivamente a tomada de consciência sobre a diversidade de ser mulher, os desafios e enfrentamentos, os movimentos e atos de resistência que permeiam a história das mulheres, que inúmeras vezes sofreram com o processo de apagamento histórico – característico de uma história escrita a partir da perspectiva masculina, e o desejo de transformar a realidade social vivenciada.

Para compreender e fundamentar tanto a análise dos dados coletados quanto de embasamento teórico e sócio-histórico da temática pesquisada, fez-se necessária revisão da literatura no que diz respeito à leitura, seus efeitos e recepções com suporte nos estudos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1989), Guacira Lopes Louro (2000), Norma Telles (2004) e Michèle Petit (2010; 2013). Com relação ao campo literário, à crítica feminista e à presença das mulheres na literatura, Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2008; 2010), Rita Terezinha Schmidt (2008; 2012), Regina Dalcastagnè (2012), Virginia Woolf (2014), Pierre Bourdieu (2017) e Lúcia Osana Zolin (2019) são algumas das pesquisadoras e pesquisadores que serviram de aporte teórico para discussões sobre autoria feminina, as reverberações do *Leia Mulheres Cascavel* e da leitura de livros escritos por mulheres. A análise dos dizeres das pessoas participantes também teve como base referencial, novamente, Michèle Petit (2010; 2013) sobre o potencial de transformação e formação de si por meio da leitura e da leitura compartilhada e Márcia Alves Tassinari e Wagner Teixeira Durange (2014) com relação a experiências empáticas.

Assim, o trabalho se apresenta da seguinte forma: em *Na busca de um teto todo meu, encontrei o Leia Mulheres Cascavel – memorial do encontro*, narro os caminhos por mim trilhados até a construção do projeto de pesquisa no qual me baseei para esta dissertação de Mestrado. A subseção *As despossuídas: trajetórias da autoria feminina no Brasil* é destinada à contextualização da historiografia e à construção do cânone literário no Brasil, que desconsiderou e marginalizou a autoria feminina em sua constituição; ao trabalho de pesquisadoras e pesquisadores em reescrever a historiografia literária brasileira e dar

visibilidade às escritoras e suas obras; e à inserção da autoria feminina e do *Leia Mulheres* como área e temática de pesquisa acadêmica e científica nas universidades brasileiras. À guisa de proporcionar maior (re)conhecimento das pesquisas realizadas sobre o *Leia Mulheres* e de enriquecer a presente dissertação, foi elaborado um quadro de apresentação do estado da arte de pesquisas de Pós-graduação *Stricto Sensu* voltadas à temática e à análise do projeto *Leia Mulheres* – que, por ser um projeto recente (início em 2015), tem recebido maior evidência em produções acadêmicas nos últimos quatro anos. Na subseção *O Leia Mulheres é para todo mundo*, me dedico à descrição e apresentação do projeto nacional, suas origens e os caminhos que vem trilhando e conquistando no Brasil e no exterior. Na seção *Pelos becos da leitura: Leia Mulheres Cascavel*, situo geograficamente o objeto da pesquisa, apresento suas características e seu modo de organização. Na subseção seguinte, intitulada *Autoras, obras, outras*, afunilo o olhar para as *autoras* e *obras* lidas, bem como *outras* atividades realizadas pelo coletivo. Ademais, analiso em que medida o *Leia Mulheres Cascavel* se apresenta e caracteriza como um coletivo para além de um clube de leitura. Em *E se eu lesse mais mulheres? Apresentação e análise das reverberações do Leia Mulheres Cascavel*, elucido a metodologia e os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa e para a coleta de dados; na subseção *O lugar socioeconômico e a cultura de leitura das pessoas participantes do Leia Mulheres Cascavel*, os dados coletados por meio da primeira rodada do questionário aplicado, com questões fechadas – cujo intuito era localizar o lugar socioeconômico e cultural ocupado pelas pessoas participantes –, são apresentados e analisados; seguido por *Da pele para dentro: significações do Leia Mulheres Cascavel*, em que a segunda rodada de perguntas do questionário, composta por questões abertas referentes à participação no clube de leitura e às leituras realizadas de forma compartilhada, tem suas respostas apresentadas e analisadas. Por fim, em *Considerações finais: reverberações entrelaçadas*, um ponto que não é o final é dado para a conclusão deste estudo.

A partir da minha vivência e tomada de consciência do coletivo *Leia Mulheres Cascavel* como um espaço que possibilita ações e debates de resistência, representatividade e empoderamento, torna-se possível compreender o interesse, a justificativa e relevância desta pesquisa sobre as reverberações do projeto como convite e motivação para que outras pessoas leiam livros escritos por mulheres e, assim, deem pregão às vozes (de mulheres) silenciadas por tanto tempo.

Considero relevante proporcionar visibilidade às reverberações do clube de leitura pois pude senti-las e presenciá-las como participante do *Leia Mulheres Cascavel*. Um clube de

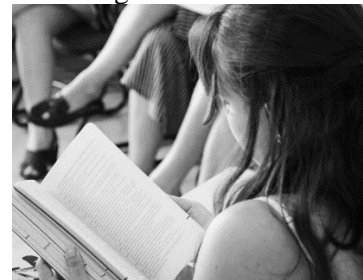
leitura e coletivo que possibilitou me sentir integrante de uma comunidade, um espaço de acolhimento e de troca de vivências, onde pude e posso compartilhar meu encantamento pela literatura com outras pessoas, além de aprender, debater, questionar conceitos e teorias em um espaço que se distingue do espaço acadêmico ao mesmo tempo em que se comunica com ele.

Na condição de participante do *Leia Mulheres Cascavel*, propus esta pesquisa com vistas a expandir as análises para as/os demais participantes, buscando compreender quais são as reverberações do *Leia Mulheres Cascavel*, assim como analisá-lo também enquanto um espaço de debate, resistência, representatividade e empoderamento que extrapola o momento dos encontros. Isso porque o coletivo possibilita o acesso a conteúdos que são compartilhados por meio de seu perfil no *Instagram* e de seu grupo no *WhatsApp*, além da participação e parceria do *Leia Mulheres Cascavel* em eventos e projetos realizados por instituições de ensino superior e outras entidades.

1 NA BUSCA DE UM TETO TODO MEU, ENCONTREI O *LEIA MULHERES CASCAVEL* – MEMORIAL DO ENCONTRO

Talvez toda pessoa que trabalha com a leitura deveria pensar em seu próprio percurso como leitor.
(*Michèle Petit*)

Figura 1 – Registro de um encontro



Fonte: Perfil *Instagram* @leiamulherescascavel, 26 de janeiro, 2020.

A jornada trilhada para a elaboração desta pesquisa e dissertação começa muito antes de ela existir como tal. E, aqui, faz-se necessário apresentar a minha caminhada de leitora participante à pesquisadora integrante do *Leia Mulheres Cascavel*.

Antes mesmo de me tornar participante do *Leia Mulheres Cascavel*, tive conhecimento sobre a existência do projeto em outras cidades por meio de canais de *booktubers*² que participavam, faziam a mediação dos clubes de suas cidades ou que se referiam ao projeto *Leia Mulheres* como um espaço de partilha das impressões de leitura, debate sobre as autoras e suas obras e fortalecimento da leitura de obras de autoria feminina.

Os vídeos sobre livros foram um achado festivo, pois eu sentia, muitas vezes, a necessidade de partilhar com outras pessoas as impressões e os sentimentos sobre algum livro que havia lido. No entanto, não havia um espaço que possibilitasse essa partilha; pelo menos, nenhum que fosse de meu conhecimento e que a realizasse de maneira gratuita e não acadêmica. Ocorriam apenas poucos momentos de conversas com amigas e amigos durante algum encontro ou enquanto esperávamos o ônibus para casa após as aulas da graduação do curso de Pedagogia. Nessas situações, o assunto era abordado e partilhávamos algumas leituras que havíamos feito, dando e recebendo indicações de outros livros, mas sempre de uma maneira mais superficial, em conversas nas quais os assuntos são tantos e mudam rapidamente para dar vez a outros.

² Segundo Arantes (2017, p. 70), “*BookTubing* é o nome dado ao sistema de relatos sobre livros que fica ‘hospedado’ na plataforma de vídeos *YouTube*”. *Booktubers* é como são chamados os criadores de vídeos sobre livros.

As (os) *booktubers*, ao relatarem nos vídeos as impressões de leituras, supriram parcialmente a demanda que eu sentia, pois buscavam apresentar e aprofundar as informações sobre o livro lido, como autoria, trabalho editorial e características físicas das obras (diagramação, capa, elementos pré e pós-textuais), além de curiosidades e links com outras leituras, valores dos livros, sites e livrarias *on-line* nas quais havia livros em promoção. Ademais, as sugestões de leitura me auxiliaram a expandir minhas áreas de interesse na literatura, apresentando obras e autorias das mais diversas, com temáticas novas para mim – e outras nem tanto –, abordadas de maneiras distintas que possibilitaram a ampliação dos horizontes e das perspectivas em relação aos temas e à literatura como um todo.

A leitura – e, em destaque, a leitura de literatura – possui um espaço e um papel de grande relevância em minha formação. Por isso, passo a apresentar um pequeno memorial relativo a essa formação como estudante e pesquisadora; mas, antes de qualquer coisa, sobre a minha constituição como leitora e como pessoa, e na condição de sujeita mulher que está inserida em uma sociedade em que a leitura literária e os espaços de leitura que se assemelhem ao *Leia Mulheres* não são democraticamente acessíveis, tampouco alcançam a valorização e relevância apropriadas.

Nele, comparecem as imagens de um bosque. Um banco: dois troncos e uma tábua pintada de azul. Minha mãe e eu. Gravetos. Cerquinhas. Animais. Imaginação compartilhada. Histórias inventadas. Faz-de-conta.

No bosque, o silêncio sussurrante de minúsculos seres, as folhas das árvores na dança constante sustentada pelos ventos. A singularidade dos cheiros e do ar, como se, numa confusão dos sentidos, cheiro tivesse cores: verde-musgo, ocre, marrom, verde-claro... e sabores: do gosto daquela terra gorda, pois nutrida de vida; das folhas em decomposição; do ar espesso e encorpado, enlaçado e transpirado pelas árvores. Nesse lugar, a magia, o onírico, o fantástico eram tão possíveis e verdadeiros quanto os troncos das árvores, o banco, minha mãe e eu.

As fogueiras de São João, quando a comunidade toda do Rancho Alegre³ se juntava no terreiro, no quintal da casa da dona Maria ou da dona Benita, comendo pipoca e tomando quentão. Todos conversando, sentados em bancos ao redor da fogueira. Nós, crianças, correndo e brincando no escuro. Quando então as vizinhas e moradoras mais velhas começavam a contar as histórias que ouviam enquanto crianças lá em suas terras, para as bandas do norte do país. As histórias de Trancoso, as lendas de lobisomem, de mula-sem-cabeça, os causos de aparição

³ Comunidade rural na qual eu residia.

e assombração que vizinhos diziam ter acontecido na “abaixadinha”⁴ – pela qual eu não passei sozinha por anos e onde minha mãe me esperava quando eu voltava da escola. Depois das festividades, voltar a pé para casa, a caminho iluminado apenas com a luz da Lua e do farolete, a caminhada feita com meu pai e minha mãe, eu no meio deles, grudada no braço de minha mãe, com medo de cada barulho após ter a imaginação atiçada pelas histórias contadas.

Vários cadernos foram riscados com minhas garatujas durante a infância até que, finalmente, aqueles símbolos que tanto me encantavam e que eu tentava reproduzir começaram a possuir sentido, a significar e representar tantas coisas em minha vida e no (meu) mundo. Aos poucos, as palavras escritas foram sendo apropriadas e a literatura foi criando e ganhando espaço na minha existência.

Gibis da Turma da Mônica e as revistas recreativas que meu pai comprava sempre que podia quando ia à cidade e com os quais eu passava horas entretida, lendo e completando as atividades.

Uma amiga e vizinha de sítio que lia em voz alta para mim enquanto esperávamos o horário das nossas aulas, sentadas num cantinho mais silencioso atrás da biblioteca do colégio.

Uma fitinha de Nossa Senhora Aparecida, duas voltas no pulso, três nós, três pedidos. Um dos pedidos: “ter vários livros, igual numa biblioteca”.

Uma amiga e o nosso professor de Sociologia, que era seu pai. Os empréstimos de livros e a gentileza de se disponibilizar a fazer compras nas livrarias *on-line*, já que eu não possuía acesso à Internet no sítio em que morei até os meus dezessete anos.

As tardes passadas no quarto lendo, quando as histórias tanto me envolviam que até esquecia de parar para comer e minha mãe vinha sorrateiramente, olhava pela janela do quarto e perguntava se eu não pararia de ler um pouco para ficar com ela.

Uma professora, que foi uma grande amiga por um tempo. O incentivo à leitura, um livro de presente com dedicatória, a ajuda e as correções de redações para as provas de vestibular e do Enem⁵.

Ser aprovada numa Universidade Tecnológica Federal. A mudança para a cidade. A insuficiência de fundamentação teórica básica para as disciplinas das Ciências Exatas. O sentimento de frustração, de incapacidade, de farsa. A constante insinuação de que aquele espaço não me pertencia, de que eu não merecia estar ali. A desistência. A dor. A decepção. O

⁴ Parte da estrada com uma descida, um pequeno barranco, roça de um lado e mato fechado do outro, que ligava as várias entradas para as casas das vizinhas e dos vizinhos do Rancho Alegre.

⁵ Exame Nacional do Ensino Médio.

desespero. A depressão. A mãe e os livros: únicas fontes de consolo que me fizeram resistir à dor e à angústia de não me sentir boa e inteligente o suficiente.

Ser aprovada numa Universidade Estadual. A Pedagogia. A esperança. O medo de não conseguir de novo.

A morte da mãe... o pior pesadelo e o maior medo materializados. O concreto que se efetiva pela falta: “quem eu vou ser sem ela? /como eu posso ser sem ela?” (Lovelace, 2017, p. 76-77).

Sobreviver. Estudar. Desmoronar. Por vezes seguidas. Tentar de novo. E de novo.

As aulas. Amizades. Conhecimentos e aprendizagens. Leituras. Professoras e professores. Inspirações. Acolhimento.

Uma mãe postiça, “Mamapoti”. Um pai presente e afetuoso. Terapia. Ressignificações. Livros – muitos! A literatura... o *Leia Mulheres Cascavel*.

Entre tantos desafios, memórias afetivas, dores e angústias, a literatura sempre esteve presente, permeando minha existência – ora me confortando, ora me instigando, causando-me revolta, fazendo-me sorrir, fazendo-me chorar. A literatura, assim como a música e o cinema, sempre foram e continuam sendo uma constante em minha vida. A cultura artística, com sua sutileza e generosidade em nos fazer transbordar, em viver mil vidas em uma, viajar por meio dos sentidos e das sensações que alenta.

Com relação ao passado, memórias e lembranças, Vilas Boas (2008) nos explica que,

O passado conserva-se no espírito de cada ser humano e aflora à consciência na forma de imagens lembranças. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos e dos intervalos regulares de tempo, há lembranças que não desaparecem. Elas podem reviver em uma rua, em uma sala, em certas pessoas, em um estilo, em uma maneira de pensar, sentir, falar que são resquícios de outras épocas. (Vilas Boas, 2008, p. 230-231).

Essas outras épocas e a percepção de completude e identificação quando, durante a leitura, o clima narrado é o mesmo em que estou: o mesmo dia da semana, os mesmos sentimentos. Quando as palavras de uma personagem ou de um narrador ou narradora conseguem expressar aquilo que se está sentindo e pensando, mas que ainda não se sabe como dizê-lo, ou que ainda não foi interpretado e compreendido no plano da consciência. Nesses momentos, há o maravilhar-se, a sensação de que existem conexões na vida que estavam despercebidas até então, um misto de enaltecimento e pertencimento.

O aconchego de ser acalentada por um livro, um “abraço abrigo” em momentos em que a realidade e as vivências não conseguem proporcionar esse lugar, pois o sofrimento, o medo e a insegurança se mostram tão agudos que não há como e nem para onde fugir. A literatura é este não-lugar, materializado nos livros, um amparo que possibilita a pausa necessária para o processo de cura, para a ressignificação, para a construção de si – como descreve Michèle Petit (2013) sobre o relato de adolescentes e adultos a respeito das leituras que se tornaram importantes em suas vidas,

Algumas vezes, uma página ou frase que leram e que falaram algo sobre eles. Essas frases, esses fragmentos de textos, funcionam como insights, como tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, como esclarecimentos sobre uma parte de si mesmos até então desconhecida. É o texto que ‘lê’ o leitor, que sabe muito sobre ele, sobre regiões nele que ainda não haviam sido exploradas. O texto, de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor tem dentro de si. E às vezes o leitor encontra ali a energia, a força para sair de um contexto em que estava preso, para se diferenciar, para se libertar dos estereótipos aos quais estava preso. (Petit, 2013, p. 46).

E, então, o objeto fez-se lugar, um espaço, um teto sob o qual se abrigar e se (re)construir, ressignificar experiências vividas. Assim,

Essa leitura é transgressiva: nela o leitor volta as costas aos seus, foge, ultrapassa a soleira da casa, do lugarejo, do bairro. É desterritorializante, de saída. [...] Este espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito. Porque os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do quem leem, interpretam o texto, e deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias. (Petit, 2013, p. 42-44).

Nessa troca de significações proporcionada pela leitura da literatura me abriguei, e continuo me abrigando, inúmeras vezes, independentemente dos momentos e sentimentos vividos. Ela se tornou o meu lugar, substituí de forma simbólica o bosque da infância, um bosque psíquico agora todo meu, diferente daquele que não me pertencia e nem à minha família, mas que segue registrado nas memórias e nos afetos que carrego.

Em sua obra *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Umberto Eco (1994, p. 12) explica que “‘Bosque’ é uma metáfora para o texto narrativo, não só para o texto dos contos de fadas, mas para qualquer texto narrativo”. Usando uma metáfora criada por Jorge Luis Borges (1999), o autor define que,

[...] um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou por aquela direção. (Eco, 1994, p. 12).

Espaços vazios dentro das narrativas os quais a leitora ou o leitor preenche com suas escolhas, inferências e interpretações. Espaços que preenchemos com base na nossa perspectiva, no lugar que ocupamos como seres sociais e em como fomos inteirados nesse meio. Nossas paixões, nossas angústias. Escolhas que nos tornam coautoras e coautores da narrativa dentro dos limites e das possibilidades que ela proporciona, considerando também nossa memória – que pode ser considerada um desses “bosques”.

Vários bosques atravessaram meu caminho: o de minha infância, aquele que construí psicologicamente durante minhas leituras de literatura e o de Umberto Eco.

Há também o “bosque de névoa” que, quando adentrado, perdem-se os caminhos. As trilhas se dissipam com a neblina, a visão se torna turva. Lá é sempre sombrio e chuvoso. Não há movimento, apenas os troncos das árvores com suas copas tão altas e tão juntas que se torna impossível enxergar algum vestígio do céu que deveria estar ali. Escolher um caminho a seguir, sem saber para onde vai levar, petrifica. Qualquer escolha se torna vida ou morte, cada passo se torna extenuante e opressor. Manter-me encolhida o máximo possível parece ser a decisão mais segura, mas o tempo continua passando e algum movimento precisa ser feito. Não se pode ficar ali parada, porque o tempo não espera ninguém, a vida continua acontecendo e é preciso reagir, ser forte, encontrar a saída. E começo a andar para qualquer lado, um lado que parece o melhor naquele momento; mas, passado um tempo, percebo que estou andando em círculos, que estou de volta ao ponto de partida. O desespero toma conta e não há ninguém ali comigo: – Você está sozinha! Eu estou sozinha!

A meio caminhar de nossa vida /fui me encontrar em uma selva escura: /estava reta a minha via perdida. /Ah! que a tarefa de narrar é dura /essa selva selvagem, rude e forte, /que volve o medo à mente que a figura. /De tão amarga, pouco mais lhe é a morte.⁶ (Alighieri, 1998, p. 25, tradução de Italo Eugenio Mauro).

⁶ “Nel mezzo del cammin di nostra vita /mi rivotrai per una selva oscura, /ché la diritta via era smarrita. /Ahi quanto a dir qual era è cosa dura /esta selva selvaggia e aspra e forte /che nel pensier rinova la paura! /Tant’è amara che poco è più morte.” (Alighieri, 1998, p. 25).

Esse bosque é, também, um bosque psíquico. No entanto, bem diferente daquele criado por meio da leitura: adentrar nele não é uma escolha. O que tentei simbolizar aqui, por meio da metáfora do “bosque de névoa”, é a convivência com o Transtorno de Ansiedade Generalizada e a Depressão Maior – convivência que precisa ser aprendida e mediada todos os dias.

Foi em meio a essa convivência que se iniciou minha participação no *Leia Mulheres Cascavel*, do qual não participei do primeiro encontro por não ter lido a leitura proposta, ou melhor, por ter medo de ser rechaçada por não tê-la lido, claro traço da autocobrança existente. No segundo encontro, tímida e temerosamente, levantei a mão para comentar algo sobre a obra e da leitura que tinha me chamado a atenção e as pessoas, ali, tão entusiasmadas com o debate, nem perceberam meu movimento, a insegurança de também não me sentir pertencente daquele grupo e lugar. Até que uma professora e querida amiga interveio em meu auxílio e queixou-se por não darem atenção ao fato de eu ter levantado a mão para falar, momento em que fui acolhida tanto por ela quanto pelas demais pessoas participantes que não haviam se dado conta do meu gesto e devido à grande quantidade de pessoas que queriam também contribuir para o debate.

Aos poucos, com o tempo e a convivência, fui percebendo que aquele espaço não era um espaço para ser temido, pois estava, e continua sendo, construído por todas e todos que ali estavam e que buscavam e buscam fazer dele um espaço distinto, acolhedor em que se possa falar, questionar e problematizar sem receios e medo de reprovação. As interpretações e relatos de leitura, as experiências subjetivas sendo acolhidas e respeitadas, as divergências de opinião e de percepção sobre as obras sendo compartilhadas e debatidas com empatia e respeito de forma não violenta, relações de amizades sendo construídas de forma saudável e enriquecedora. Essas características tornaram e tornam o *Leia Mulheres Cascavel* um espaço fundamental para mim e, suponho, para outras pessoas participantes também.

No ano de 2020, em meio à pandemia da COVID-19, depois de muito conversar com alguns amigos que estavam cursando a pós-graduação e de saber da publicação do edital de seleção, comecei a cogitar a possibilidade de tentar o ingresso no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. A única convicção que tinha, naquele momento, era a de que queria estudar e pesquisar sobre literatura. Quanto à delimitação de tema e ao objeto de pesquisa, não havia nada definido. Várias possibilidades foram pensadas e logo depois descartadas, pois ora eram temáticas muito abrangentes, ora belos devaneios.

Num sábado qualquer, enquanto fazia a faxina na casa em que morava, o tema “pós-graduação” voltou à mente. Naquele momento rotineiro dos afazeres domésticos de uma pessoa

que morava sozinha, o objeto de pesquisa se fez percebido pela consciência: pesquisar o clube de leitura do qual era – sou – participante. De imediato, entrei em contato com uma amiga e um amigo, ambos pós-graduandos, que moravam próximos a mim, perguntando se poderíamos nos encontrar para conversarmos sobre minha ideia, saber a opinião deles, se consideravam que este seria um tema válido de pesquisa, as etapas que precisava cumprir para concorrer a uma vaga. Foram esses amigos que me ajudaram muito durante todo o processo de seleção, auxiliando-me com as questões burocráticas, incentivando e me motivando a tentar, lendo meu pré-projeto de pesquisa. Enfim, esses amigos me apoiaram e não me deixaram afundar nos sentimentos de incapacidade e medo – fator que fez toda a diferença e que, com toda a certeza, colaborou para meu ingresso como estudante do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Aprovação que deu início a uma nova jornada de estudos e aprendizados, que se materializam nestas palavras aqui escritas.

A pesquisa de campo de cunho participante foi a técnica e o método escolhidos por serem julgados os mais adequados neste contexto, pois, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 194), a pesquisa participante “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo e se confunde com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. Neste caso, antes mesmo de me identificar como pesquisadora sobre o *Leia Mulheres Cascavel*, identifiquei-me como participante e integrante desse clube de leitura. E, a partir desse lugar, avanço para a pesquisa, adentrando no espaço acadêmico para aprofundar os conhecimentos teóricos, bem como para apresentar e levar ao conhecimento do universo acadêmico um espaço não acadêmico, que também proporciona o debate e a formação leitora e crítica, atribuindo à pesquisa um caráter de “meio de diálogos” necessário entre universidade e sociedade, num intercâmbio de conhecimentos e debates que se tornam possíveis por meio do duplo papel de pesquisadora e participante.

1.1 AS DESPOSSUÍDAS⁷: TRAJETÓRIAS DA AUTORIA FEMININA NO BRASIL

Kimoe o fitou chocado, a ponto de perder a polidez.
– [...] Certamente o senhor não pode fingir, no *seu* trabalho, que as mulheres sejam *iguais* ao senhor?
Em física, em matemática, no intelecto? O senhor

⁷ Título inspirado na obra *Os despossuídos*, originalmente publicada em 1974, de Ursula K. Le Guin – leitura de abril de 2022 do *Leia Mulheres Cascavel*.

não pode fingir estar sempre se rebaixando ao nível delas! [...]

Shevek mudou de assunto, mas continuou a pensar a respeito. Aquela questão de inferioridade e superioridade devia ser fundamental da vida social urrasti. Se para se sentir digno Kimoe precisava considerar metade da raça humana inferior a ele, como as mulheres faziam para se sentir dignas?

(Ursula K. Le Guin)

A temática “mulher e literatura” vem conquistando seu lugar no cenário acadêmico brasileiro há algum tempo e tem contribuído com perspectivas e análises que agregam em potencial o conhecimento e o debate sobre tal, bem como dado maior visibilidade às obras e autoras até então deixadas à margem da literatura considerada canônica – destarte meritória de destaque, referência e valorização no campo literário, sendo inscritas na historiografia literária da qual sofreram um processo histórico de apagamento.

Sobre o processo de apagamento que obras de autoria feminina sofreram na historiografia literária brasileira, Rita Terezinha Schmidt (2008) destaca que, ao passar a ser vista como um fenômeno social e histórico, logo, inserida em um contexto com “modos de produção material e processos sociais concretos” (p. 129), a literatura passa a ser analisada a partir da relação com as representações culturais,

Com modos de subjetivação e com a constituição de identidades, particularmente à luz do reconhecimento das relações saber/poder e poder/saber inscritos nos mecanismos de controle e legitimação do processo de construção das tradições literárias. (Schmidt, 2008, p. 129).

A autora ainda salienta que a literatura, ao ser vista como mais do que uma arte cujo valor estético se sustentava por noções de uma forma ideal, genuína e universal, torna-se integrada à cultura, “[...] um campo de produção histórico-social atravessado por diferentes valores, relações e interesses específicos (Schmidt, 2008, p. 128). A literatura inscrita na historiografia até então se caracterizava como um meio e espaço utilizado para a construção e disseminação de um ideal de indivíduo com subjetividades homogeneizadas, cuja finalidade seria a estratificação da sociedade moderna baseada no eurocentrismo e na cultura dominante.

Como consequência, a formação e construção da historiografia da literatura brasileira se baseou, majoritariamente, em obras de escritores homens, brancos e de classe média, que se tornaram canônicas e legítimas em detrimento daquelas tidas à margem da literatura, como por exemplo as obras de autoria feminina, que não serviam ao ideal burguês de sociedade da época.

Os gêneros e estilos narrativos empregados nas obras constituidoras do cânone literário brasileiro carregam, em sua estrutura, modelos específicos de construção da masculinidade e feminilidade, difundindo uma organização e composição social que fortalece o poder patriarcal (Schmidt, 2012).

Isso significa não haver neutralidade na constituição do cânone, visto que serve a um propósito que não se limita ao campo literário.

Partindo dessa alegação se faz de suma importância histórica que se examinem as narrativas que foram suprimidas e jogadas às margens da nação e, conseqüentemente, excluídas do campo da investigação histórica e literária. Tratar dessa questão no presente significa a possibilidade de uma intervenção transformadora nos discursos nacionais da cultura com implicações sobre as maneiras pelas quais entendemos como os imaginários sociais foram produzidos e como as identidades e tradições nacionais foram estabelecidas. (Schmidt, 2012, p. 64-65).

Neste ponto, é possível afirmar que para a construção social objetivada pelo ideário burguês, eurocêntrico e patriarcal era necessário que algumas obras fossem invisibilizadas, e que as obras “certas” fossem lidas pelas pessoas “certas”. E aqui se configuram alguns atores do campo literário: aquele que escreve e aquele que lê, sujeitos imprescindíveis para as construções identitárias e consolidação do imaginário social. A essa altura, cabe mencionar que as mulheres dificilmente eram as protagonistas nesses papéis.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman destinaram um capítulo de *A formação da leitura no Brasil*, obra publicada originalmente em 1996, para analisar a questão de gênero no que concerne à formação de um público leitor feminino no Brasil na virada do século XIX para o século XX. As pesquisadoras apontam que, apesar de a leitora ser uma figura privilegiada na história da literatura, sua presença e relevância nem sempre foram levadas em consideração. Sobre a figura da leitora, as pesquisadoras frisam que

Sua presença e participação se fizeram notar a partir do surgimento da imprensa e do fortalecimento da escola, que lhe conferiu a condição de sujeito diferenciado, marcado pela identidade de gênero. Portanto, a história da leitora tem um início, que coincide com o nascimento da modernidade [...]. Essa história se traslada para o Brasil que, como sociedade periférica e dependente, lhe atribui formas peculiares, transferindo à sua protagonista um perfil específico. (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 318).

De acordo com as autoras, a ascensão e fortalecimento da burguesia fez emergir também suas reivindicações, sendo a formação intelectual e a instrução de suas crianças responsáveis

pelas transformações ocorridas na área educacional. Reforma que se definiu como sustentáculo inicial para a constituição da educação contemporânea.

O movimento para a implementação de um novo sistema de ensino repercutiu na discussão sobre a educação da mulher, já que se apresentou necessária sua instrução para assumir as tarefas dos aferes do lar e cuidados com a família, papel de grande destaque – apesar de recalcado –, em consonância com a escola, para a formação do quadro social almejado pela burguesia. Essa conjuntura ecoou no âmbito da literatura, advindo daí novos gêneros literários com escritas consideradas mais prosaicas – como o romance e o folhetim, tidos como obras de consumo mais fácil ao invés de textos versificados como os de tendência épica (Lajolo; Zilberman, 2019). Espaços que foram autorizados às mulheres brasileiras apenas muito tempo depois, vindo a ocorrer após a separação de Portugal e restritos a uma pequena parcela da população feminina da época, elucidado o fato de serem mudanças visadas e empregadas com o intuito de uma classe social nacional burguesa. Norma Telles afirma que

É preciso ressaltar o papel fundamental desempenhado pelos produtos culturais, em particular o romance, na cristalização da sociedade moderna. Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações. (Telles, 2004, p. 415).

O intuito de traçar, aqui, uma explanação sobre a historiografia literária brasileira, o apagamento histórico das escritoras mulheres de seus compêndios e do que se cristalizou como cânone literário ao longo do tempo, a formação de um público de mulheres leitoras e a construção de uma sociedade nacional baseada no ideário burguês descendente direto do ideário colonizador é o de arrazoar os obstáculos enfrentados pelas mulheres que se dedicaram à escrita – mesmo quando o acesso à educação lhes era negado e que, com isso,

[...] tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional. (Telles, 2004, p. 417).

Um processo nem sempre bem recebido pela sociedade que estava se materializando e que, por essas e outras questões, foi invisibilizado por um longo período.

Uma notável fonte de referência de pesquisas sobre autoria feminina e mulher na literatura é o Grupo de Trabalho (GT) *A Mulher na Literatura*, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Criado em 1985 com o objetivo de reunir pesquisadoras/es interessadas/os no tema, agindo como um fórum para discussão, troca de experiências e veiculação de pesquisas sobre a mulher na literatura, dialogando com perspectivas informadas pela crítica feminista e pelos estudos de gênero. (*A Mulher na Literatura*, 2021, on-line).

Nesses quase quarenta anos de existência, o GT *A Mulher na Literatura* desenvolveu, divulgou e conferiu visibilidade a inmensuráveis trabalhos e pesquisas por meio dos seminários e congressos da ANPOLL e da ABRALIC⁸, bem como da disponibilização de boletins, catálogos e livros em sua *homepage* na internet, viabilizando o acesso e proporcionando o intercâmbio de saberes e conhecimentos advindos de pesquisadoras e pesquisadores nacionais e internacionais da área.

Constituído por pesquisadoras e pesquisadores com nível de Doutorado atuantes em programas de Pós-graduação, o GT *A Mulher na Literatura* foi precursor no país ao propor e se constituir como um grupo destinado ao estudo de questões voltadas à mulher e sua representação na literatura – iniciativa que possibilitou o reconhecimento do tema no meio acadêmico científico, do qual, até então, não era considerado objeto legítimo de pesquisa.

Dois exemplos de pesquisas e levantamentos de dados realizados pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores do GT são o “Catálogo de Escritoras Brasileiras”, que possui atualmente uma página exclusiva na *web*⁹, em que as escritoras são apresentadas conforme o século em que viveram e escreveram (XVIII, XIX e XX) com conteúdo e informações sobre suas vidas, obras, bibliografias, textos e todos os dados encontrados sobre cada escritora. O outro exemplo é a antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*, que conta com três volumes (1999, 2004 e 2009) publicados pela então Editora Mulheres em parceria com a Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (EDUNISC). Organizada pela pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, a antologia resgata e (re)escreve na história da literatura brasileira mais de uma centena de escritoras que sofreram com o apagamento histórico tanto de suas obras quanto de suas lutas e ocupações de espaços.

⁸ Associação Brasileira de Literatura Comparada.

⁹ Disponível em: <https://www.catalogodeescritoras.ufsc.br/>.

Não se trata simplesmente da exclusão de uma ou outra obra pelo fato de levar a assinatura de uma mulher, mas sim da negação a todas as escritoras do período, de acesso ao poder simbólico investido no estatuto da autoria. A autoria significa a inscrição de um sujeito no espaço sócio-histórico dos discursos que circulam em uma dada sociedade. A valorização da função autoral nas sociedades modernas patriarcais nasceu de um processo de territorialização masculina do poder de representar, de significar e de interpretar, poder que exerceu um papel regulador em todas as instâncias da vida social e cultural, incluindo-se aqui, a circulação, a recepção e a legitimação de textos literários. (Schmidt, 2012, p. 65-66).

Em seu artigo intitulado “A questão do cânone”, Muzart (1995, p. 86) atribui o enfoque do cânone ao “dominante” da época, ou seja, “conforme aquilo que se apresenta como detentor do poder em determinado período, podendo ser a ideologia dominante, o estilo, o gênero, a geografia, o sexo, a classe social”. E é esse poder de dominação e de detenção do poder que legitima o cânone de cada época.

Em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), Regina Dalcastagnè discorre sobre os dados levantados por uma pesquisa na qual analisou livros do gênero romance escritos por brasileiras (os) ou naturalizadas (os) publicados no Brasil pelas três mais importantes editoras no campo literário¹⁰ brasileiro entre 1990 e 2004. Ao analisar os dados, a pesquisadora e professora da Universidade de Brasília (UnB) constatou que, do *corpus* de 165 autores publicados, os homens representavam três quartos, ou seja, do total de 165, 120 eram homens (72,7%). Sobre esses dados, Dalcastagnè (2012) nos esclarece que

Não é possível dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos). Há um indício que sugere que a proporção entre escritores homens e mulheres não é exclusividade das maiores editoras. Uma relação de 130 romances brasileiros lançados em 2004, organizada para um prêmio literário, indica apenas 31 títulos escritos por mulheres, isto é, 23,8%, número bem próximo ao alcançado pela pesquisa. É uma evolução pequena, quando se compara com o período 1965-1979, que foi alvo de levantamento similar. Entre os autores dos romances da época publicados por Civilização Brasileira e José Olympio, então as principais editoras, apenas 17,4% são de mulheres. (Dalcastagnè, 2012, p. 229).

¹⁰ Segundo a autora, “O método adotado foi reputacional, isto é, pela consulta a ‘informantes-chave’, integrantes do próprio campo literário brasileiro. Trinta ficcionistas, críticos e pesquisadores de diferentes estados foram contactados por correio eletrônico, recebendo a seguinte pergunta: ‘Em sua opinião, quais são as três editoras brasileiras mais importantes para a publicação de prosa de ficção nacional, no período de 1990-2004?’ [...] Foram recebidas a tempo 24 respostas [...]. A Companhia das Letras foi mencionada por todos os 24 informantes; 17 (71%) citaram Editora Record e 14 (58%), a Editora Rocco.” (Dalcastagnè, 2012, p. 218-219).

Outro dado levantado pela pesquisa foi a homogeneidade racial: 93,9% dos autores e autoras estudados eram brancos. Dalcastagnè ainda analisou aspectos como naturalidade e cidade de residência das escritoras e escritores, nível de escolaridade, faixa etária quando da publicação de cada livro analisado, bem como aspectos das obras e das personagens de maior destaque ao que se refere ao período histórico e espaço em que se passam, gênero, raça, faixa etária, orientação sexual das personagens, profissão, condição econômica e nacionalidade. Ademais, analisou de maneira interseccional fatores como raça e condição econômica, gênero e profissão, gênero e espaço/ambiente em que são representados nas obras. Pesquisa pujante que, ao expor os dados coletados, assevera a discrepância de acesso e representatividade no campo literário brasileiro. Utilizando as palavras da pesquisadora: um território contestado para as minorias (que são majorias!) sociais.

Regina Dalcastagnè atua em outra relevante pesquisa como orientadora de Doutorado de Virgínia Maria Vasconcelos Leal, que, em 2008, defendeu a tese intitulada *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. A partir de um recorte e seleção de algumas autoras publicadas pelas editoras pesquisadas por Dalcastagnè (Companhia das Letras, Editora Record e Editora Rocco), Leal (2008) realiza uma análise no que se refere às autoras e suas obras e busca investigar em que medida contribuem e constroem uma representação de gênero que auxilie na conscientização feminista.

Por sua vez, Virgínia Maria Vasconcelos Leal, doutora-pesquisadora e membra do GT *A Mulher na Literatura*, orientou Raysa Ferreira Soares em sua pesquisa de Mestrado com o título: *#leiamulheres: campo literário e ciberespaço* (2019). A referida dissertação é uma entre quatro encontradas durante o levantamento do estado da arte de estudos realizados sobre o *Leia Mulheres*. As demais pesquisas identificadas são, em sua maioria, artigos científicos, dos quais alguns foram selecionados para compor o referencial teórico deste trabalho.

No processo de tear da pesquisa, os fios são tramados por meio do tempo e do espaço, entrelaçando vozes e conhecimentos. A sua temática vai sendo definida no tecer da escritura, com a qual cada pesquisadora-tecelã colabora com os fios e linhas de suas pesquisas. No quadro 1, listamos sete dissertações de Mestrado e uma tese de Doutorado em que o *Leia Mulheres* e contextos a ele vinculados foram temáticas e/ou objetos de análise.

Quadro 1 – Dissertações e teses contendo o *Leia Mulheres* como temática/objeto de pesquisa.

Autoria/ Ano	Título	PPG	IES	Palavras-chave
PACHECO, Gabriela Barbosa (2019)	MEDIAÇÕES NO CLUBE DE LEITURA LEIA MULHERES: Reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres (dissertação - Mestrado)	Comunicação Social	PUC-MG	Leia Mulheres; Mediação; Leitura; Reconhecimento; Feminismo.
PIRES, Michelle Claudino (2019)	‘Literatura feminina’ do Wattpad e o projeto ‘Leia Mulheres’: Repertórios em discussão no sistema literário brasileiro (dissertação - Mestrado)	Letras	UniRitter- RS	Sistema Literário Brasileiro; Repertório Literário; Wattpad; Projeto Leia Mulheres; Crítica Literária Feminista.
SOARES, Raysa Ferreira (2019)	#leiamulheres: campo literário e ciberespaço (dissertação - Mestrado)	Literatura	UnB - DF	Literatura brasileira contemporânea; Autoria feminina; Campo literário; Internet; Leia Mulheres.
SANTOS, Maria Aline de Campos dos (2019)	Do igual, o igual, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em Clubes de leitura (dissertação - Mestrado)	Psicologia Social	USP - SP	Clubes de Leitura; Coletivos de Leitura; Leitura Compartilhada; Leitura Dialógica; Experiência Estética Literária, Efeito Estético.
SALOMÃO, Amanda (2020)	Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura (dissertação - Mestrado)	Ciência da Informação	UFRJ - RJ	Leitura; Clubes de Leitura; Apropriação de Saberes; Perspectivas da Mulher; Transformação pessoal; Ciência da Informação.
SANTOS, Jeniffer Geraldine Pinho (2021)	Leia Mulheres – Salvador: uma comunidade de (des)formação (dissertação - Mestrado)	Crítica Cultural	UNEB – BA	Leia Mulheres; Leitura; Feminismo.
ROSSI, Jean Silveira (2022)	“Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar”: Leituras compartilhadas pela internet nos clubes <i>leia mulheres</i> (dissertação - Mestrado)	Comunicação	UFMS – RS	Usos Sociais das Mídias; Práticas de Leitura; Etnografia Digital; Clubes de Leitura; Leia Mulheres.

SOUSA, Milena Farias de (2022)	Mulheres lendo mulheres: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura Leia Mulheres – Salvador (tese - Doutorado)	Língua e Cultura	UFBA – BA	Linguística Aplicada; Análise de Discurso Crítica; Clube de Leitura; Identidades; Representação; Gênero; Feminismos.
---	--	---------------------	--------------	---

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Catálogo de Teses & Dissertações da Capes.

Essas produções científicas foram identificadas por meio de pesquisa no Catálogo de Teses & Dissertações da Capes. As palavras-chave “Clubes de leitura” e “Leia Mulheres” foram usadas simultaneamente na barra de pesquisa do catálogo de maneira a delimitar os resultados com base no assunto de interesse desta pesquisa: produções científicas que tivessem o *Leia Mulheres* como temática e/ou objeto de pesquisa. A busca retornou doze resultados; desses, dez eram dissertações de Mestrado e duas teses de Doutorado. No entanto, ao analisar detalhadamente cada resultado, compreendemos que oito entre as doze pesquisas correspondiam à delimitação de serem produções científicas em que o projeto/clube de leitura *Leia Mulheres* fosse a temática e/ou objeto ou um dos objetos da pesquisa: sete dissertações de Mestrado e uma tese de Doutorado. Outras duas dissertações (Palma, 2020; Brito, 2022) mencionavam o *Leia Mulheres*; no entanto, ele era apenas citado e brevemente apresentado como um exemplo dos clubes de leitura existentes no Brasil e, por isso, não foram inseridas no quadro acima. As outras duas produções científicas não condiziam com a temática pesquisada, visto que em uma o *Leia Mulheres* sequer era mencionado e a outra era de data anterior ao início do projeto.

Os títulos mencionados ocupam um papel de destaque neste estudo pois, além de darem visibilidade às pesquisas já existentes sobre o *Leia Mulheres*, são fundamentais como referências teóricas, contribuindo substancialmente para a análise de dados e na construção desta dissertação. Ademais, confirmam a relevância significativa que o projeto tem conquistado no meio acadêmico científico e no campo literário brasileiro ao impulsionar o consumo e a circulação de livros de autoria feminina brasileiros e internacionais, gerando a procura por tal produto, o que resulta na movimentação do mercado editorial para ofertá-lo. Não julgo ser o *Leia Mulheres* o único fator responsável pelas movimentações no campo literário brasileiro; mas, considerando a abrangência e adesão do projeto no país e no exterior, tem mostrado a importância de seu papel na valorização da autoria feminina.

1.2 O LEIA MULHERES É PARA TODO MUNDO¹¹

Uma literatura que ajuda a informar uma multidão de pessoas, que ajuda indivíduos a compreenderem o pensamento e as políticas feministas, precisa ser escrita em uma vasta gama de estilos e formatos. Precisamos de trabalhos principalmente direcionados à cultura jovem. Ninguém produz esse tipo de trabalho em contexto acadêmico.

[...]

O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo.

(bell hooks)

No ano de 2014, a escritora, editora e artista britânica Joanna Walsh criou o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014), em formato de *hashtag*, no seu perfil (@badaude) da rede social *Twitter*. Naquele formato, o projeto se constituía, inicialmente, como uma proposta para que mais obras escritas por mulheres fossem lidas naquele ano. Em artigo escrito para o jornal *The Guardian* no mesmo ano, Joanna Walsh iniciava o debate sobre a repercussão de sua *hashtag* com um título provocador em forma da seguinte pergunta: “Será que o #leiamulheres2014 mudará os nossos hábitos de leitura sexista?” (Walsh, 2014, on-line). A autora comenta, em um trecho do artigo, sobre como estava experienciando os efeitos de sua proposta:

Tem sido emocionante ver algumas das maneiras como a *hashtag* tem sido usada: como incentivo pessoal; um grito de guerra; uma celebração de conquistas recentes (prêmios de 2013 para Alice Munro, Lydia Davis, Eleanor Catton e mais) e de autoras que deveriam ser mais conhecidas. Tem sido usada para discutir escrita feminina e para conectar projetos de ‘leitura de mulheres’ em todo o mundo.¹² (Walsh, 2014, on-line, tradução minha).

O que começou como uma proposta para que mais obras de autoria feminina fossem lidas ganhou outras amplitudes ao servir como chave de conexão e disseminação de informações sobre a temática. O projeto expôs quão candente e atual o tema era e é, suscitando

¹¹ Título inspirado na obra *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, originalmente publicada em 2018, de bell hooks – leitura de agosto de 2019 do *Leia Mulheres Cascavel*.

¹² “It has been exciting to see some of the ways the hashtag has been used: as a personal incentive; a rallying cry; a celebration of recent achievements (2013 prizes for Alice Munro, Lydia Davis, Eleanor Catton and more) and of authors who should be better known. It has been used to discuss women’s writing, and to link up “read women” projects around the world.” (Walsh, 2014, on-line).

um interesse que se mostrou mútuo de muitas pessoas e arvorando problemáticas e movimentos para além da proposta inicial.

Em sua tese de Doutorado, Claudiene Diniz da Silva (2017) delimitou os quatro principais usos de *hashtags*. Segundo a pesquisadora, elas são utilizadas para indicar, realçar, agrupar e expressar.

A primeira função básica da hashtag é **indicar** o tópico ou a filiação da postagem, funcionando como uma etiqueta, uma palavra-chave. Dessa função vem o nome hashtag, que, literalmente, é traduzido como uma —etiqueta com cerquilha. **Realçar** um elemento da postagem é a segunda função básica da hashtag. Ao utilizar uma hashtag, o usuário chama atenção para um elemento específico da sua postagem, como se usasse um marca-texto virtual, haja vista que a hashtag tem um ‘layout’ diferente dos demais elementos da postagem. [...] A terceira função refere-se à capacidade da hashtag de **agrupar** assuntos e pessoas. Isso acontece porque, ao colocar uma hashtag na postagem (no caso das redes sociais virtuais), o usuário cria um *link*, capaz de inserir essa postagem numa lista com todas as outras postagens com a mesma hashtag, agrupando assim, assuntos e pessoas que estão tratando do mesmo tema. [...] A quarta função básica da hashtag é **expressar** ou divulgar uma opinião. Nesse caso, ela é uma alternativa para o usuário expressar suas emoções, vontades e opiniões sobre assuntos atuais, eventos de naturezas diversas, programas de TV, filmes, páginas da internet, campanhas publicitárias. (Silva, 2017, p. 22-23, grifos meus).

Em seu *tweet*, Walsh (2014) expressa sua indignação perante os dados apresentados pela pesquisa anual realizada pela *Women in Literary Arts*¹³ (VIDA),

Uma organização literária feminista interseccional sem fins lucrativos dedicada a criar transparência em torno das desigualdades de gênero e da falta de diversidade no cenário literário. Além disso, a VIDA visa a amplificar as vozes historicamente marginalizadas, incluindo negras, indígenas e pessoas de cor (BIPOC); escritoras com deficiências; e indivíduos queer, trans e não conformes com o gênero.¹⁴ (VIDA, 2020, on-line, tradução minha).

Walsh (2014), referindo-se aos dados da pesquisa anual, sublinha como as mulheres e suas escritas são marginalizadas pelas principais revistas literárias e questiona se a problemática não está unicamente em saber se mulheres são publicadas, mas sim em como o são.

¹³ Tradução minha: Mulher nas Artes Literárias.

¹⁴ “Women in Literary Arts (VIDA) is a non-profit intersectional feminist literary organization dedicated to creating transparency surrounding gender imbalances and the lack of diversity in the literary landscape. VIDA also aims to amplify historically-marginalized voices, including Black, Indigenous, and People of Color (BIPOC); writers with disabilities; and queer, trans, and gender nonconforming individuals.” (VIDA, 2020, on-line).

Lionel Shriver se queixou quando o seu ‘livro indecente’ *Game Control* recebeu uma ‘capa feminina’, e eu tenho escutado amigas escritoras reclamarem quando os seus livros recebem capas floridas, embora as suas escritas não o sejam; quando resenhas, ou mesmo comunicados de imprensa das suas editoras, descrevem os seus trabalhos como ‘delicados’ quando são francos, ‘encantadores’ quando são satíricos, ‘esculpindo um nicho’ quando estão bradando uma reivindicação.¹⁵ (Walsh, 2014, on-line, tradução minha).

Desse modo, mesmo quando publicadas, obras de autoria feminina seriam inferiorizadas por serem alvo de leituras de cunho “sexista” por parte de agentes do campo literário¹⁶ ao receberem descrições com adjetivos marcadamente relacionados à dita essência/natureza feminina. Adjetivos que versam sobre a delicadeza, a pureza, o encanto foram, e ainda o são, constantemente vinculados e utilizados para caracterizar sujeitas mulheres. Segundo Guacira Lopes Louro (2000, p. 12), “ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina”.

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, ‘normais’ (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc.) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos ‘outros’ (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Por tudo isso, podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. (Louro, 2000, p. 12-13).

São essas características sexualizadas que se transfiguram como partes pertencentes às identidades das escritas de autoria feminina denunciadas por Walsh, que, inspirada pela contagem anual e por dois jornalistas literários, iniciou um movimento que extrapolou o espaço virtual das redes sociais – e, mesmo nelas, tomou outras amplitudes e envolvimentos. Ao expressar e realçar a temática de ler mulheres em uma *hashtag*, Walsh proporcionou o

¹⁵ “Lionel Shriver complained when her ‘nasty book’ *Game Control* was given a ‘girly cover’, and I’ve listened to female writer friends grouse when their books are given flowery covers though their writing is not; when reviews, or even their publishers’ press releases, describe their work as ‘delicate’ when it is forthright, ‘delightful’ when it is satirical, ‘carving a niche’ when it is staking a claim.” (Walsh, 2014, on-line).

¹⁶ “O conceito de campo é utilizado por Bourdieu, precisamente, para se referir a certos espaços de posições sociais nos quais determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado.” (Nogueira; Nogueira, 2006, p. 36).

agrupamento de assuntos e pessoas sobre a leitura de autoria feminina, indicando ser esta uma pauta política, de luta pela conquista dos espaços e de representatividade no campo literário.

Um exemplo das reverberações provocadas pela *hashtag* aconteceu no Brasil, em 2015, ano em que Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, três mulheres do estado de São Paulo, transformaram a ideia da escritora britânica em um clube de leitura. Nomeado *Leia Mulheres*, o clube de leitura realiza encontros presenciais em livrarias e espaços culturais com a finalidade de debater sobre os livros escritos por mulheres que são lidos pelo grupo.

Para esboçar uma definição do que seria um clube de leitura, Óscar Carreño Montero utiliza alguns elementos chaves,

Encontro remete a um espaço e à dimensão coletiva de pessoas que participam da atividade. **Regular** se refere à temporalidade repetida do encontro. **Leitores** nos define o perfil daqueles que são chamados/convidados a participar. E, finalmente, **opiniões** nos mostra a natureza do encontro, a ação que determina a construção da proposta. Só nos faltará definir a figura do condutor ou daquela pessoa destinada a moderar/mediar, mas também a apresentar a leitura e lançar temas de debate sobre a forma e o conteúdo dos textos, para completar a proposta de definição. Será, então, um clube de leitura um encontro regular de um grupo de leitores que comentam, mediados por um condutor, um livro previamente lido? Sim, será.¹⁷ (Carreño Montero, 2015, p. 40, grifos do autor, tradução minha).

Desde a implantação do projeto no Brasil, o *Leia Mulheres* adquiriu amplitude nacional e internacional, com grupos ativos em cidades dos 26 estados e no Distrito Federal, e em cidades de países como Alemanha, Portugal, Singapura e Suíça. Todos os clubes estabelecidos possuem vínculo com o clube inicial e as criadoras da proposta são, também, as coordenadoras nacionais do projeto e responsáveis por orientar e dar suporte organizacional para a implementação de novos clubes¹⁸.

Em cada clube de leitura *Leia Mulheres* há mediadoras, como mencionado no excerto de Carreño Montero, que são responsáveis por sua implantação e que selecionam as obras a serem lidas, criam os materiais de divulgação de seus clubes, organizam os encontros e fazem

¹⁷ “**Encuentro** remete a un espacio y a la dimensión pluripersonal de la actividad. **Regular** se refiere a la temporalidad repetida del encuentro. **Lectores** nos define el perfil de aquellos que habrán de ser llamados a participar. Y finalmente, **opiniones** nos muestra la naturaleza del encuentro, la acción que determina la construcción de la propuesta. Solo nos faltará definir la figura del conductor o de aquella persona destinada a moderar, pero también a presentar la lectura y lanzar temas de debate sobre la forma y el fondo de los textos, para completar la propuesta de definición. ¿Será pues un club de lectura un encuentro regular de un grupo de lectores que comentan, moderados por un conductor, un libro previamente leído? Lo será.” (Carreño Montero, 2015, p. 40, grifos do autor).

¹⁸ Essas publicações e informações podem ser encontradas no site oficial do *Leia Mulheres*, disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

a mediação das conversas e debates. Os materiais compartilhados nas páginas e perfis dos clubes nas redes sociais e na página oficial do *Leia Mulheres* na *web*, além de funcionarem como meio informativo e de convite à participação no projeto, atuam no incentivo à leitura das obras e apresentam conteúdos e dados sobre as autoras e seus livros.

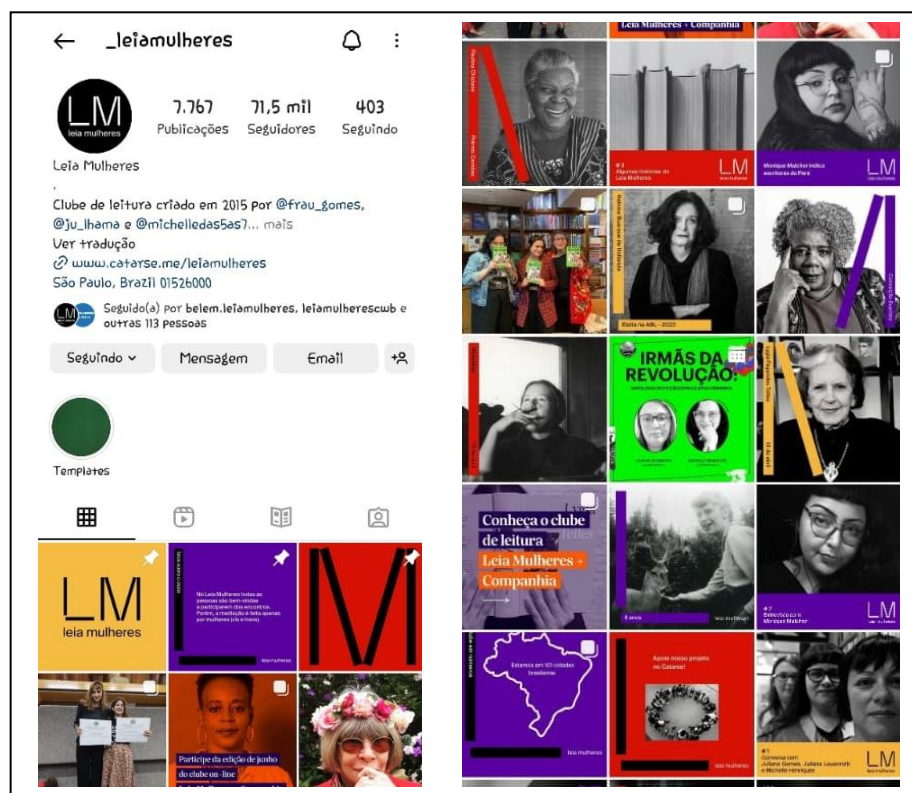
As figuras 2 e 3 se referem, respectivamente, à página do *Leia Mulheres* na *web* e ao perfil do projeto no *Instagram*.

Figura 2 – Print de tela da página do *Leia Mulheres* na *web*.



Fonte: <https://leiamulheres.com.br/>.

Figura 3 – Print de tela do perfil @_leiamulheres no Instagram.



Fonte: https://www.instagram.com/_leiamulheres/.

Na página da *web* é possível encontrar as informações sobre os clubes existentes nas cidades e nos estados do Brasil e do exterior, com referência às suas mediadoras e os links dos perfis em redes sociais de cada clube. Há ainda entrevistas com escritoras, resenhas de livros, artigos sobre temáticas relacionadas à escrita de autoria feminina e aos diversos gêneros literários por elas produzidos. Os conteúdos são criados, majoritariamente, pelas coordenadoras do projeto e pelas mediadoras dos clubes de leitura espalhados no Brasil e no mundo. Em 2021, em comemoração aos seis anos do projeto e com o intuito de homenagear o trabalho de mediadoras que também são escritoras, foram publicados na página contos escritos por elas e agrupados pelo título “Autoras da casa”. Também há a menção sobre o livro *Leia Mulheres: Contos*, coletânea de contos publicada em 2019, resultante de um concurso literário realizado pelo projeto em parceria com uma plataforma de autopublicação e de contos escritos pelas mediadoras e mulheres participantes dos clubes de leitura *Leia Mulheres*.

No perfil @_leiamulheres no *Instagram*, também são postadas diversas informações e atividades realizadas pelos clubes de leitura e pelo projeto nacional: os encontros mensais, o ranqueamento dos livros mais lidos durante o ano, os desafios de leitura propostos pelas coordenadoras nacionais e o compartilhamento de trabalhos artísticos, culturais, políticos,

sociais e teóricos realizados por mulheres de maneira a proporcionar maior visibilidade a elas e aos seus projetos e trabalhos e disseminar tais informações.

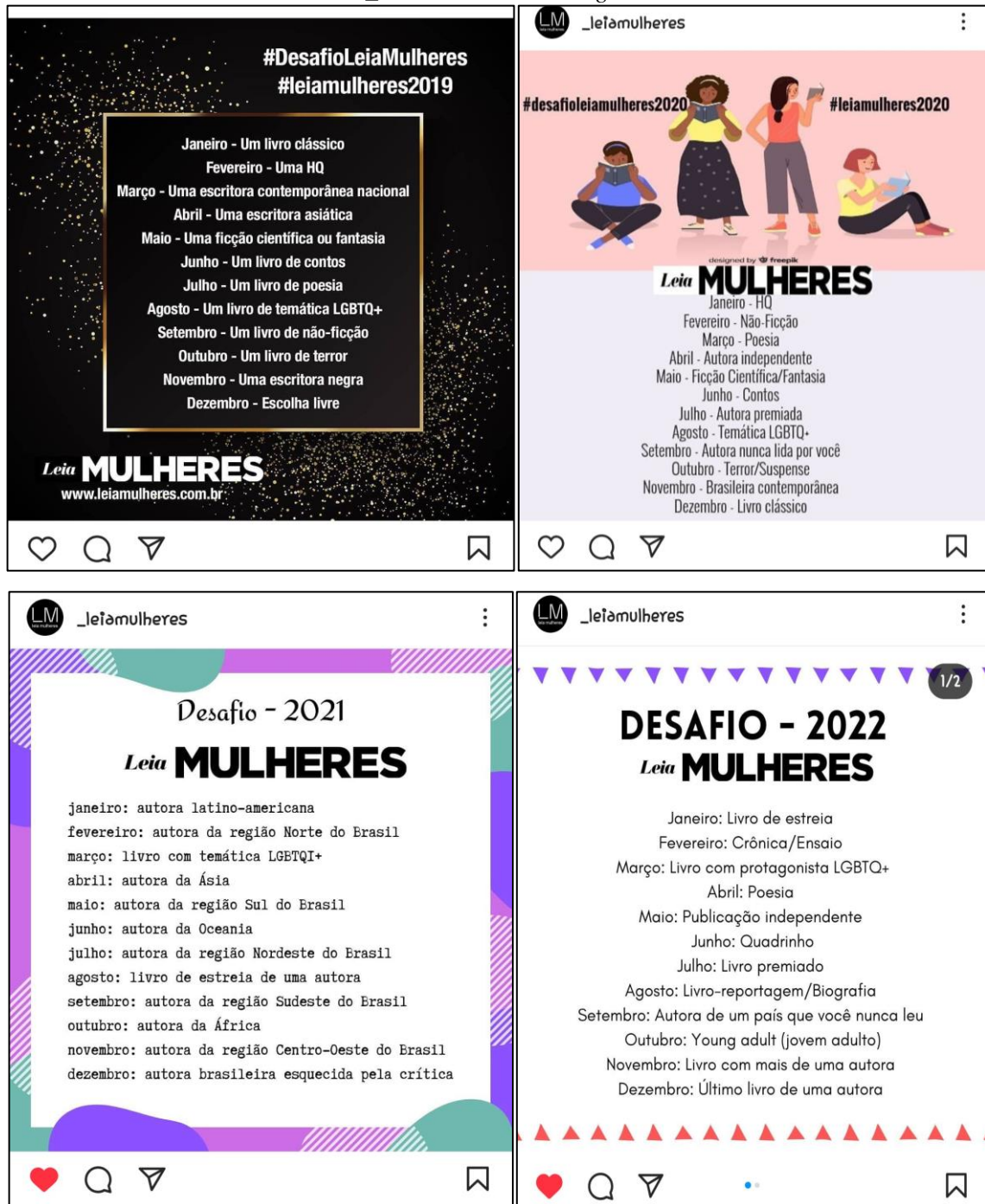
As coordenadoras nacionais, por sua vez, também lançaram outras *hashtags* dentro do contexto do projeto. Um exemplo é o desafio de leitura iniciado a partir de 2019, em um *post* contendo uma lista com doze livros (um para cada mês do ano) com a *hashtag* *#desafioleiamulheres2019*, que tem sido atualizada a cada ano (*hashtag* e lista). Os desafios propostos não são obrigatórios para os clubes de leitura *Leia Mulheres*, mas assumem um papel de roteiro para leituras mais diversificadas e, tendo sido publicados em um perfil público no *Instagram*, alcançam um engajamento para além das pessoas que participam efetivamente dos clubes de leitura.

A figura 4 contém os *prints* de tela dos *posts* do Desafio Leia Mulheres dos anos de 2019 a 2023 publicados no perfil do *Instagram*. Ao analisar as listas, é perceptível o caráter subjetivo de algumas das propostas de leituras, como as sugestões de setembro dos anos de 2020 (“autora nunca lida por você”) e 2022 (“autora de um país que você nunca leu”). A seleção das propostas também remete ao possível intuito das proponentes de que as obras a serem lidas abranjam diversos **gêneros** e **conteúdos** literários considerando as suas condições **sócio-históricas** e **geográficas** de produção – em que **gênero/conteúdo** se refere às categorias/aos tipos de textos (HQ, biografia, poesia, conto, não ficção, ficção científica, fantasia, crônica, ensaio, jovem adulto, temática/protagonista LGBTQIAP+, ditadura brasileira, feminismo); **social** em relação às características e especificidades raciais, de escrita e a posição ocupada dentro do campo literário pelas escritoras (autora negra, autora com publicação independente, autoras que escrevem juntas, escritas de si, autoras reconhecidas e autoras marginalizadas); **histórica**, ao delimitar períodos temporais em que as obras foram escritas e/ou sua permanência através dos tempos (livro clássico, contemporâneo, esquecido pela crítica, último livro de uma autora, biografia, premiado, escritos nas décadas de 50, 60, 70, 80 e 90 do século XX e obras do século XIX); e **geográficas**, que situam o local de produção da obras (continentes, regiões do Brasil e do mundo). É possível, ainda, visualizar as intersecções entre essas categorias quando sugerem a leitura de obras que sejam, por exemplo, contemporâneas nacionais; e a lista de 2023, que é totalmente dedicada a sugestões de leituras de obras brasileiras com delimitações temporais, de temáticas e de gênero. Como afirma Soares (2019),

Autoria feminina não se discute apenas a partir do sujeito feminino. O lugar onde esse sujeito está na sociedade, de onde ele vem, quais grupos ele representa, também precisam ser analisados. Seria ingênuo pensar que,

mesmo com esforço criativo, tais construções não estariam implicadas no modo de escrever, na escolha dos temas, dos títulos e até mesmo do uso ou não do nome feminino na capa do livro. (Soares, 2019, p. 47).

Figura 4 – Prints de tela dos posts do Desafio Leia Mulheres de 2019 a 2023 no perfil @_leiamulheres no Instagram.





Fonte: https://www.instagram.com/_leiamulheres/.

No ano de 2022, o *post* do desafio ainda contou com uma pequena lista de dicas para quem fosse segui-lo: utilizar a *hashtag* do desafio para agrupar as postagens relacionadas a ele, o estímulo a ler autoras diferentes daquelas lidas habitualmente, obras publicadas por editoras menores e, conseqüentemente, menos visibilizadas no campo literário, autoras não brancas, a sugestão de se utilizar de outros meios para realizar a leitura além da compra dos livros, como os empréstimos de livros em biblioteca ou de outras pessoas. A última dica pode ser entendida como um incentivo à fruição literária, de rememorar que esse movimento – que é também um ato político e de luta por espaços de representatividade e visibilidade – não precisa ter o peso de ser algo desgastante, opressivo e utilitário, mas que pode ser um movimento de resistência, empoderador e dinâmico sem que para isso se negue seu lado prazeroso e frutivo.

Dessa forma, as leituras sugeridas nos desafios anuais aparentam ter o intento de serem as mais diversificadas possíveis, contemplando as experiências sociais, culturais, temporais, raciais e étnicas das autoras e de suas obras. No entanto, apesar dessa intenção, o desafio não contemplou em suas listas de sugestões leituras de autoras indígenas, por exemplo, sendo visível que alguns gêneros literários se destacam em detrimento de outros, o que nos faz questionar em que medida o projeto consegue romper com o cânone literário. Ainda assim, é inegável que a amplitude do projeto gera movimentos no campo literário e editorial ao incentivar e gerar maior procura de livros de autoria feminina em suas mais diversas realidades de produção e escrita e, enquanto um projeto ativo, encontra-se inserido nas contradições da

vida social e dentro das possibilidades de desconstrução e construção de conhecimentos – de maneira a modificar as estruturas prévias de sua própria organização e, conseqüentemente, as reverberações de tais movimentos no campo literário.

Assim, ao possibilitar trocas de experiências de leitura, de interpretações sobre os enredos, as personagens e os contextos narrativos, o projeto tem criado ambientes de considerável destaque para a formação leitora e para a valorização e o fortalecimento da literatura e da leitura de obras de autoria feminina. O clube, ao despertar o interesse e promover o contato com obras teóricas e literárias escritas por mulheres de origens e culturas diversas, permite a ampliação da perspectiva e da compreensão da pluralidade das sujeitas mulheres, bem como das questões de gênero que permeiam a literatura, os discursos e a vida social.

Na seqüência da apresentação e contextualização do projeto, transpasso o espaço geográfico nacional para uma localização específica que abriga o objeto e tema deste estudo.

2 PELOS BECOS DA LEITURA¹⁹: *LEIA MULHERES CASCAVEL/PR*

Esta era a preocupação maior de Negro Alírio. Para ele, a leitura havia concorrido para a compreensão do mundo. Ele acreditava que, quando um sujeito sabia ler o que estava escrito e o que não estava, dava um passo importante para sua libertação.

(Conceição Evaristo)

No estado do Paraná, o *Leia Mulheres* conta com grupos nos municípios de Campo Mourão, Cascavel, Curitiba, Londrina, Maringá, Realeza e Umuarama, segundo o site oficial do projeto²⁰.

Figura 5 – Leia Mulheres no Paraná.

Paraná	Grupo no facebook
Campo Mourão	Londrina
Mirian Cardoso da Silva	Natália Machado
Renata Teixeira de Castro	Vizette Priscila Seidel
Tobaldini	
Wilma Coqueiro dos Santos	Realeza
Grupo no facebook	Ana Carolina Teixeira Pinto
Cascavel	Eline Souza Barbosa
Juliana Almeida Matos	Instagram
Regina Krauss	Umuarama
Curitiba	Aline Reis
Emanuela Siqueira	Jaqueline Menezes

Fonte: <https://leiamulheres.com.br/>.

Localizada na região oeste do estado do Paraná, Cascavel foi elevada à categoria de município em 14 de dezembro de 1951, pela Lei Estadual nº 790, quando foi desmembrada de Foz do Iguaçu. Somando 71 anos de emancipação, o município de Cascavel, segundo prévia

¹⁹ Título inspirado na obra *Becos da memória*, originalmente publicada em 2006, de Conceição Evaristo – leitura de janeiro de 2021 do *Leia Mulheres Cascavel*.

²⁰ Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 23 jul. 2023. Obs.: Há ainda o grupo da cidade de Toledo que, por motivo por mim desconhecido, não consta na lista do site oficial. A lista de cidades do Paraná com clubes de leitura *Leia Mulheres* sofreu alterações durante a realização desta pesquisa pois, ao que tudo indica, algumas cidades deixaram de realizar os encontros.

dos resultados do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui quase 350.000 habitantes.

Durante a pesquisa de artigos, documentos e livros que tratassem da história da cidade de Cascavel e demais informações para referência, encontrei o artigo de Claudia Ferreira de Melo (2017), que chamou a atenção por se tratar de parte da pesquisa de Mestrado em História da autora em que analisa duas obras que versam sobre a história de Cascavel.

Em sua análise da narrativa memorialística e pesquisa historiográfica sobre a história do município de Cascavel, Melo (2017) diz haver nelas um traço em comum: o mito fundador.

É possível afirmar que o mito fundador da região oeste do Paraná e, mais especificamente da cidade de Cascavel, se relaciona ao pioneirismo, ou seja, ao período de colonização. Em linhas gerais, a figura do pioneiro é exaltada, sendo esse personagem, o agente promotor do desenvolvimento e da prosperidade da cidade. Porém, existem alguns critérios para que os sujeitos sejam classificados como pioneiros, podemos citar alguns: o indivíduo deve ter chegado à região até uma determinada data – a colonização oficial seria o marco temporal fundamental, portanto o povoamento humano anterior é desconsiderado –, ser descendente de imigrantes europeus vindos de outras partes da região sul e ligados às religiões cristãs. Mas, sobretudo, recebem o status de ‘pioneiros’ os indivíduos capazes de atestar certa ascensão social e econômica em suas trajetórias na cidade. (Melo, 2017, p. 381).

Ao colocar em pauta o mito fundador contido nas narrativas memorialísticas e historiográficas sobre Cascavel, Melo contextualiza micro e geograficamente as narrativas coloniais propagadas em relação à colonização dos países sul-globais.

Em “Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial”, Ochy Curiel (2020) discorre sobre o feminismo decolonial recuperar questões importantes do projeto decolonial e somar a ele a questão de gênero. A cantora, antropóloga social e teórica feminista afro-dominicana caracteriza o conceito de *decolonialidade* como “uma transição do colonialismo moderno à colonialidade global” (Curiel, 2020, p. 126) e analisa como a Europa produziu a América enquanto sua periferia ao expandir em escala mundial o sistema capitalista por meio do colonialismo. “Com essa visão eurocêntrica, a modernidade ocidental promove-se como emancipadora, como uma utopia, como o mito que definiu a superioridade dos europeus sobre os outros, que ela considera bárbaros, imaturos e necessitados de ajuda para se desenvolver.” (Curiel, 2020, p. 126-127).

Nas narrativas historiográficas e memorialísticas sobre o município de Cascavel analisadas por Melo, o colonizador é traduzido na figura do pioneiro e, mesmo separados por cinco séculos na temporalidade histórica, permanece como perpetuador da narrativa colonialista

produzida por essa modernidade ocidental eurocêntrica definida por Lander (2005) como *colonialidade do saber*, “[...] um tipo de racionalidade técnico-científica, epistemológica, que se coloca como modelo válido de produção do conhecimento. O conhecimento, nessa visão, deve ser neutro, objetivo, universal e positivo.” (Curiel, 2020, p. 128).

É nesse território de disputas de narrativas fundadoras, cuja ocupação se deu por fluxos migratórios e em que uma grande parcela da economia é baseada na produção agropecuária, que se configura Cascavel – cidade na qual o *Leia Mulheres* foi concretizado após a iniciativa de duas mulheres residentes, em abril de 2019, quando o clube de leitura se reuniu pela primeira vez para discutir uma das obras ensaísticas de Virginia Woolf.

Em *Um teto todo seu* (1929), ensaio baseado em dois artigos que Virginia Woolf escreveu ao ser convidada a palestrar em duas faculdades inglesas exclusivas para mulheres, a autora discorre sobre o tema “mulheres e ficção”, a relevância de as mulheres possuírem condições econômicas e disporem de um espaço próprio para poderem se dedicar à escrita caso for o que desejam. Condições que a maioria das mulheres não possuía na época em que Woolf escreveu o livro e que ainda hoje se reflete na realidade de muitas mulheres que não podem escrever por inúmeras razões, desde a falta de tempo pelas excessivas jornadas de trabalho acrescentadas ao tempo dedicado aos cuidados da família e do lar à falta de letramento, ao asseguramento de espaço e permanência no campo literário – entre outras mazelas resultantes do patriarcado e do regime econômico capitalista.

Virginia Woolf, ao se referir às mulheres representadas na ficção, declara que “se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância” (Woolf, 2014, p. 65), pois a imagem feminina na ficção era representada por personagens heroicas, com personalidades tão grandiosas quanto a dos homens. No entanto, a mulher inserida na sociedade palpável e real tinha uma realidade outra,

[...] Na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido. (Woolf, 2014, p. 66-67).

Interessante notar o contraste disposto no fato de que ainda que a mulher seja tão venerada pela literatura e em outras artes, o ser endeusado nunca fora dado a uma mulher de carne e osso da vida social, mas sim a um constructo estereotipado. A mulher endeusada é

aquela escrita, moldada, forjada e ilustrada, enfim, mística e abstrata, totalmente desencarnada e destituída do caráter representacional, cuja imagem é nascida e mantida na imaginação.

Iluminada no reino do imaginário, podada e castigada no reino da vida social, essa mulher existe e só deve existir nesse contexto ficcional/discursivo, antípodo da vida vivida pelas mulheres empíricas. Aquelas que, nas artes, possuíam algum poder e condições de (re)existirem sozinhas, sem o amor devoto de algum grande herói ou conquistador, eram reservadas às personagens malvadas, bruxas e megeras, mal-amadas à parte da sociedade, causadoras de confusões e catástrofes e, que, conseqüentemente, sofriam os castigos do destino e dos deuses por subverterem a ordem das coisas postas. Tais percepções e análises foram aprofundadas por Kate Millet em sua tese intitulada *Política sexual* (1970), que se tornou o marco inicial da crítica feminista. Millet, além de tratar o patriarcado como o causador da opressão feminina, analisa como a representação serve como perpetuadora dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres e entre ambos (Zolin, 2019). Nesse âmbito, a literatura – e, em destaque, a literatura escrita por homens – caracteriza-se como um desses lugares de representação e perpetuação de estereótipos culturais (Zolin, 2019).

Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina* (2017), trabalha com conceitos como *violência simbólica* e *habitus* para analisar as questões de gênero e da divisão social e sexual do trabalho e como a sociedade vê o corpo e suas características como fatores determinantes para a posição social deste sujeito-corpo.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre sexos biológicos, conformando-as aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho. (Bourdieu, 2017, p. 24, grifos do autor).

Conceitos e análises relevantes para pensar e descolonizar a imagem idealizada e essencializada do que é “ser mulher” com base apenas nas características físicas e biológicas. Assim, torna-se possível considerar e acrescentar nesta análise o meio social e histórico, a sujeita e as suas subjetividades.

Ainda sobre estudos e análises realizados por Bourdieu, e retomando o que menciona Walsh em seu artigo, no campo literário

[...] é possível analisar como editores, escritores, críticos e pesquisadores das áreas de língua e literatura disputam espaço e reconhecimento para si mesmos e suas produções. Basicamente, o que está em jogo nesse campo são as definições sobre o que é boa e má literatura, de quais são as produções artísticas ou de vanguarda e quais são as puramente comerciais, de quais são os grandes escritores e de quais são os escritores menores. Mais do que isso, disputa-se constantemente a definição de quem são os indivíduos e as instituições (jornais e revistas literárias, editoras, universidades) legitimamente autorizados a classificar e a hierarquizar os produtos literários. (Nogueira; Nogueira, 2006, p. 36-37).

Historicamente, a literatura canonizada pelos críticos do campo literário foram obras, via de regra, escritas por homens, mais precisamente uma parcela específica entre os homens se acrescentarmos na balança a desigualdade econômica e o preconceito racial, de qual poucos conseguiram efetivamente conquistar algum destaque e reconhecimento quando não tiveram sua raça abrandada. Por exemplo, o embranquecimento do escritor Machado de Assis como em circunstâncias de escolha para divulgação ao público em geral de fotos suas em que o pincenê e a barba atenuavam a aparência de mulato (Silva, 2014). Tais aspectos são corroborados por Lúcia Osana Zolin (2019) em artigo intitulado “Literatura de autoria feminina” quando expõe que o cânone literário,

Tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos seguimentos sociais menos favorecidos etc. (Zolin, 2019, p. 319).

Nesses dizeres, o campo literário se caracterizava por ser de posse de uma parcela específica de pessoas que detinham o poder de ditar quem eram os bons escritores e a boa literatura, fator que contribuiu para que a literatura de autoria feminina fosse ignorada e exígua na história da literatura – tradição que passou a ser resgatada nos anos 1970 com o surgimento da crítica feminista. Sucedido que supostamente iniciou mudanças no campo literário brasileiro ao nomear, no ano de 1977, uma mulher para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Essa mulher foi a cearense Rachel de Queiroz, ficcionista e a primeira mulher a fazer parte da ABL desde sua inauguração em 20 julho de 1897.

À nítida dificuldade e morosidade da Academia Brasileira de Letras em reconhecer e visibilizar (ainda que de maneira bastante seletiva e pouco representativa) obras de autoria feminina podemos relacionar a discussão que Virginia Woolf fez em seu ensaio sobre a necessidade de as mulheres terem condições básicas para poderem escrever, além do que aponta Bourdieu sobre o campo literário, pois “para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo.” (Zolin, 2019, p. 319).

Ao longo da jornada trilhada coletivamente pelos bosques da leitura de autoria feminina, o *Leia Mulheres Cascavel* se insere nesse contexto de luta e reivindicação de espaços, de reconhecimento e valorização das artes e culturas produzidas por mulheres.

Em seus quatro anos de existência, o clube de leitura convidou e proporcionou a leitura de 39 obras²¹ escritas por 40 mulheres²². Juliana Almeida Matos (cientista social e docente na educação básica) e Regina Krauss (jornalista, Mestra em Comunicação e servidora pública) foram as mulheres responsáveis por implementar o clube de leitura em Cascavel e no qual atuam como mediadoras desde então.

Uma das metodologias e ferramentas utilizadas para esta pesquisa foi a realização de entrevista semiestruturada com as mediadoras. A transcrição completa da entrevista se encontra nos apêndices deste trabalho, e as informações ali contidas foram utilizadas aqui ora em formato de citação direta, ora reescritas no corpo do texto de forma a apresentar características e informações sobre o projeto.

As mediadoras, instigadas pelo desejo de fazer parte ou de ajudar a construir um espaço de cultura na cidade voltado para o debate de ideias que tivesse como premissa a experiência de mulheres, inclusive numa mirada feminista, vislumbraram o *Leia Mulheres* como uma atividade com potencial de concretização desse espaço gratuito e de debate que unia seus interesses: a leitura, o debate e as discussões sobre as leituras realizadas e socialização das experiências e vivências evocadas pelas obras. São responsáveis também pela criação e manutenção do perfil @leiamulherescascavel no *Instagram*, o qual utilizam para a divulgação de informações sobre os encontros, as obras e autoras a serem lidas, convidando sempre mais pessoas a participarem do *Leia* – num engajamento a fim de dar maior visibilidade às obras e às autoras, bem como a elaboração e divulgação de outros projetos realizados pelas mediadoras com a colaboração das/dos participantes do clube de leitura.

²¹ Do período de abril de 2019 a julho de 2022.

²² O livro *O segredo do meu turbante* (2010) foi escrito em coautoria por Agnès Rotger e Nadia Ghulam.

Via de regra, os encontros acontecem aos sábados às 16 horas, uma vez por mês. Os clubes de leitura *Leia Mulheres* não possuem espaço físico próprio para a realização dos debates. Portanto, acontecem em cafeterias, parques, praças, livrarias, bibliotecas e espaços culturais. Em Cascavel, há nos encontros a intenção de ocupar espaços públicos da cidade, especialmente os espaços de cultura, como forma de fazer uso e apropriar esses espaços como cidadãs e cidadãos de maneira a mostrar ao poder público a importância e necessidade desses espaços, da demanda por eles e das possibilidades de sua utilização. Segundo as mediadoras, havia também a intenção de realizar os encontros em diferentes partes da cidade, para além da região central – onde se localiza a grande maioria dos espaços culturais –, com o objetivo de possibilitar o acesso e o conhecimento do projeto por pessoas moradoras das regiões periféricas. Alguns encontros ocorreram no câmpus da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), localizada na região sul de Cascavel. No entanto, esse movimento de levar os encontros para outros locais do município foi interrompido pela pandemia da COVID-19, impossibilitando os encontros presenciais, que tiveram que migrar para os espaços virtuais com a utilização de plataformas de videoconferência.

A gente passou a fazer on-line, mas que a gente sempre teve a intenção de chegar, inclusive, a lugares onde em geral esse grupo, essas pessoas não vão, como na periferia, nas escolas, em outros espaços onde, talvez, um grupo de leitura seja considerado uma coisa muito elitizada e que vai ter outros desafios, por exemplo, essas pessoas não vão poder comprar livros então como é que a gente acharia essa solução? Ou que tipo de leitura faria sentido para os jovens ou para as pessoas da periferia? Ou para as pessoas de uma universidade? Mas é um critério que nós aqui em Cascavel sempre tentamos levar em consideração, que o acesso à cultura é um direito das pessoas assim como o direito ao espaço público. Acho que nesse tempo [de projeto] a gente conseguiu com a Secretaria [de Cultura] e com a prefeitura que eles entendessem: tem pessoas que precisam, nem sempre a gente consegue, então você tem que procurar outros espaços, mas a gente sempre fica tentando provocar e tensionar essa relação. (Entrevistada A, 2022, Apêndice A).

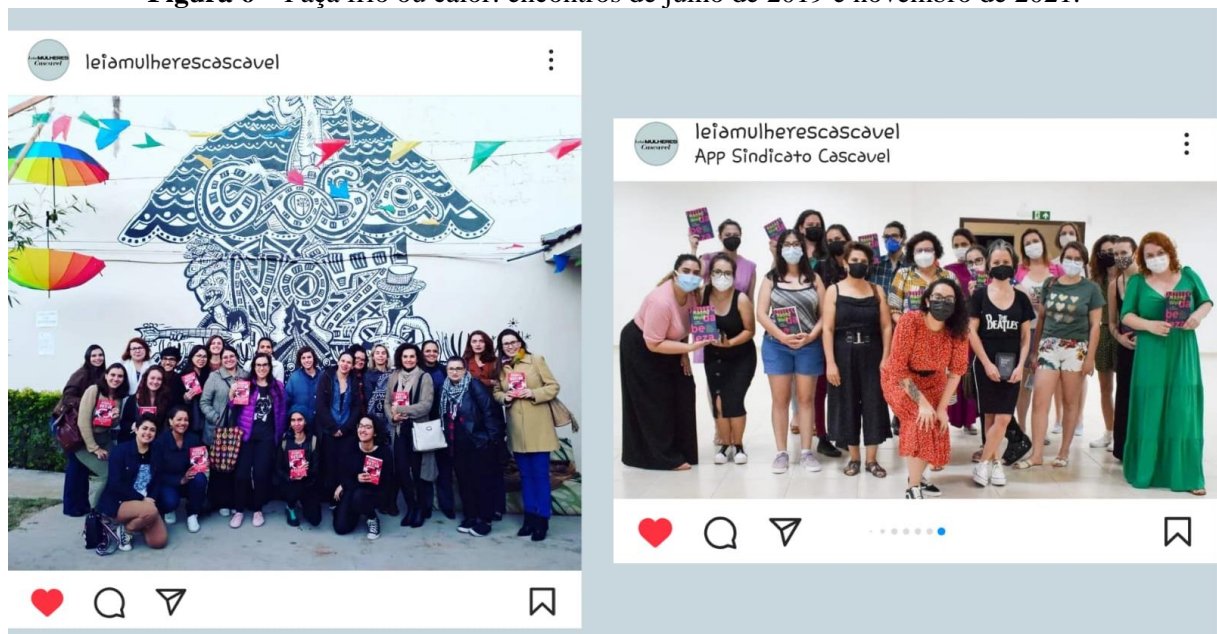
Em relação à fala da mediadora entrevistada, é possível refletir sobre as preocupações, os limites e as contrariedades de levar o projeto a outros espaços de maneira a não apresentá-lo como uma “salvação”, como algo obrigatório ou de valor cultural superior à cultura dos espaços em questão – de transformá-lo, de certa forma, em um novo tipo de cânone, à medida que considera a realidade socioeconômica dessas pessoas.

Ao perguntar às mediadoras, durante a entrevista, sobre quais eram as dificuldades mais comuns na manutenção e organização do *Leia Mulheres Cascavel*, a logística organizacional foi mencionada como a maior questão.

[...] de conseguir os espaços, de conseguir reservar com antecedência, confirmar com antecedência, divulgar com antecedência. Então a gente tem que reservar o espaço, a gente faz os materiais, tem que conseguir fazer esse material sair o mais rápido possível. Mas eu acredito que seja essa questão mais logística, ter sempre esse espaço garantido, de que vai funcionar – que a gente não vai passar nem frio, nem calor! [risadas]. E continuar pensando em estratégias, formas de chegar em mais pessoas, para que mais pessoas saibam [sobre o projeto]. Eu acho que esse é o desafio, apesar de a gente ter um grupo considerado grande, bastante gente passou ou está sempre passando pelo Leia, sempre que a gente conversa com alguém em alguns espaços pessoas dizem ‘– Ah! eu não sabia, não sabia que [o projeto] existia em Cascavel, não sabia que funcionava...’ – então a gente sempre fica procurando como chegar em outras pessoas, como divulgar, como falar, [...] (Entrevistada A, 2022, Apêndice A).

A menção a não passar nem frio nem calor nos provocou risadas ao suscitar lembranças de dois encontros cujas adversidades dessas polarizações climáticas foram sentidas.

Figura 6 – Faça frio ou calor: encontros de julho de 2019 e novembro de 2021.



Fonte: Elaborado pela autora com imagens extraídas do perfil do *Instagram* @leiamulherescascavel (Leia Mulheres Cascavel/PR, 2019; 2021).

Em um deles, por ter ocorrido num ambiente a céu aberto, tivemos de compartilhar mantas que, por uma feliz coincidência, estavam no carro de uma das mediadoras, para nos

protegermos do vento congelante que tomou conta da cidade naquele sábado à tarde; no outro, foi o calor da tarde de um sábado de verão em um ambiente gentilmente cedido para o encontro, em que a falta do controle do ar-condicionado e o ainda necessário uso de máscaras faciais tornaram o debate literalmente acalorado.

A organização do cronograma de leituras e encontros, a manutenção do perfil do clube de leitura no *Instagram*, a leitura e seleção das obras e a mediação dos debates são atividades realizadas por ambas as mediadoras. Esse trabalho é realizado de forma gratuita, visto que não há remuneração por desempenhá-los. Questionei o que as motiva a continuarem realizando tais atividades mesmo não sendo remuneradas.

Entrevistada A: A gente denomina o *Leia* como um coletivo. Não é um projeto nosso, não é uma marca, mas um coletivo. Estamos ali desempenhando esse papel, que talvez seja mais da organização e da logística, mas que é construído por todas essas pessoas... e só o fato de estar construindo um espaço de cultura, um espaço de mulheres eu acho que já recompensa, pelo menos para mim, já vale a pena.

Entrevistada B: Para mim é cem por cento pela causa mesmo. (Entrevistada A; Entrevistada B, 2022, Apêndice A).

A alusão ao termo “coletivo” pode remeter aos movimentos sociais como uma de suas ramificações e organizações contemporâneas. Perez e Silva Filho (2007, p. 261) destacam que a denominada “[...] teoria dos novos movimentos sociais se concentra nas características das sociedades contemporâneas que levam a novas formas de mobilização social com atuação pacífica e organizações fluidas – não hierárquica e desburocratizadas.” Os coletivos seriam uma dessas novas formas de organização na sociedade civil. Apesar de estudos sobre os coletivos, os autores constatarem a necessidade de começar a

observar os coletivos não apenas como agregações de sujeitos em torno de pautas comuns, fixas e rígidas; mas sim enquanto associações fluidas de corpos diferentes em prol da objetivação de mudanças culturais ou até mesmo simbólicas no meio social no qual se encontram inseridos. Tratando de cultura, gênero ou quaisquer outras questões de relevância em espaços intra ou extra acadêmicos, tais formas de engajamento tem conquistado adeptos, principalmente no que se liga à problemas de afirmação identitária e reconhecimento. (Perez; Silva Filho, 2007, p. 290).

Assim sendo, a atuação das mediadoras frente ao clube de leitura – que, segundo elas, é motivada pela construção conjunta de um espaço de cultura e pela causa, possivelmente em uma referência às pautas feministas e de disseminação da cultura produzida por mulheres – faz

o projeto dispor de aspectos que possibilitam a conceituação do *Leia Mulheres Cascavel* enquanto um coletivo.

2.1 AUTORAS, OBRAS, OUTRAS²³

[...]
 seu livro preferido de poesia se chama *I is a Long
 Memoried Woman* escrito por uma senhora
 guianense chamada Grace Nichols
*nós mulheres/ cujos louvores continuam não
 cantados/ cujas vozes continuam não ouvidas*
 ela e o grupo de leitura tiveram uma grande
 discussão, não, não foi uma discussão, foi um
 debate, um dia desses, debateram se um poema era
 bom porque se identificavam com ele ou se era bom
 por si só
 [...]
 Dora disse que não existe esta coisa de verdade
 objetiva e se você acha que uma coisa é boa é porque
 aquilo te toca de alguma forma
 digo
 por que Wordsworth ou Whitman, T. S. Eliot ou Ted
 Hughes deveriam significar alguma coisa de
 especial pra pessoas do Caribe como a gente?
 Winsome tomou notas para ir à biblioteca procurar
 aqueles nomes.

(Bernardine Evaristo)

Um dos objetivos que propus para esta pesquisa foi elaborar um levantamento das autoras e obras lidas pelo *Leia Cascavel*, com o intuito de averiguar as seleções realizadas pelas mediadoras e os critérios que utilizaram para tais escolhas. Realizar esse delineamento se faz necessário devido a um dos objetivos do *Leia Mulheres Cascavel*: a busca por contemplar os mais diversificados gêneros literários nas escolhas das obras a serem lidas. Esse foi um dos critérios mencionados pelas mediadoras, assim como a escolha de obras com valor acessível – pois, segundo elas, é um dos fatores que oportunizaria a mais pessoas terem condições de acesso às obras e, conseqüentemente, um maior número de pessoas aderindo aos encontros e debates.

A representatividade social das autoras também foi mencionada como critério,

Entrevistada B: [...] a gente sempre tenta trazer escritoras de diferentes continentes, de diferentes classes sociais, de diferentes etnias, orientações sexuais e assim por diante, privilegiar a diversidade humana e especificamente

²³ Título inspirado na obra *Garota, mulher, outras*, originalmente publicada em 2019, de Bernardine Evaristo – leitura de janeiro de 2022 do *Leia Mulheres Cascavel*.

das mulheres. Inclusive como uma forma de a gente se provocar a pensar o que é que cabe dentro desse conceito que é ‘mulher’.

Entrevistada A: Mulheres que escrevem. O que as mulheres escrevem?! [...] Percebemos que existem outras questões importantes como, por exemplo, essa questão das editoras independentes, das mulheres mais jovens ou os livros mais clássicos, então tem essa questão também de trazer autoras às vezes mais desconhecidas ou trazer de volta livros de mulheres que são clássicos, garantir essa diversidade, [...] da imensa riqueza que é a contribuição das mulheres para a literatura, [...] de quanta diversidade de produção, de temática, de gênero as mulheres podem produzir e elas podem escrever sobre qualquer coisa. (Entrevistada A; Entrevistada B, 2022, Apêndice A).

O clube, além de propor a leitura de obras de literatura de autoria feminina, tem realizado outros projetos cujo intuito de dar visibilidade às mulheres em diversos contextos culturais e sociais foi o principal elemento norteador. Nesse sentido, apresento a seguir os dados sobre as autoras, as obras e outras atividades desenvolvidas pelo *Leia Mulheres Cascavel* ou que contaram com sua participação, de maneira a contemplar de forma mais abrangente sua atuação.

2.1.1 Autoras

Com base no levantamento que realizei a partir de informações coletadas no perfil do *Leia Mulheres Cascavel* no *Instagram* sobre as leituras e os encontros, foram elaborados os quadros 2, 3, 4 e 5. Cada quadro integra informações referentes às obras (título, ano da primeira publicação), às autoras (nome e nacionalidade) e ao local do encontro (presencial ou on-line) do ano a que se refere. Para a análise dos dados coletados, foi considerada adequada uma abordagem quanti-qualitativa por contemplar os dados estatísticos e as análises a partir das informações coletadas em entrevista com as mediadoras e nos referenciais bibliográficos selecionados como aporte teórico.

Quadro 2 – Relação de obras lidas em 2019.

Nº	Data de encontro	Obra / Ano 1ª edição	Autora	Nacionalidade da autora	Local do encontro
1	Abril	<i>Um teto todo seu</i> (1929)	Virginia Woolf	Reino Unido	Sesc Cascavel
2	Maio	<i>A amiga genial</i> (2011)	Elena Ferrante	Itália	Teatro Municipal

3	Junho	<i>Um útero é do tamanho de um punho</i> (2012)	Angélica Freitas	Brasil (Rio Grande do Sul)	Centro Cultural Gilberto Mayer
4	Julho	<i>Kindred – Laços de sangue</i> (1979)	Octavia E. Butler	Estados Unidos	Casanóz
5	Agosto	<i>O feminismo é para todo mundo</i> (2000)	bell hooks	Estados Unidos	Sesc Cascavel
6	Setembro	<i>Júbilo, memória e noviciado da paixão</i> (1974)	Hilda Hilst	Brasil (São Paulo)	Sesc Cascavel
7	Outubro	<i>O olho da rua</i> (2008)	Eliane Brum	Brasil (Rio Grande do Sul)	Unioeste
8	Novembro	<i>O conto da aia</i> (1985)	Margaret Atwood	Canadá	Biblioteca Municipal de Cascavel
9	Dezembro	<i>Água viva</i> (1973)	Clarice Lispector	Brasil (Pernambuco)	Endereço residencial de uma das mediadoras

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do perfil do *Instagram* @leiamulherescascavel (Leia Mulheres Cascavel/PR, 2019).

Quadro 3 – Relação de obras lidas em 2020.

Nº	Data de encontro	Obra / Ano 1ª edição	Autora	Nacionalidade da autora	Local do encontro
10	Janeiro	<i>Só garotos</i> (2010)	Patti Smith	Estados Unidos	Sesc Cascavel
11	Fevereiro	<i>Vida querida</i> (2013)	Alice Munro	Canadá	Centro Cultural Gilberto Mayer
12	Abril	<i>O corpo em que nasci</i> (2011)	Guadalupe Nettel	México	On-line via plataforma Zoom

13	Maio	<i>Empoderamento</i> (2019)	Joice Berth	Brasil (São Paulo)	On-line via plataforma Zoom (2x) ²⁴
14	Maio	<i>As alegrias da maternidade</i> (1979)	Buchi Emecheta	Nigéria	On-line via plataforma Zoom
15	Junho	<i>A moça do internato</i> (1861)	Nadiêjda Khvoschínskaia	Rússia	On-line via plataforma Zoom
16	Julho	<i>E se eu fosse puta</i> (2016)	Amara Moira	Brasil (São Paulo)	On-line via Google Meet
17	Agosto	<i>Redemoinho em dia quente</i> (2019)	Jarid Arraes	Brasil (Ceará)	On-line via Google Meet
18	Setembro	<i>Frankenstein</i> (1818)	Mary Shelley	Reino Unido	On-line via Google Meet
19	Novembro	<i>O deus das pequenas coisas</i> (1997)	Arundhati Roy	Índia	On-line via Google Meet

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do perfil do Instagram @leiamulherescascavel (Leia Mulheres Cascavel/PR, 2020).

Quadro 4 – Relação de obras lidas em 2021.

Nº	Data de encontro	Obra / Ano 1ª edição	Autora	Nacionalidade da autora	Local do encontro
20	Janeiro	<i>Becos da memória</i> (2006)	Conceição Evaristo	Brasil (Minas Gerais)	On-line via Google Meet
21	Março	<i>Calibã e a Bruxa</i> (2004)	Silvia Federici	Itália	On-line via Google Meet
22	Abril	<i>Jóquei</i> (2014)	Matilde Campilho	Portugal	On-line via Google Meet
23	Maio	<i>Canção de ninar</i> (2016)	Leïla Slimani	Marrocos	On-line via Google Meet

²⁴ O livro de Joice Berth provocou tantas indagações que o coletivo decidiu realizar um encontro a mais para melhor abordá-las.

24	Junho	<i>O que ela sussurra</i> (2020)	Noemi Jaffe	Brasil (São Paulo)	On-line via <i>Google Meet</i>
25	Julho	<i>A casa na rua mango</i> (1984)	Sandra Cisneros	Estados Unidos (ascendência mexicana)	On-line via <i>Google Meet</i>
26	Agosto	<i>A origem do mundo</i> (2018)	Liv Strömquist	Suécia	On-line via <i>Google Meet</i>
27	Setembro	<i>O segredo do meu turbante</i> (2010)	Nadia Ghulam; Agnès Rotger	Afganistão; Espanha	On-line via <i>Google Meet</i>
28	Outubro	<i>Cartas para a minha mãe</i> (1998)	Teresa Cárdenas	Cuba	On-line via <i>Google Meet</i>
29	Novembro	<i>O mito da beleza</i> (1990)	Naomi Wolf	Estados Unidos	Sede da APP Sindicato

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do perfil do *Instagram* @leiamulherescascavel (Leia Mulheres Cascavel/PR, 2021).

Quadro 5 – Relação de obras lidas em 2022.

Nº	Data de encontro	Obra / Ano 1ª edição	Autora	Nacionalidade da autora	Formato do encontro
30	Janeiro	<i>Garota, mulher, outras</i> (2019)	Bernardine Evaristo	Reino Unido	On-line via <i>Google Meet</i>
31	Março	<i>O lugar</i> (1983)	Annie Ernaux	França	Teatro Municipal
32	Abril	<i>Os despossuídos</i> (1974)	Ursula K. Le Guin	Estados Unidos	On-line via <i>Google Meet</i>
33	Maió	<i>A bolsa amarela</i> (1976)	Lygia Bojunga	Brasil (Rio Grande do Sul)	Teatro Municipal
34	Junho	<i>O quarto branco</i> (2019)	Gabriela Aguerre	Uruguai	On-line via <i>Google Meet</i>

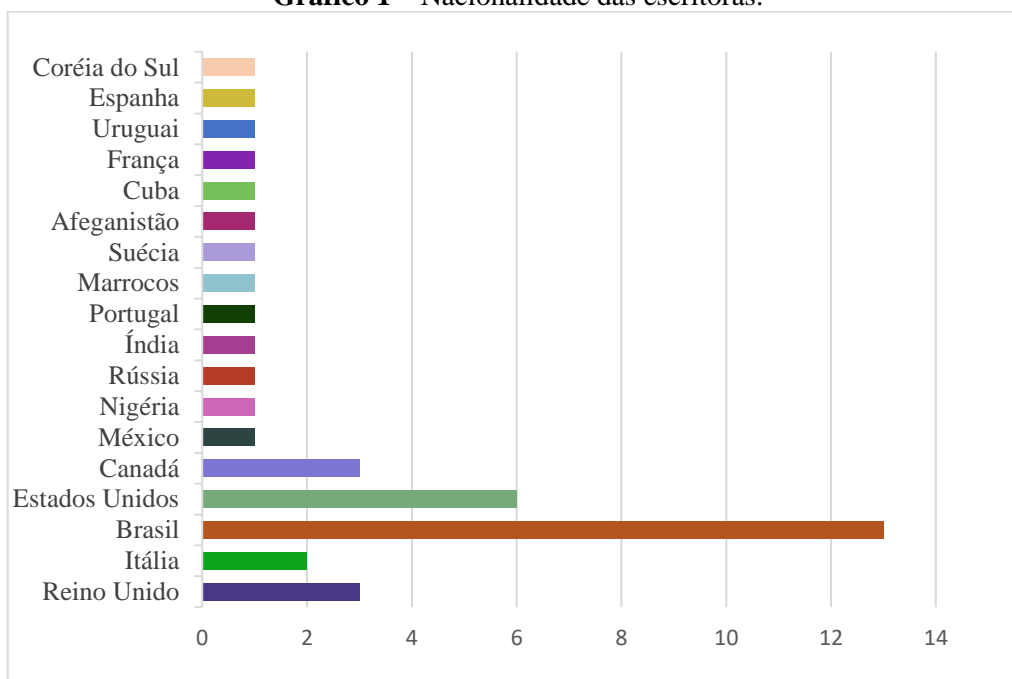
35	Julho	<i>Falso Espelho: reflexões sobre a autoilusão</i> (2019)	Jia Tolentino	Canadá	Teatro Municipal
36	Agosto	<i>A vegetariana</i> (2007)	Han Kang	Coréia do Sul	Biblioteca Municipal de Cascavel
37	Setembro	<i>Da pele para dentro</i> (2021)	Gisele Resmini Hansen	Brasil (Paraná)	Biblioteca Municipal de Cascavel
38	Outubro	<i>Eu sou Macuxi e outras histórias</i> (2019)	Julie Dorrico	Brasil (Rondônia)	Unioeste
39	Novembro	<i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> (1960)	Carolina Maria de Jesus	Brasil (Minas Gerais)	Biblioteca Municipal de Cascavel

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do perfil do *Instagram* @leiamulherescascavel (Leia Mulheres Cascavel/PR, 2022).

Para realizar a análise, parto do pressuposto de que, assim como quando uso o termo “mulher(es)” para me referir a sujeitas plurais, com subjetividades, corpos, contextos sociais e históricos distintos, ao abordar a temática *autoria feminina*, refiro-me a essas mesmas sujeitas plurais, assim como a pluralidade de suas escritas. Aqui vale notabilizar que o termo “mulheres” em *Leia Mulheres* não se refere somente ao plural do substantivo feminino “mulher”, como também carrega em si a diversidade de seres humanos plurais flexionados em gênero, raça e classe – histórica e geograficamente situadas.

De abril de 2019 a novembro de 2022, um total de 40 autoras foram lidas pelo clube de leitura em Cascavel. O gráfico 1 apresenta a nacionalidade das autoras. Nele é possível visualizar que Coreia do Sul, Espanha, Uruguai, França, Cuba, Afeganistão, Suécia, Marrocos, Portugal, Índia, Rússia, Nigéria e México tiveram, cada país, uma autora lida; número seguido pela Itália, com duas autoras lidas. Com três autoras cada aparecem Reino Unido e Canadá. Estados Unidos teve sua representação com seis autoras, enquanto Brasil foi o país com maior representatividade nas leituras: treze autoras. Ou seja, foram 40 autoras lidas de 18 nacionalidades diferentes.

A autoria feminina brasileira se fez notável ao representar 32,5% das leituras propostas, uma porcentagem maior do que o dobro da segunda nacionalidade mais lida, dado que as estadunidenses representaram 15%.

Gráfico 1 – Nacionalidade das escritoras.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao ranquear as nacionalidades das autoras, foi possível analisar que os países em que a língua portuguesa é o idioma oficial somaram 14 autoras: 13 brasileiras e 1 portuguesa. Os países em que o inglês é a língua oficial ou uma das línguas oficiais também somaram 14 autoras, sendo elas: 6 estadunidenses, 3 canadenses, 3 britânicas, 1 nigeriana e 1 indiana. A língua espanhola foi representada por 4 autoras: 1 espanhola, 1 uruguaia, 1 cubana e 1 mexicana. Essas três línguas, portuguesa, inglesa e espanhola, foram as línguas originais/maternas das autoras que tiveram maior expressão no gráfico e nas obras lidas. Esse somatório apresentaria um resultado um pouco diferente se considerarmos a língua-fonte da qual as obras foram traduzidas no Brasil, pois o número de obras escritas em inglês seria majoritário.

Em relação às línguas-fonte das traduções, o inglês se destaca, como já esperado. Segundo dados referentes ao período de 2005 a 2009, os únicos disponíveis na pesquisa anual da Fipe (CBLc2016), em média 62% de todos os títulos traduzidos para o português do Brasil se originaram de textos em língua inglesa. A proporção de textos-fonte em inglês nas traduções brasileiras foi entre cinco e seis vezes maior do que a segunda língua mais traduzida, quase sempre o espanhol, [...] (Martins, 2021, p. 157).

A pesquisa referenciada por Martins (2021) se intitula *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, realizada “pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – Fipe,

entidade ligada à Universidade de São Paulo – USP, por encomenda do Sindicato Nacional dos Editores de Livros e da Câmara Brasileira do Livro” (Martins, 2021, p. 153), que apresentava, em suas versões de 2005 a 2009, uma tabela específica para títulos editados e exemplares traduzidos para o português e de quais línguas-fontes ocorreram tais traduções. Conforme a citação acima, o inglês foi a língua de origem mais traduzida no Brasil naquele período, seguido de longe pelo espanhol.

Se olharmos novamente o gráfico, ainda é possível constatar o processo relacional de colonizador-colonizado nos países representantes de cada uma dessas línguas, como é o caso Portugal-Brasil, Reino Unido-Estados Unidos, Canadá, Nigéria e Índia e Espanha-México, Uruguai, Cuba – processo cujo resultado é os idiomas oficiais desses países serem os idiomas de seus colonizadores.

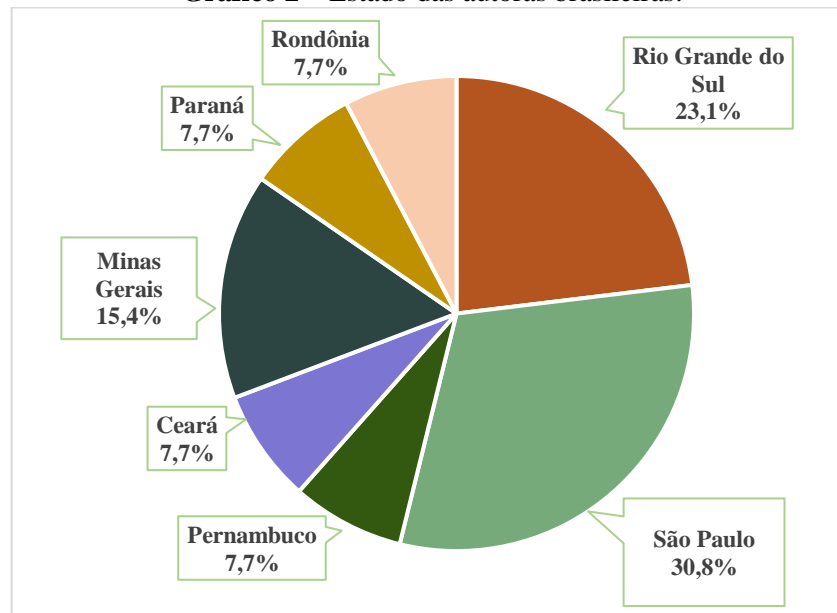
Pascale Casanova (2002) constata que as línguas possuem, dentro do campo literário, distintos capitais literários. Sendo assim, ela as segmenta em línguas dominantes e línguas dominadas:

Existe, portanto, um valor literário ligado a certas línguas, assim como efeitos propriamente literários, ligados sobretudo às traduções, que são irredutíveis ao capital propriamente linguístico ligado a uma língua, ao prestígio vinculado ao emprego de uma língua no universo escolar, político, econômico [...] Esse valor específico deve ser radicalmente distinto do que os analistas políticos do ‘sistema linguística mundial’ descrevem hoje como os indícios de centralidade de uma língua. Dependendo da história da língua, da nação política, assim como da literatura e do espaço literário, o patrimônio linguístico-literário também está ligado a um conjunto de procedimentos técnicos elaborados ao longo da história literária, de pesquisas formais, de formas e coerções poéticas ou narrativas, de debates teóricos e de invenções estilísticas que enriquecem a gama das possibilidades literárias. De tal modo que a ‘riqueza’ literária e linguística é eficiente ao mesmo tempo nas representações e nas coisas, na crença e nos textos. (Casanova, 2002, p. 33-34).

Conforme a base de dados do *Index Translationum*²⁵, a língua inglesa ocupa o primeiro lugar entre as línguas-fonte mais traduzidas no mundo e, neste *ranking*, a língua portuguesa ocupa a 18ª posição. Essas estatísticas corroboram o argumento defendido por Casanova (2002) sobre a língua ser um dos principais componentes do capital literário.

Por sua vez, o gráfico 2 representa a naturalidade, em nível de estado, das autoras brasileiras lidas pelo *Leia Mulheres Cascavel*.

²⁵ O *Index Translationum* é uma biblioteca virtual criada pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Unesco) em 1948 com dados de livros traduzidos em mais de 150 países (Aquino, 2017).

Gráfico 2 – Estado das autoras brasileiras.

Fonte: Elaborado pela autora.

O estado de São Paulo se destaca com quatro autoras, Rio Grande do Sul contou com a representação de três, seguido por Minas Gerais com duas autoras lidas. Os estados de Ceará, Paraná, Pernambuco e Rondônia tiveram, cada, uma autora lida. Se analisarmos o gráfico em nível de regiões brasileiras, a região Sudeste representa 46,2% das autoras lidas, a região Sul 30,8%, a região Nordeste 15,4% e a região Norte 7,7%. A região Centro-Oeste não teve autoras lidas dentro do período de análise em questão. Esses números fazem lembrar a pesquisa realizada por Dalcastagnè (2012) sobre a literatura brasileira contemporânea, em que, no tratamento dos dados, foi possível perceber que há

[...] uma notável concentração geográfica. Quatro estados da federação são o local de nascimento de mais de 70% dos escritores e escritoras do *corpus* – Rio de Janeiro (36,4%), São Paulo (13,3%), Rio Grande do Sul (12,7%) e Minas Gerais (10,9%). Quando o foco é o local de moradia, a disparidade é ainda maior: mais de 60% estão concentrados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, [...] (Dalcastagnè, 2012, p. 233).

Rio de Janeiro é o único estado que se distingue entre as pesquisas, já que os demais estados (São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais) possuem destaques semelhantes como local de nascimento das autoras. Não tratarei aqui sobre o local de moradia e os processos migratórios que podem ser observados se olharmos com mais atenção para os deslocamentos realizados pelas escritoras; porém, considero pertinente a citação de Dalcastagnè sobre a temática e o que isso pode significar em relação à existência de posições geográficas centrais

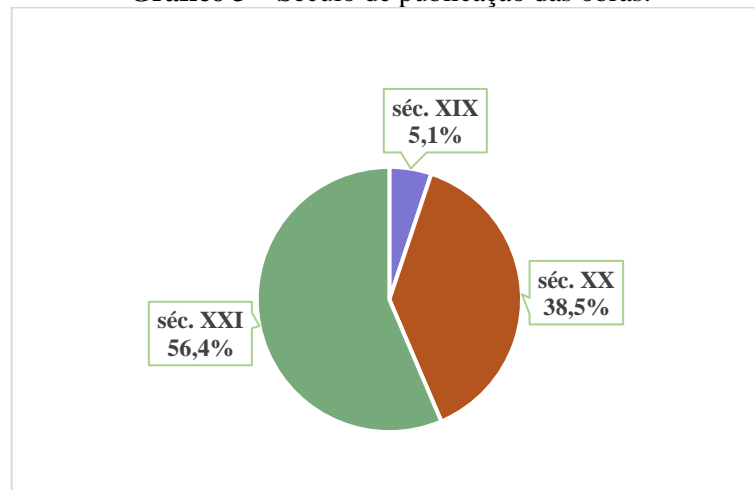
no campo literário brasileiro, além da influência desses centros de capital cultural para os sujeitos do campo literário – e, nesse caso, para as autoras brasileiras.

Poderíamos abordar a questão do cânone hoje, em relação ao poder das Universidades, o poder dos grupos e, sobretudo, o poder do eixo Rio/São Paulo/Minas, pois, só é canonizado o escritor que, vivendo nessas regiões, pode frequentar determinados círculos de influência, professores dos cursos de pós-graduação, críticos literários, redatores de jornais, [...] (Muzart, 1995, p. 85).

De acordo com Muzart (1995), o eixo Rio/São Paulo/Minas se caracteriza como um eixo geográfico poderoso dentro do campo literário, independentemente de ser para a formação de novos cânones ou em relação à localização geográfica de profissionais do campo literário – tanto por seu caráter historicamente já estabelecido dentro do campo quanto pela concentração de editoras e eventos literários que se destacam por sua amplitude em comparação a eventos que ocorrem em outros estados da federação.

As migrações, que também ocorrem de um país a outro, são, para algumas escritoras, a única possibilidade de produzir e publicar suas escritas. Quando o teto, que nunca foi todo delas, precisa ser deixado para trás para que elas possam continuar existindo e escrevendo. Esse é o caso, para citar apenas um, de Nadia Ghulam, que contou com a ajuda e apoio de Agnès Rotger para escrever e publicar sua história, materializada no livro *O segredo do meu turbante* (2020) – obra lida em setembro de 2021 pelo *Leia Mulheres Cascavel*. A autora, nascida no Afeganistão, teve ainda menina o rosto deformado após a explosão de uma bomba em uma guerra que matou os homens de sua família. Para que sua família (mãe e irmãs) não morressem de fome, Nadia decidiu assumir a identidade do irmão que morreu. Identidade que ela usou até os 21 anos, quando conseguiu imigrar para a Espanha.

Há outras relações de identidade que situam as autoras: negras, indígenas, africanas, europeias, asiáticas, latino-americanas e caribenhas, norte-americanas. Mulheres cis e transgênero, que escreveram suas obras em diferentes épocas (como pode ser observado no gráfico 3), sobre diferentes contextos e perspectivas. Relações significativas para se pensar a escrita de autoria feminina, pois “não se trata, portanto, de nomear um tipo de escrita a partir dela mesma ou de um texto desvinculado da autoria como se fosse uma entidade ontológica e metafísica” (Schmidt, 1995, p. 189), mas que é produzida por sujeitas plurais, em contextos plurais.

Gráfico 3 – Século de publicação das obras.

Fonte: Elaborado pela autora.

Contudo, foi possível observar que, assim como nas listas de sugestões de leituras do Desafio Leia Mulheres, autoras de algumas nacionalidades, continentes, etnias são mais lidas em detrimento de outras. Isso nos faz questionar até que ponto o *Leia Mulheres* consegue romper com as estruturas já firmadas dentro do campo literário.

2.1.2 Obras

Dentre as 39 obras ranqueadas que foram lidas pelo *Leia Mulheres Cascavel*, englobando as leituras realizadas nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022, foram identificadas obras classificadas como pertencentes ao gênero romance e às suas derivações, sendo elas: *Água viva* (1973), cuja narrativa consiste num fluxo de consciência; *Becos da memória* (2006), na qual Conceição Evaristo se utiliza de sua *escrivivência*, conceito por ela criado para conceituar uma escritura que se faz por meio das vivências dos sujeitos negros, de seus corpos, afetos e histórias que constroem e são construídos pela e na narrativa de suas vidas e escritas, suas e dos seus; *O deus das pequenas coisas* (1997) e *As alegrias da maternidade* (1979), romances históricos em que, no imbricar de suas narrativas, personagens fictícios circulam em espaços geográficos da materialidade concreta de uma determinada época, numa sobreposição entre a história e situação social, política, econômica e cultural dos países de origem das autoras (Índia e Nigéria) e as vivências das personagens; *A vegetariana* (2007), romance-novela cuja protagonista tem sua história narrada por outros três personagens; *Cartas para minha mãe* (1998), cuja autora, Teresa Cárdenas, recorre ao gênero epistolar na escrita de seu texto, no qual uma menina órfã escreve cartas para sua mãe; e *Garota, mulher, outras* (2019), a partir da qual

Bernardine Evaristo rompe com padrões e gêneros narrativos em uma obra com diversas personagens que narram suas histórias ao longo dos capítulos. Em um evento/capítulo que reúne todas essas histórias, a escritora aborda a diversidade das relações afetivas, orientações sexuais, definições de gênero e papéis sociais de maneira tão ímpar que lhe outorgou o *Prêmio Booker* de 2019.

A amiga genial (2011), *O corpo em que nasci* (2011), *A moça do internato* (1861), *A casa na Rua Mango* (1984) e *O que ela sussurra* (2020) são obras consideradas romances de formação. Ainda no gênero romance, *O quarto branco* (2019) se caracteriza como romance de estreia da escritora uruguaia Gabriela Aguerre.

Do gênero poesia foram lidas três obras, sendo elas: *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (1974) e *Jóquei* (2014). Já em relação a coletâneas de contos, foram selecionadas para leitura *Vida Querida* (2013) e *Redemoinho em dias quentes* (2019).

A ficção científica teve como representantes a obra afro-futurista *Kindred – Laços de sangue* (1979), a distopia *O conto da aia* (1985), o terror gótico *Frankenstein* (1818) e a obra *Os despossuídos* (1974), que contém características da utopia e da distopia.

Canção de ninar (2016) foi a única obra de *thriller/suspense* lida pelo *Leia Mulheres Cascavel* até o ano de 2022. Também como representantes únicos de seus gêneros se encontram a história em quadrinhos (HQ) *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva versus o patriarcado* (2018) e o romance de literatura infantil e juvenil *A bolsa amarela* (1976).

Seis foram as obras de teorias feministas, sendo elas: *O feminismo é para todo mundo* (2020), *Empoderamento* (2019), *Calibã e a bruxa* (2004), *O mito da beleza* (1990) e as obras de ensaios *Um teto todo seu* (1929) e *Falso espelho* (2019).

Houve também a leitura de sete obras de caráter biográfico, sendo três delas autobiografias: *Só garotos* (2010), *E se eu fosse puta* (2016) e *Eu sou Macuxi e outras histórias* (2019), compostas por textos de prosa, poesia e ilustrações; uma autosociobiografia, *O lugar* (1983); uma autoficção, *Da pele para dentro* (2021); uma obra composta por diários da autora, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960); e uma (auto)biografia, *O segredo do meu turbante* (2010) – aqui assim denominada por ser uma obra em que são narradas as vivências de uma das autoras (Nadia Ghulam), que contou com a colaboração da jornalista Agnès Rotger para escrevê-las.

2.1.3 Outras

Como mencionado anteriormente, o projeto *Leia Mulheres Cascavel*, além das leituras e encontros promovidos para socializá-las, tem participado, realizado e proposto outras atividades ligadas à literatura, ao feminismo, à autoria feminina e à presença e atuação de mulheres em várias instâncias da sociedade: cultura, política, educação. Dessa maneira, apresento a seguir quatro dessas atividades realizadas em seus quatro anos de existência.

A primeira se refere à “1ª Mostra Mulheres, Cinema e Horizontes”, que ocorreu parcialmente em março de 2020. A mostra de cinema foi um projeto realizado em parceria com o Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), câmpus de Cascavel. O projeto tinha como proposta assistir a filmes dirigidos por mulheres e discuti-los, assim como é feito com as obras literárias.

Figura 7 – 1ª Mostra Mulheres, Cinema e Horizontes.



Fonte: Elaborado pela autora com imagens extraídas do perfil do *Instagram* @leiamulherescascavel.

Os *prints* da figura 7 são de dois *posts* publicados no perfil @leiamulherescascavel. A imagem da esquerda foi publicada em 03 de março de 2020, que anunciava o projeto e sua programação. A imagem era acompanhada do texto a seguir:

Cine Ceca e Leia Mulheres Cascavel apresentam:

I Mostra Mulheres, Cinema e Horizontes!

Março é mês das mulheres darem um passo à frente. De lutar, cada uma onde pode e sabe, por representatividade, igualdade e respeito. Por isso, nós do @leiamulherescascavel nos unimos ao @cecaunioeste para promover nossa primeira mostra de cinema.

De 07 a 28 de março, todos os sábados, às 15h, exibiremos um filme dirigido por uma mulher. Os encontros serão no Miniauditório III da Unioeste e serão sempre gratuitos. Todxs são bem-vindos!

Os filmes escolhidos retratam o olhar das mulheres sobre o mundo a partir de diferentes lugares no mapa: uma brasileira, uma venezuelana, uma saudita e uma inglesa. Falam de diferentes tempos e diferentes culturas. Buscam a interseccionalidade. São documentos e ficções.

Vamos celebrar e debater juntos a inteligência das mulheres na cultura, fortalecer vínculos e ocupar o espaço rico e democrático que é a @unioestepr universidade pública que é orgulho dos cascavelenses. (@leiamulherescascavel, 2020, on-line).

Para instigar a participação da comunidade acadêmica, o projeto propunha a emissão de certificados para quem participasse de, no mínimo, duas exposições (conforme imagem da direita) – certificação possibilitada pela parceria com o CECA e o projeto de extensão “Cine CECA”.

Contudo, apenas uma exposição da Mostra foi realizada. Em 07 de março de 2020, o filme *As sufragistas* (2015), dirigido pela britânica Sarah Gavron, foi exibido para participantes do *Leia Mulheres Cascavel* e da comunidade acadêmica da universidade, que, após a exposição, puderam discutir e dialogar sobre a temática do longa-metragem. Os outros três filmes da programação da Mostra não chegaram a ser exibidos, pois no dia 11 daquele mesmo mês a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a COVID-19 como uma pandemia. Em março de 2020, iniciaram-se os encontros on-line do *Leia Mulheres Cascavel* e atividades como a “I Mostra Mulheres, Cinema e Horizontes” foram suspensas por tempo indeterminado. Nesse caso, até o presente momento a atividade não teve continuidade.

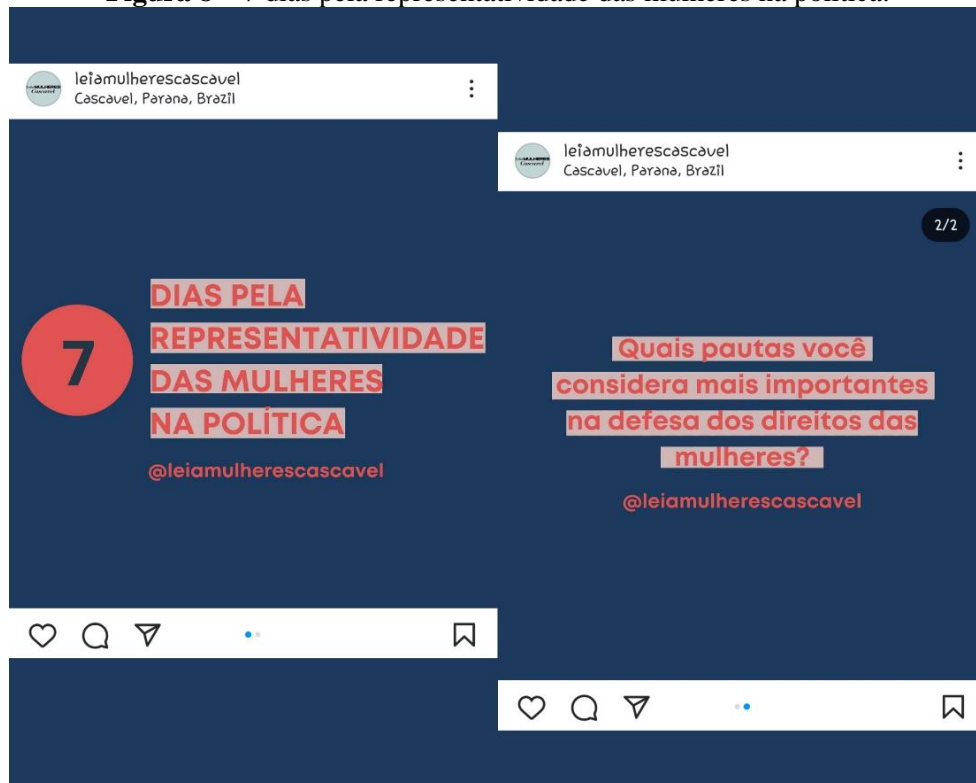
Em novembro de 2020, as mediadoras do *Leia Mulheres Cascavel*, com a colaboração de algumas das participantes do clube de leitura, lançaram no perfil do clube no *Instagram* a campanha “7 dias pela representatividade das mulheres na política”, que se constituiu por sete *posts*, um por dia²⁶, que abordavam assuntos e temáticas relacionadas às mulheres e à política. A figura 8, composta por *prints* de tela do primeiro *post*, publicado em 09 de novembro de 2020, configura-se como o lançamento da campanha e um convite à participação dos seguidores com a pergunta: “Quais pautas você considera mais importantes na defesa dos direitos das mulheres?”.

²⁶ Tecnicamente, já que dois *posts* foram publicados na mesma data (15/11) e um dia ficou sem publicação (13/11).

No segundo *post*, no dia 10 de novembro de 2020, foram apresentados os dados de análise das candidaturas e dos planos de governo dos oito candidatos à prefeitura de Cascavel. Foram analisados os planos de governo e sistematizadas as menções e propostas relacionadas às mulheres, como políticas públicas para combate à violência contra a mulher, combate à violência sexual na infância e na adolescência, campanhas, ações ou programas de conscientização para superação da violência praticada contra as mulheres e de reabilitação para agressores, estratégias para ampliação de vagas em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e escolas municipais, a educação e profissionalização de mulheres, assim como geração de renda e a promoção da saúde da mulher.

O terceiro *post* foi dedicado à apresentação geral das mulheres candidatas à câmara de vereadores de Cascavel, com o número de candidatas, o percentual representado por elas no total de candidatos disputando as 21 cadeiras na câmara, a autodeclaração étnica das candidatas e a legenda ao qual eram filiadas, além de algumas sugestões sobre como escolher um (a) candidato (a). O texto que acompanhava a publicação contava também com uma breve explicação sobre as principais funções dos parlamentares e informações sobre alterações no processo eleitoral, como o fim das coligações – outorgada pela Emenda Constitucional nº 17 de 4 de outubro de 2017, que em seu artigo 2º vedou “à celebração à celebração de coligações nas eleições proporcionais, prevista no § 1º do art. 17 da Constituição Federal, aplicar-se-á a partir das eleições de 2020” (Brasil, 2017) e incumbiu cada legenda de indicar quem são suas candidatas mulheres. Essa alteração viabilizaria, segundo o texto publicado pelas mediadoras, as chances reais das mulheres a assumirem cargos de poder no campo político brasileiro.

Figura 8 – 7 dias pela representatividade das mulheres na política.



Fonte: <https://www.instagram.com/leiamulherescascavel/>.

No quarto *post* da campanha, um histórico sobre mandatos de mulheres em Cascavel foi apresentado: a cidade nunca teve mulheres nos cargos de prefeita e vice-prefeita, a câmara de Cascavel teve apenas 11 mulheres ocupando suas cadeiras em 67 anos e havia completado, em 2020, 20 anos desde a última vez em que uma mulher havia sido eleita como vereadora na cidade. Houve também um questionamento no texto da publicação sobre os motivos da pouca representatividade de mulheres no campo político municipal.

O quinto *post* tratava sobre o questionamento: “Por que precisamos de políticas públicas para mulheres?” e enunciava políticas públicas existentes e as consideradas necessárias na cidade. Havia apenas duas políticas públicas específicas para mulheres na cidade e as consideradas necessárias somavam 20. No texto da publicação havia dados estatísticos de pesquisas divulgadas pelo IBGE referentes à desigualdade salarial entre homens e mulheres, o aumento dos casos de violência contra mulheres durante a pandemia. As problemáticas da licença parental e como elas afetam as mulheres também eram mencionadas.

“Por que as mulheres devem estar nos espaços de poder?” era a pergunta norteadora do sexto *post*. Nele eram mencionados os resultados de um estudo²⁷ realizado por uma universidade estadunidense, que apontavam a menor incidência de corrupção onde mulheres participavam em maior número no governo e o maior número de investimentos em educação e saúde.

O último *post*, apesar de não conter o título da campanha, apresentava a notícia de que duas mulheres haviam sido eleitas nas votações municipais ocorridas no dia 15 de setembro de 2020, enunciava uma parabenização às duas e o desejo expresso de que os mandatos fossem comprometidos com os direitos das mulheres.

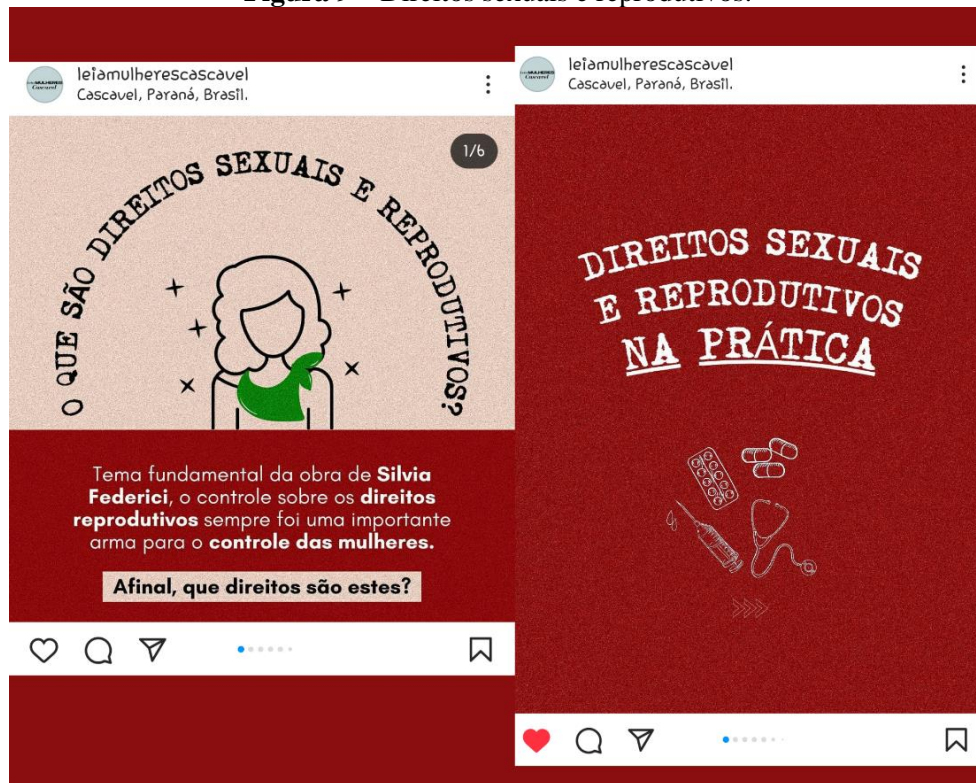
A figura 9 é composta por dois *prints* de tela de outros dois *posts* no perfil do clube de leitura no *Instagram*, publicados em março de 2021 – ambos direcionados ao tema “Direitos sexuais e reprodutivos”. O primeiro *post* (conforme *print* da esquerda) era composto pela conceituação e história dos direitos reprodutivos e sexuais e respectivos exemplos. A temática foi suscitada pela leitura do livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, de Silvia Federici, e coincidiu com a não adesão do governo brasileiro à declaração feita durante a 46ª sessão do Conselho de Direitos Humanos em Genebra e aderida por mais de 60 países e que, assim, firmavam compromissos referentes à saúde feminina. A não adesão teria ocorrido justamente pela menção, considerada ambígua pelo Itamaraty²⁸, aos direitos sexuais e reprodutivos. A outra publicação da figura 9 (*print* da direita) continha informações sobre os direitos sexuais e reprodutivos que são garantidos no Brasil.

Ainda sobre direitos sexuais e reprodutivos, foi elaborada uma terceira publicação, que contou com a colaboração e fala de uma mulher participante do *Leia Mulheres Cascavel* e médica sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) e direitos sexuais e reprodutivos.

²⁷ JHA, Chandan Kumar; SARANGI, Sudipta. Women and corruption: What positions must they hold to make a difference?. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 151, 2018, p. 219-233. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167268118300933>. Acesso em: 21 out. 2022.

²⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/08/brasil-nao-adere-a-ato-de-60-democracias-na-onu-pela-defesa-das-mulheres.htm>. Acesso em: 21 out. 2022.

Figura 9 – Direitos sexuais e reprodutivos.



Fonte: <https://www.instagram.com/leiamulherescascavel/>.

Por fim, a figura 10 representa dois *prints* de uma publicação feita em julho de 2022 sobre a 1ª Festa Literária de Toledo (FLIT), cidade vizinha de Cascavel, que ocorreu nos dias 13 a 19 agosto do mesmo ano. O evento gratuito, organizado pela Secretaria de Cultura de Toledo, contou com uma programação diversificada, com feira de livros, espetáculos teatrais e de dança, mesas-redondas, exposições de arte, shows, oficinas, bate-papos e rodas de conversa, sendo esta última atividade destacada aqui. A roda de conversa “ELAS – Encontros Literários de Autoras” contou com a participação de quatro escritoras brasileiras: Aline Bei, Maria Valéria Rezende, Karen Debértolis e Marília Kubota, bem como dos clubes de leitura *Leia Mulheres* de Toledo e de Cascavel. Apesar de haver vários eventos e festas literárias no Brasil, na região oeste do Paraná são escassos, ainda mais se delimitarmos a situação em eventos realizados pelos governos municipais e com participação de escritoras e escritores.

Figura 10 – *Leia Mulheres Cascavel* na 1ª FLIT.



Fonte: <https://www.instagram.com/leiamulherescascavel/>.

Sobre as postagens no perfil do *Instagram* e as outras ações realizadas pelo *Leia Mulheres Cascavel*, as mediadoras comentaram na entrevista o seguinte:

Entrevistada B: [...] Eventualmente, quando a gente consegue se organizar, postamos algum tipo de material, de conteúdo que tenha relação com a obra lida, com a temática do livro que estamos lendo e possa servir como uma utilidade pública, como algo informativo, ou para provocar alguma discussão. Por exemplo, quando estávamos lendo a Silvia Federici, fizemos uma sequência de *posts* sobre direitos reprodutivos, com o objetivo de ampliar esse debate, que é um debate que a gente faz muito mal na história da humanidade, no Brasil era também um momento muito pontual. [...]

Entrevistada B: Gostaríamos muito de fazer mais. Geralmente são coisas que envolvem tempo, estudo, dados e nem sempre a gente pode. [...]

Entrevista A: Gostaríamos de fazer muitas coisas, temos muitas ideias, já até tentamos criar setoriais ali dentro [do grupo]. Tem coisa que a gente quer muito, como atividades nas escolas, fazer parcerias com outras instituições [...] (Entrevistada A; Entrevistada B, 2022, Apêndice A).

É possível notar pela fala das mediadoras e pelas ações já realizadas pelo e no *Leia Mulheres Cascavel* que existe a preocupação de fazer do projeto um espaço de trocas de experiências de leitura, mas também de trocas de conhecimentos, de informações importantes e necessárias para a luta por direitos e por representatividade política, social ou literária.

3 E SE EU LESSE MAIS MULHERES²⁹? APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS REVERBERAÇÕES DO *LEIA MULHERES CASCAVEL*

Com intuito de compreender as reverberações do *Leia Mulheres Cascavel* nas colegas participantes, utilizei como recurso um questionário semiestruturado submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste. Devido à pandemia da COVID-19, a aplicação do questionário se deu via compartilhamento de seu *link* no grupo de *WhatsApp* do *Leia Mulheres Cascavel*, no qual as pessoas interessadas são adicionadas quando começam a participar dos encontros. O *link* ficou disponibilizado para receber respostas no período de 11 de setembro de 2021 a 13 de outubro de 2021. Nesse meio tempo, o grupo do *WhatsApp* contava com cerca de 75 participantes e o questionário recebeu 21 respostas, sendo que a última foi recebida em 30 de setembro de 2021. Com isso, as leituras contempladas se referem ao período de abril de 2019 a setembro de 2021.

O questionário foi composto por duas rodadas de perguntas, sendo a primeira composta por perguntas objetivas/fechadas e a segunda, por perguntas dissertativas/abertas. Isso posto, passo a apresentar os dados, as informações e considerações feitas pelas pessoas participantes em resposta ao questionário. A reprodução integral das respostas ao questionário pode ser encontrada no Apêndice B deste trabalho.

3.1 O LUGAR³⁰ SOCIOECONÔMICO E A CULTURA DE LEITURA DAS PESSOAS PARTICIPANTES DO *LEIA MULHERES CASCAVEL*

A primeira rodada, nomeada “Questionário socioeconômico e cultural” se caracterizou por conter perguntas relacionadas à situação socioeconômica e cultural das pessoas respondentes, de maneira que fosse possível vislumbrar quem são as sujeitas e sujeitos que compõem o *Leia Mulheres Cascavel*. Assim, as 11 perguntas dessa rodada se referiam aos seguintes elementos: identidade de gênero, cor ou raça, faixa etária, se residente ou não da cidade de Cascavel, nível de escolaridade, se estava estudando no momento, se possuía fonte de renda própria, média de renda mensal, se possuía hábito de adquirir/comprar livros, em relação à quantidade de livros que costumava adquirir no intervalo de tempo de um ano e, por fim, quantos livros lia em um ano.

²⁹ Título inspirado na obra *E se eu fosse puta*, originalmente publicada em 2016, de Amara Moira – leitura de julho de 2020 do *Leia Mulheres Cascavel*.

³⁰ Título inspirado na obra *O lugar*, originalmente publicada em 1983, de Annie Ernaux – leitura de março de 2022 do *Leia Mulheres Cascavel*.

Com relação à identidade de gênero das pessoas respondentes (21), 85,7% (18) se identificaram como mulher cisgênero e 14,3% (3) como homem cisgênero. Quanto à cor ou raça, 76,2% (16) se autodeclararam como pessoas brancas; 9,5% (2) como pardas; e 14,3% (3) como pretas/negras. A faixa etária dessas pessoas obteve as seguintes respostas: 9,5% (2) se localizam na faixa de até 21 anos; 28,6% (6) de 22 a 31 anos; de 32 a 41 anos foi a faixa etária com maior representatividade, com 9 pessoas, ou seja, 42,9% das pessoas respondentes; a faixa de 42 a 51 anos não obteve nenhuma resposta; de 52 a 61 anos contabilizou 9,5% (2), mesmo resultado da faixa de 62 anos ou mais: 9,5% (2).

Das 21 pessoas respondentes, 76,2% (16) disseram ser residentes de Cascavel, enquanto as outras, 23,8% (5), disseram não serem residentes da referida cidade. Nesse ponto da análise dos dados, constatei que ter solicitado na questão que as pessoas não residentes de Cascavel identificassem seu local de residência teria gerado um dado interessante para análise, pois possibilitaria averiguar a amplitude geográfica alcançada pelo *Leia Mulheres Cascavel*. Como participante, presenciei a participação de pessoas residentes de outras cidades do estado do Paraná, de outros estados e, até mesmo, a participação de uma brasileira residente em outro país. No entanto, esse dado não foi contemplado no questionário – fato que pode ocorrer quando se realizam pesquisas com seres humanos, pois, por mais que busquemos estruturar os instrumentos da pesquisa (questionário/entrevista) da maneira mais completa possível, algumas informações se tornam relevantes e perceptíveis de sua relevância quando começamos a analisá-las. Essa característica faz parte da pesquisa e de se tornar pesquisador/pesquisadora, visto que é no decorrer do processo que nos instrumentalizamos e desenvolvemos as potencialidades e conhecimentos para realizá-lo.

Quanto ao nível de escolaridade, o questionário recebeu as seguintes respostas: 4,8% (1) possui o Ensino Médio completo; 19,0% (4) disseram ter o Ensino Superior incompleto; 38,1% (8) possuem o Ensino Superior completo (graduação); 19,0% (4) têm Mestrado; e 19,0% (4) possuem Doutorado. Sobre estarem estudando ou não naquele momento da participação na pesquisa, 52,4% (11) responderam que “sim” e 47,6% (10) responderam “não” durante o período do levantamento de dados. Ou seja, das 21 pessoas respondentes, 76,2% (16) possuem o Ensino Superior completo, se considerarmos a soma das respostas de Ensino Superior completo, Mestrado e Doutorado, ainda havendo três entre aquelas que possuem Ensino Superior incompleto que disseram estar estudando no momento do questionário.

A respeito da pergunta sobre possuir ou não fonte de renda própria, 19 pessoas (90,5%) a responderam afirmativamente e 2 (9,5%) disseram não possuir fonte de renda própria. A

pergunta seguinte se relacionava à anterior ao indagar sobre a média de renda mensal. A pergunta possuía seis opções de seleção, que receberam as seguintes respostas: 4,8% (1) respondeu não possuir fonte de renda própria³¹; 9,5% (2) possuíam renda de até 1 salário mínimo³² ao mês; 14,3% (3) selecionaram a opção de 1 a 3 salários mínimos; 4,8% (1) possuía renda de 3 a 5 salários mínimos; 28,6% (6) tinham uma renda de 5 a 7 salários mínimos; e 38,1% (8) responderam possuir um média de renda mensal acima de 7 salários mínimos – ou seja, superior a R\$ 7.700,00 mensais.

Quanto ao hábito de comprar/adquirir livros, todas as pessoas respondentes afirmaram ter tal hábito. Com base nessa pergunta, a seguinte se referia à quantidade de livros que costumavam adquirir no intervalo de 12 meses: 19% (4) compravam até 5 livros por ano; 28,6% (6) de 6 a 10 livros; 23,8% (5) de 11 a 15 livros; 19% (4) adquiriam de 16 a 20 livros; e 9,5% (2) responderam comprar mais de 20 livros no intervalo de tempo de um ano. Já em relação à leitura, 4,8% (1) respondeu ler de 1 a 5 livros por ano; 23,8% (5) liam de 5 a 10 livros; 28,6% (6) de 10 a 15 livros ao ano; 14,3% (3) de 15 a 20 livros; e 28,6% (6) responderam ler mais de 20 livros no intervalo de um ano. Esses dados possibilitaram identificar algumas características socioeconômicas e culturais das pessoas participantes do *Leia Mulheres Cascavel*.

A maioria significativa do grupo é composta por mulheres, brancas, com nível de escolaridade de Ensino Superior e uma média de renda mensal que, segundo artigo escrito por Camilla Veras Mota (2021) e publicado na página da *web* do jornal *BBC News Brasil*, é superior à renda de 90% dos brasileiros. No artigo em questão, Mota (2021) aponta, conforme dados de uma pesquisa³³ do IBGE, que a média de renda de 90% dos brasileiros é inferior a R\$ 3,5 mil por mês, o que significa que as participantes do projeto são pessoas que possuem condições econômicas para manter o hábito cultural de leitura.

3.2 DA PELE PARA DENTRO³⁴: SIGNIFICAÇÕES DO *LEIA MULHERES CASCAVEL*

Reconheço a importância de apresentar o lugar socioeconômico e cultural ocupado pelas pessoas participantes do *Leia Mulheres Cascavel*, principalmente ao compreender a sociedade

³¹ Há uma incongruência entre essa resposta e a anterior, visto que, naquela, duas pessoas disseram não possuir fonte de renda própria e, em seguida, a opção teve apenas uma marcação quando a indagação se referia à média de renda mensal.

³² Com base no salário mínimo vigente no ano de 2021, de R\$ 1.100,00 (mil e cem reais), promulgado pela Lei nº 14.158/2021.

³³ Pnad Contínua – Rendimentos de todas as fontes 2019.

³⁴ Título inspirado na obra *Da pele para dentro*, originalmente publicada em 2021, de Gisele Resmini Hansen – leitura de setembro de 2022 do *Leia Mulheres Cascavel*.

sobrecarregada de desigualdades e preconceitos em que vivemos. No entanto, essas pessoas, assim como eu, são seres no mundo, que o constroem e são construídas por ele, por meio da interação. E são essas sujeitas e sujeitos, com suas histórias, memórias e narrativas, juntamente com as mediadoras, as autoras e obras lidas que constituem e significam o *Leia Mulheres Cascavel*, com seus impasses, lutas e vínculos que reverberam em cada uma/um.

A segunda rodada de perguntas do questionário aplicado às pessoas participantes do *Leia* teve suas perguntas direcionadas à experiência que cada sujeito e sujeita tinha em relação às leituras, aos compartilhamentos das experiências de leitura e de suas participações como integrantes do grupo, que foi sendo formado no decorrer do tempo no clube de leitura.

As respostas da pergunta sobre o que as/os havia motivado a participar do *Leia Mulheres Cascavel* continham relatos e expressões que aludiam a quatro motivações: ler mulheres, compartilhar leituras/fazer parte de um grupo, ler/participar/debater sobre assuntos distintos daqueles relacionados as suas profissões e à leitura em termos gerais (ler mais, criar hábito de leitura, ler conhecer novas autoras/temáticas e obras).

No que se relaciona às descrições de suas experiências como participantes do *Leia*, considero necessário trazer aqui cada resposta dada, pois refletem as reverberações que o clube de leitura/coletivo teve e tem em cada uma das pessoas que dele fazem parte e participaram da pesquisa.

Quadro 6 – Respostas à pergunta: “Como descreveria sua experiência como participante do *Leia Mulheres Cascavel*?”

- | |
|---|
| <p>a) Maravilhosa</p> <p>b) Muito positiva.</p> <p>c) Incrível. De melhoras a vida.</p> <p>d) Muito proveitosa porque as integrantes se respeitam muito, as mediadoras são muito inteligentes e sabem conduzir bem os encontros. Sempre alguém levanta algum ponto que não havia notado, traz outra perspectiva para uma parte do livro na qual eu havia tido outra impressão. Ou seja, sempre uma experiência de aprendizado, de soma.</p> <p>e) Uma experiência singular. A diversidade de sujeitos me encanta. São diversos lugares de fala.</p> <p>f) Um espaço de crescimento, trocas, mas também de solidariedade entre nós</p> <p>g) Maravilhosa! É um espaço muito seguro e que me incentiva a ler obras que muitas vezes eu não procuraria sem a recomendação das companheiras e companheiros do grupo.</p> <p>h) Foi muito importante pra mim participar do grupo. Primeiro que eu consegui resgatar o hábito da leitura. Segundo que eu aprendi muito sobre feminismo e a importância da luta das mulheres... Coisa que antes eu era um dos desinformados e achava que isso era “mimimi”. Ainda bem que eu consegui abrir minha mente para algo tão fundamental e poder me policiar e reconhecer minhas atitudes machistas e misóginos e ainda poder ajudar na luta mostrando para outras pessoas.</p> <p>i) Prazerosa, instigante, experiência ótima</p> |
|---|

- j)** Enriquecedora e acalentadora. Compartilhar diferentes vivências que algumas vezes são diferentes das minhas e em outras são as mesmas dores/lutas.
- k)** Enriquecedora
- l)** Aprendi muito, aprendo muito. O Clube é muito bom, possui uma qualidade na escolha das obras que é fantástico. Consegui ter acesso a obras e escritoras que não conhecia, que talvez não chegaria a conhecer.
- m)** Está sendo uma experiência muito enriquecedora e agregadora. Tanto pela leitura de livros que adorei e sei que não teria tido contato com eles senão pelo Leia, pois lia apenas fantasia infanto-juvenil e adulta e, nesse sentido, a proposta mudou muito minha perspectiva, até para comprar de editoras menores e independentes e fortalecer o trabalho das mulheres escritoras. Além disso, o grupo que se formou no Leia Mulheres Cascavel criou um ambiente (presencial e agora virtual) de muito acolhimento, no qual todos tem voz, não há julgamentos e os encontros trazem muito aprendizado.
- n)** muito boa, cada encontro me faz pensar sobre outras possibilidades de existência e me (des)constrói um pouco mais
- o)** Potente e transformadora
- p)** Aumentou o meu conhecimento sobre escritoras e gênero textuais. Além do contato com pessoas com gosto pela leitura tem sido um grande estímulo para mim.
- q)** Acolhida e respeitada
- r)** A pandemia me trouxe a possibilidade de participar pois não resido no município de Cascavel. O fato de ter um objetivo, discutir o livro lido no mês, me ajudou a retomar a leitura de uma forma mais rotineira. Cada encontro me traz perspectivas distintas, me faz perceber outras vivências. É um espaço onde me sinto acolhida para ser eu mesma. Sinto segurança para dizer o que penso e sinto que o que digo é respeitado.
- s)** Libertador, necessário, fonte de conhecimento. Enriquecedor.
- t)** É tão diferente do que já participei antes, eu sou uma pessoa que foi inserida nesta ótica individualista, participar de grupos pra mim é um desafio. Há muito anseio. Muita questão discutida. O coletivo me assusta um pouco por eu sempre ter tido um mundo familiar reduzido. Quando vi a proposta do leia, de cara achei interessante por conta de quem selecionariam as leituras e por já haver toda uma estrutura nacional programada por trás deste coletivo, outra motivação foi eu realmente querer ler mais mulheres. A experiência é global, tanto nos relatos dos universos femininos e masculinos dentro do grupo em si e quanto nas leituras mensais que são recheadas de perspectivas alheias ao meu mundo ou totalmente inseridas nele meu desde a minha infância, para mim é descoberta e redescoberta.
- u)** Como uma experiência de acolhimento, instrução, aprendizagem.

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados coletados em questionário aplicado às pessoas integrantes/participantes do *Leia Mulheres Cascavel*.

Fazer parte do clube de leitura se mostrou uma experiência com diversas reverberações positivas. Um lugar que se mostrou acolhedor, respeitoso, de debates instigantes e aprendizados, de conhecer pessoas e partilhar vivências. E, se considerarmos que a pesquisa foi aplicada a essas pessoas em um momento de crise social e sanitária mundial, como foi a pandemia da COVID-19, acrescentada à crise política e ao negacionismo científico que assolava o cenário social brasileiro, o *Leia* se caracterizou como um espaço seguro, de expressão e debates profícuos. Segundo Petit,

Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. (Petit, 2010, p. 20-21).

A autora, em suas pesquisas com grupos de leitura, notou que em momentos ou em “espaços de crises” a leitura possibilitava a construção e reconstrução de um espaço psíquico (Petit, 2010). A leitura compartilhada se mostra ter ainda mais esse potencial de construção e reconstrução, não apenas de um espaço interno, mas de compartilhar com outras pessoas a experiência dos efeitos causados pelas obras lidas e as experiências pessoais, de fazer repensar posicionamentos e compreender realidades distintas daquelas que se vive. Essa característica se faz notável na fala da resposta do participante “h” quando afirma que, além de resgatar o hábito de leitura, diz ter aprendido muito “sobre feminismo e a importância da luta das mulheres” – temáticas sobre as quais antes se considerava desinformado – e a possibilidade que a experiência de participar dos encontros, leituras e debates proporcionou ao rever e reconhecer próprias atitudes machistas e misóginas.

Devido às necessárias mudanças no formato de realização dos encontros por conta da pandemia da COVID-19, algumas questões voltaram às vivências das pessoas participantes em relação aos encontros virtuais via plataforma de videoconferência. Quanto à frequência de participações, se foi afetada pela pandemia, as respostas variaram entre: a pandemia e a consequente mudança para o formato virtual dos encontros terem possibilitado a participação de pessoas não residentes em Cascavel, a facilitação proporcionada pelo formato virtual para que algumas pessoas conseguissem participar de forma mais assídua e, em contraponto, pessoas que afirmaram ter a frequência afetada e participarem em poucos encontros por sentirem o mental “esturricado” e o anseio por “estar presente” fisicamente nos encontros.

Uma pequena parcela da população teve o privilégio de trabalhar de maneira remota. Digo “privilégio” sem desconsiderar as afetações provocadas na saúde psíquica, emocional e na quebra espacial entre local de trabalho e casa perceptíveis no formato, cujas interações sociais foram reduzidas a encontros virtuais – o que explicaria o porquê das alterações na frequência dos encontros mencionado por uma das participantes. Todavia, é imprescindível lembrar que a grande maioria dos sujeitos e sujeitas da sociedade brasileira precisou enfrentar os riscos de contágio e exposição ao coronavírus para garantirem a subsistência sua e dos seus, isso quando não os perderam enquanto seu trabalho assegurava o conforto e bem-estar de pessoas que, com um teto todo seu, mantinham um quarto de despejo para elas no nono andar

de um prédio de alto padrão³⁵. E aquelas pessoas cuja atribuição se tornou ainda mais necessária e indispensável para a sociedade: os profissionais da saúde, uma das linhas de frente no combate à COVID-19.

Quanto às opiniões sobre os encontros virtuais, as respostas também oscilaram entre pessoas que consideraram o formato uma alternativa viável e até mesmo confortável por poderem participar de suas casas e que possibilitou que pessoas não residentes de Cascavel pudessem participar. No entanto, na maioria das respostas positivas ao formato de encontro virtual havia um “porém” ou um “mas”, no sentido de gostarem do formato, por ser prático, por possibilitar a continuidade dos encontros mesmo em tempos de distanciamento social, mas de haver a preferência pelos encontros presenciais, por possibilitarem melhor comunicação e interação. Para algumas pessoas, o formato virtual tornou os encontros mais “truncados” e formais pela forma como as falas precisavam ser mais organizadas (com pedido de fala nos *chats*) e afirmaram ter a atenção no formato on-line prejudicada – características que fizeram com que se pronunciassem menos e que influenciou para que a frequência de suas participações nos encontros via plataforma de videoconferência fosse menos assídua.

Com relação às obras selecionadas para a leitura e, entre elas, qual/quais havia(m) despertado maior interesse e se conseguiam distinguir quais características da obra motivaram tal interesse, elaborei o quadro 7 com o nome das obras e as motivações elencadas.

Quadro 7 – Obras que despertaram maior interesse das pessoas participantes do *Leia Mulheres Cascavel*

Obra	Motivo(s)
<i>A origem do mundo</i> (Liv Strömquist)	- Conhecimento.
<i>Calibã e a bruxa</i> (Silvia Federici)	- Tema; - A parte histórica; - Um livro de teoria feminista que queria muito aprofundar o debate e o grupo permitiu esse aproveitamento; - Os aspectos históricos.
<i>O segredo do meu turbante</i> (Nadia Ghulam; Agnès Rotger)	- Gosto da temática de guerra, acho que aflora o que as pessoas são na realidade de forma crua e cruel. Além de cutucar na ferida da aparência, de questionar o que é belo, o que é aceitável e “tolerado” pela sociedade.
<i>Kindred – Laços de sangue</i>	- Por ser uma ficção totalmente fora da minha zona de conforto;

³⁵ Referência ao caso ocorrido em junho de 2020, em que uma criança de 5 anos caiu do nono andar de um prédio em Recife/PE enquanto estava aos cuidados da mulher para qual a mãe trabalhava como empregada doméstica, que havia levado o cachorro da patroa para passear. Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pe/pe/pe/noticia/2020/06/02/crianca-de-5-anos-morre-apos-cair-do-9o-andar-de-predio-no-centro-do-recife.ghml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

(Octavia E. Butler)	- A questão da ancestralidade me tocou profundamente devido aos meus avós terem feito parte do mundo escravizado. Chorei muito lendo esta obra. Nunca tinha me aprofundado no assunto, pois a escravidão é assunto que supostamente todos preferem omitir do que debater.
<i>E se eu fosse puta</i> (Amara Moira)	- Pela discussão maravilhosa que tivemos com a autora; - Um tema que para mim ainda gerava muita dúvida e tinha também preconceito sobre a transexualidade; - Foi a que mais me ensinou, me mostrou uma realidade que eu ainda não conhecia e me colocou para (re)pensar várias coisas.
<i>O olho da rua</i> (Eliane Brum)	- Por ser de reportagens e situações da vida real.
<i>O que ela sussurra</i> (Noemi Jaffe)	- A forma (prosa poética), a pesquisa da autora sobre a vida e obra do poeta russo Ossip Mandelstam, aspectos políticos e sociais da URSS na época de Mandelstam; - A pesquisa realizada pela autora para conhecer sobre a História e a cultura da antiga URSS.
<i>A amiga genial</i> (Elena Ferrante)	- Abarca questões históricas, sociais.
<i>Um teto todo seu</i> (Virginia Woolf)	- Trata das condições necessárias para que uma mulher pudesse escrever e o tema despertou em mim muito interesse, pois não havia refletido na quantidade de fatores necessários para que uma mulher pudesse exercer a escrita
<i>As alegrias da maternidade</i> (Buchi Emecheta)	- Muito diferente de tudo o que eu tinha lido, pois explora a cultura africana e o papel da mulher nessa sociedade, tanto aquela que vive na tribo, quanto a que emigra para a cidade.
<i>Redemoinho em dia quente</i> (Jarid Arraes)	- Pela construção da obra, contando a história de tantas mulheres diferentes e as maneiras que encontravam para resistir, para viver e sobreviver, para sentir e expressar suas potencialidades.
<i>O feminismo é para todo mundo</i> (bell hooks)	- Clareza conceitual, interseccionalidade.
<i>Só garotos</i> (Patti Smith)	- O ato de narrar a própria história.
<i>Jóquei</i> (Matilde Campilho)	- O fato de eu não ler poemas frequentemente. De não ter o livro físico para ler, me fez buscar mídias alternativas; - Porque escutei muitos elogios ao livro.
<i>Empoderamento</i> (Joice Berth)	- As literaturas negras me interessam muito ultimamente mesmo, citei uma, mas são meu foco.
<i>Água viva</i> (Clarice Lispector)	- Provavelmente, por ser minha autora preferida e, ainda que eu já tenha relido a obra, discuti-la e aprender o olhar de mulheres sobre ela foi muito, muito interessante! É como se esses novos discursos se incorporassem ao livro e, num sentido subjetivo, o ampliassem.

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados coletados em questionário aplicado às pessoas integrantes/participantes do *Leia Mulheres Cascavel*.

As obras que possuem mais do que uma entrada na coluna “Motivo(s)” são obras mencionadas por mais de uma pessoa, sendo então cada entrada referente à resposta de uma pessoa. É relevante notar que os interesses são distintos e plurais, assim como são as pessoas participantes e as obras lidas.

Esse movimento de ler obras escritas por mulheres e as reverberações da leitura e seu compartilhamento em um clube remeteram-me à relação entre dois conceitos teóricos de Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2010). Ao abordar o conceito de gênero em seu artigo sobre as mudanças no campo literário brasileiro, sendo o feminismo o agente causador delas, a autora relaciona o conceito de “tecnologia de gênero” de Teresa de Lauretis com o conceito de gênero como “serialidade” de Iris Marion Young.

Para Teresa de Lauretis, gênero não é um conceito dado *a priori*, mas é definido a partir de sua própria construção: ‘A representação do gênero é a sua construção’ (LAURETIS, 1994, p. 209). Tal construção dá-se por diversas ‘tecnologias de gênero’ na expressão da autora: na mídia, nas escolas, na família, nos tribunais, na academia, na comunidade intelectual, no próprio feminismo e nas práticas artísticas, como a literatura. No entanto, pensar uma construção comum de um representação de gênero para essas autoras seria classificá-las como um grupo com objetivos também comuns. Ou então, como possuidoras de atributos plenamente compartilhados. Mas todas têm trajetórias como indivíduos, que geraram obras também individualizadas. Iris Young propõe, então, categorizar o gênero como ‘serialidade’: uma espécie de coletividade social, diferenciada dos grupos. A teórica defende que as estruturas de gênero não definem qualidades específicas para as mulheres, mas os fatos sociais e materiais com os quais cada indivíduo deve lidar. Para ela, cada pessoa, subjetiva e empiricamente, relaciona-se com as estruturas de gênero de forma variável. Não há como negar que elas existam, como a divisão sexual do trabalho, a heterossexualidade compulsória, as relações com o corpo, as estruturas linguísticas, entre outras. Para algumas mulheres, em contextos sociais e individuais específicos, outras relações de identidade, como a nacionalidade, a classe, a etnia, podem ser mais definidoras de si mesmas. Por outro lado, mesmo que elas nunca se identifiquem com outras mulheres, o gênero ‘serializa’ a todas, mas de modo particular: ‘Nenhuma identidade de uma mulher individual, irá escapar das marcas de gênero, mas como o gênero caracteriza a sua vida é própria dela’ (YOUNG, 1997, p. 33). (Leal, 2010, p. 184-185).

Ao trazer os dois conceitos para explicitar que todas as mulheres têm de lidar com as marcas de gênero, mas que o gênero possui nuances específicas na vida de cada uma, a autora estabelece uma importante relação que pode ser usada para pensar nas interações que acontecem no *Leia Mulheres Cascavel*: entre livro-leitor(a), autora-leitor(a), personagens-leitor(a), leitor(a)-leitor(a), interações que possibilitam com que as leitoras e leitores percebam essa serialização do gênero ao terem contato com diversas escritas e autoras, ao mesmo tempo em

que compartilham suas vivências e experiências de leitura. Um processo importante para todas e todos que participam pelo seu potencial dialético dessas leituras, do aprendizado e das mudanças na vida social que elas podem proporcionar, pois, citando Paulo Freire (2011),

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 2011, p. 29-30).

Essas relações dialéticas da leitura do mundo para o mundo da leitura para, novamente, a leitura do mundo, podem, ainda, suscitar aquilo que Hans Robert Jauss (1978) definiu como *katharsis*:

A concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social, numa retomada de ideias expostas anteriormente. [...] o prazer afetivo resultante da recepção de uma obra verbal e que motiva ‘tanto uma transformação de suas [do receptor] convicções, quanto a libertação de sua mente’ (p. 137). A catarse constitui a experiência comunicativa básica da arte, explicitando sua função social, ao inaugurar ou legitimar normas, ao mesmo tempo que corresponde ao ideal de arte autônoma, pois liberta o espectador dos interesses práticos e dos compromissos cotidianos, oferecendo-lhe uma visão mais ampla dos eventos e estimulando-o a julgá-los. (Zilberman, 1989, p. 57).

Portanto, a catarse seria o processo de identificação e o prazer afetivo decorrente da recepção de uma obra, processo que pode reverberar para além da experiência interna e subjetiva do(a) sujeito(a) leitor(a), ao afetar também sua forma de ser e agir no mundo.

Quando consideramos que a leitura acontece de forma coletiva no *Leia Mulheres Cascavel*, em que trocas de experiências e vivências são compartilhadas nos encontros, o processo de catarse é apenas parte do que a atividade de leitura compartilhada pode oportunizar. O quadro 8 se refere à percepção das pessoas participantes em relação às trocas de experiência de leitura que acontecem nos encontros.

Quadro 8 – Respostas à pergunta: “Qual sua percepção sobre a experiência de compartilhar suas impressões e interpretações de leitura e também ouvir a de outras pessoas?”

- | |
|---|
| <p>a) Boa</p> <p>b) É muito positivo ouvir a experiência de outras pessoas, engrandece a leitura e possibilita perspectivas que eu não tive sozinha.</p> <p>c) Amo. De enriquecer a vida.</p> <p>d) Acho uma experiência enriquecedora, sempre temos algo novo a aprender. E também, no meu caso, perder a vergonha de falar por achar bobo meu comentário.</p> |
|---|

- e) A riqueza de a análises. Construir um caminho de escuta.
- f) Acho esse o momento mais bacana do grupo. Porque debater e perceber as diferentes formas como as leituras nos afetam é o processo mais importante que o grupo cria. Essa troca de percepções é o mais interessante
- g) É muito positiva! Eu avalio essa dinâmica de uma forma muito positiva, porque faz a gente ter contato com pontos de vistas que as vezes são até opostos aos nossos, e isso tira a gente da nossa zona de conforto, mas de uma maneira muito respeitosa.
- h) Eu aprendo muito com cada contribuição. Às vezes faço uma interpretação e chego lá e vejo que tem várias outras formas de interpretar e pensar sobre o mesmo texto. Ainda me sinto um pouco tímido em falar, mas as vezes consigo pontuar algo e contribuir também.
- i) Enriquecedora pela oportunidade de ouvir opiniões das outras pessoas que também gostam de ler.
- j) É importante, apesar de na maioria dos encontros ouvir mais do que falar, as experiências dos demais me mostra outras perspectivas das obras.
- k) Enriquecedora
- l) Oportunidade de avançar na compreensão das condições da mulher nessa sociedade, de permitir momentos de solidariedade, de fortalecimento.
- m) achei muito interessante, pois no debate surgem opiniões e visões do livro muito diferentes da minha experiência de leitura, questões que passei sem perceber e até mesmo alguma contextualização que desconhecia ou novas informações sobre o tema
- n) não costumo falar durante os encontros, mas adoro ouvir as percepções das outras pessoas e analisar pontos que eu talvez não tenha percebido ou percebi de outra forma, me ajuda a expandir minha visão sobre o livro
- o) Me permite crescer e trabalhar a alteridade
- p) Sinto-me acolhida são pessoas que dão total liberdade de expressão e gosto de ouvi-las pois são pessoas com experiências em leituras que enriquecem o nosso conhecimento.
- q) Gosto de escutar análises diferentes da minha e, também, de saber que muitas pessoas possuem ideias semelhantes.
- r) Reveladora. Me mostra o quanto lemos com base na nossa vivência e conversando compreendemos outras nuances, fatos.
- s) É a melhor possível. É uma troca incrível, é como se ler 30, 40 livros por vez, porque são tantas interpretações diferentes sobre a mesma obra que nos leva a um mundo nada visto antes. Maravilhoso.
- t) É muita bom poder ouvir a percepção de um livro de uma outra pessoa, porque às vezes te surpreende muito.
- u) A melhor possível. É um pouco a ideia de que uma obra pode se ampliar quando compartilhamos impressões sobre ela. É uma investida em relação à complexidade - dividir o que ela mobiliza individualmente é, na soma, tocar mais de perto a complexidade humana e, nesse caso específico, do universo biológico, social, cultural e, por que não dizer, marginal, feminino.

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados coletados em questionário aplicado às pessoas integrantes/participantes do *Leia Mulheres Cascavel*.

A dinâmica de poder compartilhar suas experiências e ouvir as de outras pessoas potencializa a construção de um espaço de debate saudável, de trocas de conhecimentos, de afetos e opiniões. De legitimação da humanidade das(os) sujeitas(os) sociais, num movimento que transcende a estética catártica ao possibilitar o processo de empatia (Tassinari; Durange, 2014). Essa possibilidade não exclui a existência de contradições e opiniões dissonantes, pois,

apesar de o grupo ser composto por pessoas com uma certa homogeneidade de acesso ao capital econômico e ao capital cultural, são sujeitas(os) distintas(os) com histórias que são só suas – mas que não podem, como bem aponta Chimamanda Ngozi Adiche (2019), serem “lidas” como uma histórica única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: REVERBERAÇÕES ENTRELAÇADAS

E é quase um ponto-final, e não um ponto-final inteiro, redondo, indissolúvel, perfeito, porque a história, [...] nunca poderá ser só minha. Só contada por mim. Dela, meu controle é bem relativo.

(*Elvira Vigna*)

Ao longo da escrita desta dissertação, foi necessário retornar a alguns trechos, acrescentar alguns dados, retirar outros, atualizar o texto enquanto se construía na mente e depois transpassado para o papel – ou melhor, para a página digital. O memorial foi uma das partes em que cogitei mexer e acrescentar novas informações; porém, isso significaria modificar o início de uma longa jornada, levando a ele construções, percepções e sentimentos que surgiram no decorrer do trajeto. Por isso, estas considerações finais são também uma continuação do memorial, pois são o marco do fim de uma jornada.

Desde a escolha da temática da pesquisa e aprovação no Mestrado, tracei e percorri vários caminhos. Esses caminhos me proporcionaram muito aprendizado e conhecimento, suscitaram questionamentos, e algumas coisas precisaram ser desconstruídas para novas tomarem seus lugares. Sobrevivi (sobrevivemos) a uma pandemia, ao medo, à insegurança, a toda dor e sofrimento que fizeram parte do cotidiano de nossas vidas. E, novamente, a leitura, a literatura, as artes estavam presentes para me abrigar.

Pesquisar sobre o clube de leitura *Leia Mulheres Cascavel*, um espaço para mim tão cheio de significados e afetos, mostrou-se um desafio maior do que o imaginado, pois me fez confrontar questões difíceis de serem avaliadas quando se referem a algo pelo qual temos apreço. Uma experiência custosa, mas que me auxiliou a perceber que, como algo pertencente a uma sociedade com contradições, o *Leia Mulheres* também as possui e tem de lidar com elas, como qualquer outro espaço social.

A proposta de um estudo com base na metodologia participante foi a maneira visualizada para analisar um objeto do qual faço parte, em um esforço para evitar a existente possibilidade de que o processo de pesquisa transformasse a relação que tinha com o *Leia Mulheres Cascavel*, um esforço alicerçado em minha ingenuidade e temor. Ingenuidade, pois de que valeria a pesquisa se não transformasse o olhar inicial para o seu objeto? Temor, pois conjectura a transformação como um processo que resultaria em algo negativo, como perder o sentimento de ter encontrado um “teto” para chamar de meu. Mas essas não foram as únicas bases para a escolha da metodologia, já que, com o objetivo de averiguar as reverberações do

Leia, era necessária a participação das pessoas que dele fazem parte. As transformações vieram e, com elas, poucas respostas e muitos questionamentos. O olhar foi transformado, a posição de participante se deslocou para a de pesquisadora – que fui construindo no decorrer do Mestrado.

Na caminhada da pesquisa, alguns pontos iniciais foram sendo reafirmados ao relacionar as experiências vividas no *Leia Mulheres Cascavel* com as leituras sobre a crítica feminista e a autoria feminina. Um deles foi o fato de as leituras e debates realizados no clube me instrumentalizarem para propor e realizar a pesquisa, o espaço que me aproximou das pautas feministas e que abriu espaço para que minha voz também fosse ouvida, assim como me possibilitou ouvir a voz de tantas pessoas. Outro ponto foi, nesse movimento dialético de leitora-pesquisadora-leitora, perceber como o *Leia Mulheres Cascavel* acontecia e se construía, tendo os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista como instrumentos norteadores para as leituras, assim como esclarece Lúcia Zolin (2019),

Investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pelas diferenças hierarquizadas de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte das(os) escritoras(es) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado as mulheres e tolhido seus movimentos. (Zolin, 2019, p. 212).

Leituras e debates que me fizeram perceber que ter “um teto todo seu” para poder se dedicar à escrita é um privilégio que muitas mulheres não possuíam/possuem e, ainda assim... escrevem. Gloria Anzaldúa se expressa lindamente sobre o assunto em seu ensaio “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”.

Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador – você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por compaixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever [...]
Faz total sentido para mim minha resistência ao ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas. (Anzaldúa, 2000, p. 233).

Dizeres que me marcaram e que estão transcritos aqui por representarem minha jornada no processo de escrita das palavras aqui impressas. Concretizar esta pesquisa é uma das reverberações do *Leia Mulheres Cascavel*, assim como a reverberação da trajetória percorrida pelas páginas, pelos diálogos, pelos encontros e pelos ensinamentos proporcionados por esse trajeto.

Processo que me possibilitou enxergar e compreender que mesmo se configurando como “um teto todo nosso”, o projeto *Leia Mulheres* – e, mais especificamente, o *Leia Mulheres Cascavel* – é um espaço de contradições, uma possível manutenção do *status quo* de uma parcela da sociedade que já possui o acesso aos espaços e bens culturais. Mas que, ainda assim, possui uma grande importância e relevância na disseminação e valorização da literatura de autoria feminina. O clube de leitura influencia direta e indiretamente a movimentação do campo literário ao apresentar e publicar mais mulheres, alterando o curso de uma historiografia literária que por muito tempo se pautou no apagamento das escritoras de seus compêndios.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- AGUERRE, Gabriela. **Quarto branco**. São Paulo: Todavia, 2019.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Inferno**. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.
- A MULHER NA LITERATURA. **Histórico**. Disponível em: <https://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/historico.html>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.
- AQUINO, Janaina de. Conheça Index Translationum, o catálogo de livros traduzidos da UNESCO. **Ecos da Tradução**, 2017. Disponível em: <http://ecos-da-traducao.blogspot.com/2017/09/conheca-index-translationum-o-catalogo.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- ARANTES, Juliana Leite. **Leitores eloquentes: os booktubers e as novas práticas de leitura amadora na internet**. Orientador: Flávio Martins Carneiro. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Centro de Educação e Humanidades: Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/6909>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 35. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Trad. Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.
- BRASIL. **Emenda Constitucional Nº 97, de 4 de outubro de 2017**. Altera a Constituição Federal para vedar as coligações partidárias nas eleições proporcionais, estabelecer normas sobre acesso dos partidos políticos aos recursos do fundo partidário e ao tempo de propaganda gratuito no rádio e na televisão e dispor sobre regras de transição. Brasília, DF, out. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc97.htm. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BRASIL. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo 2022. Prévia da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022 coletados até

25/12/2022. 2022. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=35938&t=resultados>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRASIL. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades. Brasil/ Paraná/ Cascavel: História & Fotos 2023. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/historico>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRITO, Regina Garcia. **Clube de Leitura, Literatura e Biblioteca: perspectivas da mediação cultural na era da informação**. Orientador: Edemir Perrotti. 2022. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-09112022-151307/pt-br.php>. Acesso em: 14 maio 2023.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

BUTLER, Octavia Estelle. **Kindred – Laços de sangue**. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

CÁRDENAS, Teresa. **Cartas para a minha mãe**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

CARREÑO MONTERO, Óscar. **El Eco de las lecturas: Introducción a los clubes de lectura**. Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2015.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CISNEROS, Sandra. **A casa na rua Mango**. Trad. Borges Polesso. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2019.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Trad. Heloísa Jahn. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

ERNAUX, Annie. **O lugar**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

EVARISTO, Bernardine. **Garota, mulher, outras**. Trad. Camila von Holdefer. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial: infância, adolescência**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015. (Série Napolitana: Vol. 1).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Questões da nossa época; v. 22).

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GHULAM, Nadia; ROTGER, Agnès. **O segredo do meu turbante**. Trad. Denise Schittine. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

HANSEN, Gisele Resmini. **Da pele para dentro**. Cascavel: Ed. do Autor, 2021.

HILST, Hilda. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libânio. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

INDEX TRANSLATIONUM. **Index Translationum**. Disponível em: <https://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx>. Acesso em: 10 jul. 2023.

JAFFE, Noemi. **O que ela sussurra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2020.

KANG, Han. **A vegetariana**. Trad. Jae Hyung Woo. São Paulo: Todavia, 2018.

KHVOSCHÍNSKAIA, Nadiêjda. **A moça do internato**. Trad. Odomiro Fonseca. Porto Alegre: Zouk, 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro**: uma relação de gênero. 2008. 243 f. Tese (Doutorado) – Curso de Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3569>. Acesso em: 02 jun. 2021.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro. In: STEVENS, Cristina (org.). **Mulher e literatura – 25 anos**: raízes e rumos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 183-207.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LE GUIN, Ursula Kroeber. **Os despossuídos**. Trad. Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

LEIA MULHERES. **Sobre nós**. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 22 set. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Organização e prefácio de Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1230?show=full>. Acesso em: 13 maio 2023.

LOVELACE, Amanda. **A princesa salva a si mesma neste livro**. Trad. Izabel Aleixo. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. A tradução no Brasil e a retradução de clássicos: algumas considerações. **Tradterm**, [S. l.], v. 39, p. 151-173, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/183739>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MELO, Claudia Ferreira de. Disputas pelo poder de inscrever “a” história de cascavel: literatura memorialística e historiografia local em perspectiva. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 374-401, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/16447>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. ed. rev. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

MOTA, Camilla Veras. 90% Dos Brasileiros Ganham Menos De R\$ 3,5 Mil; Confira Sua Posição Na Lista. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57909632>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MUNRO, Alice. **Vida querida**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 04 abr. 2023.

NETTEL, Guadalupe. **O corpo em que nasci**. Trad. Ronaldo Bressane. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PACHECO, Gabriela Barbosa. **Mediações no clube de leitura *leia mulheres***: reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres. Orientador: Marcio Serelle. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/ComunicacaoSocial_GabrielaBarbosaPacheco_7929.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

PALMAS, Sérgio Augusto Santos de. **Clube de leitura**: um estudo das potencialidades formativas do Clube de Leitura LIV/UFOPA na cidade de Santarém/PA. Orientador: Zair Henrique Santos. 2020. 78 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/635>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PEREZ, Olivia Cristina; SILVA FILHO, Alberto Luís Araújo. Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. **Latitude**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2812>. Acesso em: 22 jul. 2023.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2. ed. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

PIRES, Michelle Claudino. **‘Literatura feminina’ do Wattpad e o projeto ‘leia mulheres’**: repertórios em discussão no sistema literário brasileiro. Orientadora: Raquel Bello Vázquez. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Faculdade de Letras, Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7663908. Acesso em: 07 maio 2020.

ROSSI, Jean Silveira. **“Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar”**: leituras compartilhadas pela internet nos clubes *Leia Mulheres*. 2022. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/29427>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ROY, Arundhati. **O deus das pequenas coisas**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SALOMÃO, Amanda. **Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal**: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2020. 323 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência da Informação, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SANTOS, Maria Aline de Campos dos. **Do igual, o igual, conversas desarmadas**: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura. Orientadora: Arley Andriolo. 2019. 71f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27062019-103207/pt-br.php>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 32, p. 127-141, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9573>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. *El hilo de la fábula: revista del Centro de Estudios Comparados*. Santa Fé, Argentina. v. 10 (2012), p. 59-72, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184829>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). **Rompendo o silêncio**: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. p. 182-189.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Trad. Márcia Xavier de Brito, Carlos Primati. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

SILVA, Claudiene Diniz da. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**. Orientador: Luiz Francisco Dias. 2017. 228f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística Teórica e Descritiva, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AX2J6S>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SILVA, Terezinha V. Machado de Assis e o Mulato de “Alma Grega”. **Machado de Assis em linha**, v. 7, p. 229-239, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/SQc68r9Y7WTFgDjbP7QzfRG/?lang=pt#>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SLIMANI, Leïla. **Canção de ninar**. Trad. Sandra M. Stroparo. São Paulo: Planeta, 2018.

SMITH, Patti. **Só garotos**. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOARES, Raysa Ferreira. **#leiamulheres**: campo literário e ciberespaço. Orientadora: Virgínia Maria Vasconcelos Leal. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37486>. Acesso em: 01 mar. 2022.

SOUSA, Milena Farias de. **Mulheres lendo mulheres**: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do clube de leitura *Leia Mulheres-Salvador*. Orientadora: Denise Maria Oliveira Zoghbi. 2022. 311f. Tese (Doutorado) – Curso de Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação de Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://ppglic.ufba.br/pt-br/mulheres-lendo-mulheres-construcao-e-contestacao-de-identidades-de-genero-no-contexto-do-clube-de>. Acesso em: 14 jun. 2023.

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo**: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado. Trad. Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

TASSINARI, Márcia Alves; DURANGE, Wagner Teixeira. Experiência empática: da neurociência à espiritualidade. **Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies**, v. 20, n. 1, p. 53-60, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jul. 2022.

TELLES, Norma. Escritoras, escrita, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. Trad. Carol Bensimon. São Paulo: Todavia, 2020.

VIGNA, Elvira. **O que deu para fazer em matéria de história de amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escrituras da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

WALSH, Joanna. Will #readwomen2014 change our sexist reading habits? *The Guardian*. Londres, 20 jan. 2014. Lifestyle. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/womens-blog/2014/jan/20/read-women-2014-change-sexist-reading-habits>. Acesso em: 03 mar. 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4. ed. ampl. e rev. Maringá: Eduem, 2019. p. 211-237.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4. ed. ampl. e rev. Maringá: Eduem, 2019. p. 319-330.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM AS MEDIADORAS DO *LEIA MULHERES CASCAVEL*

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadas: Mediadoras do *Leia Mulheres Cascavel*

Dia: 05/03/2022, às 15:35

Duração: cerca de 53 min.

Pesquisadora: Vocês poderiam fazer uma breve apresentação pessoal? Nome, formação, profissão.

Entrevistada A: Meu é [nome da entrevistada A], sou jornalista, sou graduada em Jornalismo e tenho Mestrado em Comunicação e sou servidora pública.

Entrevistada B: Sou [nome da entrevistada B], sou cientista social e atuo como docente de Sociologia no ensino básico. Faço mediação do *Leia Mulheres* com a minha colega [nome da entrevistada A].

Pesquisadora: Quais motivos levaram vocês a implementar o *Leia Mulheres* em Cascavel?

Entrevistada A: No meu caso foi um acidente de percurso, um *story* [risadas]. Já tinha visto que o projeto existia, já tinha visto principalmente pelas redes sociais, mas o convite veio especialmente da [nome da entrevistada B] que conheceu, pensou que dava para fazer aqui [em Cascavel] e perguntou se eu estaria disposta a mediar e eu respondi: – Não! [risadas]. Depois desse equívoco – mas não tanto! – eu achei que seria uma boa ideia, é um projeto interessante, une várias coisas que eu gosto como: literatura, organização de um espaço de cultura gratuito... mas, a princípio, desde o início, a gente achou que talvez a cidade não tivesse essa condição de o projeto dar certo, que não tivesse público. Mas, por essa vontade de ter esse espaço de cultura e de conversar sobre os livros que a gente tinha vontade, que a gente fala, que a gente vê e que não tem com quem. Então no meu caso foi esse *story* errado aí que eu respondi.

Entrevistada B: A minha vontade caminha no mesmo sentido da [nome da entrevistada A]. Eu há algum tempo já vinha lendo algumas coisas e com desejo, com intenção de construir ou de auxiliar na construção de um espaço de cultura, de debate de ideias, enfim, que tivesse como ponto de partida, como um foco ou como um norte, as experiências das mulheres. Uma discussão que tivesse um tom, inclusive, mais feminista, tinha muita vontade de construir esse espaço, de fazer parte desse espaço. E esse espaço especificamente que eu estava pensando, esse foco mais na cultura mesmo, ele não existia naquele momento. Aí eu fiquei ‘fuçando’ assim em algumas coisas, pensando e em algum momento eu li um livro que eu fiquei muito ‘maluca’ assim, que eu queria muito conversar com as pessoas sobre, não tinha um lugar para fazer esse debate da forma como eu estava imaginando, e aí ‘fuçando’ na internet, tentando encontrar, eu pensava assim: – ‘Cara’, não pode ser que eu tenha esse desejo sozinha, não pode ser que esse lugar que eu estou tentando imaginar aqui na minha cabeça não exista e etcétera. E aí eu ‘topei’ com o *Leia Mulheres*, achei que era uma concretização daquilo que eu estava pensando, que eu estava desejando e que ainda não sabia exatamente o que era. Entrei em contato [com as coordenadoras nacionais] para saber como seria para trazer o *Leia Mulheres* para cá [Cascavel], nesse meio tempo, conversando com a [nome da entrevistada A] e com outras pessoas e entendendo que tinha essa demanda mesmo e aí aconteceu. A gente entrou em

contato com elas por e-mail, sinalizando a nossa intenção de trazer o projeto para cá, contando um pouquinho sobre a gente e sobre o que a gente fazia e tal e aconteceu.

Pesquisadora: Com elas, as coordenadoras nacionais?

Entrevistada B: Isso! Exatamente!

Entrevistada A: Porque umas das condições para que você comece é fazer esse primeiro contato com essas organizadoras nacionais, que são três mulheres, para que elas analisem: quem é você, o que você está propondo... mas, em geral, essa escolha não precisa de muita coisa, elas só esclarecem algumas regras básicas: de que sejam escolhidas as obras escritas por mulheres, que não seja cobrado – e isso é importante enfatizar! Existem vários espaços, vários lugares em que as pessoas podem falar disso [leitura], mas que são pagos. Então, que é importante que não seja cobrada nem a participação, nenhum tipo de patrocínio, que você não pode usar como uma marca, que você procure livros que sejam de fácil acesso. Também uma outra condição, que é bem importante, é fomentar e incentivar a compra dessas obras, a troca ou o empréstimo, mas que não sejam disponibilizados livros pirateados justamente para que não seja contra o princípio inicial, que é fomentar o trabalho das mulheres. Então, a partir do momento que você conhece essas condições, se você achar que “tudo bem”... eu acredito que foi assim na maior parte dos grupos. A partir daí você tem autonomia para decidir como, quando, com quem, que tipo de parceria, como que você vai divulgar, só que sempre remetendo ao projeto nacional.

Pesquisadora: Quando se iniciaram os encontros aqui em Cascavel?

Entrevistada B: Em abril de 2019. O encontro no qual a gente falou sobre *Um teto todo seu* da Virginia Woolf.

Pesquisadora: E vocês, como mediadoras, o que vocês compreendem por esse processo de mediação?

Entrevistada A: Complexo, difícil [risadas]. Eu admito que eu tinha... um dos motivos inclusive de primeiro dizer ‘não’ para a [nome da entrevistada B] é porque achava que eu não seria capaz de fazer essa mediação, que eu não teria condição, não tinha conhecimento, não tinha repertório e não teria capacidade de organizar, principalmente de organizar ali a fala das pessoas, acho que a [nome da entrevistada B] tem mais experiência como professora e faz isso muito bem, mas eu acho que com o tempo a gente percebeu que essa mediação acontece ali de uma maneira muito fácil, muito tranquila, também porque não é um espaço acadêmico, então não está sendo avaliado o seu conhecimento, as suas referências, mas sim só o seu desejo mesmo de estar ali participando, de contar as suas experiências. Então a gente com o tempo foi aprendendo um pouco mais o que funcionava, essa questão de garantir que todas as pessoas tivessem uma oportunidade de fala e se elas quisessem! Até porque, isso também é importante, é um lugar em que as pessoas não são obrigadas a falar, mas podem ir todos os encontros e não falar, só ler os livros ou não ler também! Porque é uma coisa que a gente sempre chama, que as pessoas venham conhecer. Mas a mediação é muito mais a gente fazer esse trabalho de organizar, de planejar quais vão ser as leituras e na hora garantir que todo mundo vai ter esse espaço para falar, porque sempre fluiu de uma forma muito tranquila, sem questões [conflitos]. Inclusive eu acho que é importante ressaltar, a não ser no primeiro encontro que a gente teve algum enfrentamento, a gente nunca teve grandes enfrentamentos, discussões, polêmicas, embates ali dentro do grupo.

Entrevistada B: É, eu acho que de ideias sim! Mas não de conflitos em outros aspectos. Todo mundo ali construiu um ambiente sempre muito respeitoso, de diálogo mesmo. De diálogo! Acho que esse é, para mim, um termo muito adequado para pensar a experiência do *Leia Mulheres*. A [nome da entrevistada A] está sendo muito modesta, porque ela também já foi

professora, ela também tem uma experiência muito grande com construção de espaços como esse. Eu acho que, sim, no começo a gente tinha muitas inseguranças porque apesar de as nossas trajetórias profissionais de alguma maneira e em algum momento terem nos dado a condição de conseguir estar nesse lugar minimamente, esse era um lugar novo para a gente. Posso falar de modo bem pessoal que eu acho que eu fui aprendendo a entender que lugar era esse da mediação. No começo me custou um pouco emocionalmente, psiquicamente. Eu sempre ficava muito preocupada em falar de mais, em falar de menos ou em não falar, e saber fazer as perguntas ou pontuar as provocações, provocações certas ou mais adequadas, enfim eram questões assim que eu tinha, que a [nome da entrevistada A] também tinha, a gente compartilhava. Até hoje a gente sempre faz uma avaliação do encontro, tipo o que funcionou, o que não funcionou, mas eu percebo que, hoje, como o projeto já vai fazer 3 anos, a gente já está muito mais confortável nesse lugar. Eu pelo menos já consegui alinhar os meus anseios, as minhas ansiedades, o que eu posso fazer, o que eu não posso fazer, o que é, o que não é, enfim, estar nesse lugar da mediação. Fora isso, é o que a [nome da entrevistada A] falou mesmo: um papel mais de organizar, ‘correr atrás’ do lugar para que o encontro possa acontecer, chamar gente, divulgar, pensar os livros. A gente sempre pensa os livros. Eu acho que essa parte do papel da mediação talvez hoje seja o mais importante e muito trabalhoso, porque a gente sempre fica pensando... tem que levar em consideração todos esses critérios de valor, de gênero literário: diversificar os gêneros literários, pensar aquilo que a gente já leu, aquilo que a gente não leu para as temáticas não serem muito repetitivas e não serem desinteressantes. E o que é não ser desinteressante? É não ser desinteressante para esse público que se mostra mais ativo, mais frequente, que é o nosso público mais fiel. Porque tem muita coisa [livros], mas dentro desse ‘um zilhão’ de opções o que é que vai funcionar para esse público que a gente já conhece, já tem uma noção do que pode ou não funcionar com essa ‘galera’ que está com a gente há mais tempo, que é mais fiel. Esse trabalho – eu acho que é importante destacar! – que às vezes pode parecer que a gente faz escolhas muito aleatórias, mas, se tem uma coisa que definitivamente não é, é aleatória. A gente faz um trabalho grande, levar em consideração também apontamentos que o grupo vai fazendo: de coisas que gostaria de ler. E hoje é um grande desafio fazer tudo isso com o valor do livro no Brasil! Todo ano fica um pouquinho mais complexo!

Entrevistada A: Primeiro porque em 3 anos também a gente já leu bastante coisa, se a gente pensar em termos de obra, de temáticas, de gêneros [literários]... acho que a gente explorou praticamente todos os gêneros, mas sempre tentando garantir..., por exemplo, essa questão da mulher indígena, que a gente tem tentado fazer esse debate com qualidade de uma forma que as pessoas consigam acessar também. Mas pensar, por exemplo, se a gente não está privilegiando também as mulheres que estão mais nesse mercado editorial que são brancas ou que são americanas... então a gente sempre tem esse cuidado. E agora, conforme passou 3 anos, a gente tem mais critérios para selecionar. Também essa questão do acesso que, para a gente, talvez nem todos os grupos valorizam tanto essa questão, tem grupos que escolhem obras mais caras, mas é um critério que faz sentido tanto para mim quanto para a [nome da entrevistada B], que se for inacessível, que se for num lugar inacessível não faz sentido. A gente não vai ser coerente com esse nosso princípio da democratização da cultura.

Pesquisadora: Como vocês descreveriam essa experiência de mediar o *Leia Mulheres*?

Entrevistada B: Primeiro, assim, para mim eu acho que o primeiro grande impacto do *Leia Mulheres* foi me colocar nesse lugar de pensar que papel era esse que eu estava ocupando ali, da mediação. Eu sou uma pessoa que fala muito, por exemplo, gosto de falar muito e eu sempre falo que eu sou..., – ‘cara!’, eu, enquanto mediadora, o meu papel, nesse momento, é mais ouvir e observar do que eu necessariamente falar. Então para mim, pessoalmente, foi um primeiro grande enfrentamento e foi muito importante, está sendo ainda muito importante, porque era

uma coisa que eu realmente precisava exercitar e mais tarde, primeiro veio a cobrança. Primeiro a gente sempre olha para o que a gente precisa corrigir, etecétera. E eu acho que mais tarde eu consegui, na verdade é uma percepção recente, olhar mesmo para as coisas que a gente é capaz de fazer, nos espaços que a gente consegue construir, para as brechas que a gente consegue abrir. Essa coisa de me testar, de me colocar nesse lugar mesmo de movimentar alguma coisa, de puxar uma discussão, de cavar alguma brecha foi muito importante. Perceber mesmo coisas que a gente consegue fazer, que eu conseguiria fazer e que eu achava que não ia ser possível ou que eu ia ter muito mais dificuldade, mas que na verdade super ‘rola’.

Entrevistada A: Eu acho que assim como a gente acaba discutindo ali no *Leia*, falando dessa questão da mulher, essa superação primeiro das nossas dificuldades, condicionamentos enquanto mulheres, de que a gente não está preparado o suficiente, que a gente não é bom o suficiente, de que a gente vai ser julgado, enfim, por esses atributos todos. Para mim foi muito difícil, então foi o primeiro desafio. E posso dizer que o *Leia* foi a primeira, uma coisa que marcou para mim, uma espécie de reencontro com o que achava que eu podia fazer com o que eu já sabia fazer, meio que me serviu, de maneira bem pessoal, como uma coisa bastante terapêutica mesmo, de encontrar um lugar onde eu era capaz de fazer [a mediação]. Eu acho que é muito importante esse espaço, como a [nome da entrevistada B] falou, de diálogo, de escuta, que talvez não seja o intuito inicial do projeto, mas que acaba sendo, de fortalecimento, de apoio, de cuidado, de você estar entre mulheres e entre pessoas que se respeitam, que te respeitam, que valorizam o trabalho, então é um espaço de acolhida, que fortalece a gente e fortalece quem vem também, tem sido uma experiência muito interessante, muito rica.

Pesquisadora: Quando vocês falam de critérios... quais são esses critérios, a questão do valor, e quais outros critérios e quem os define?

Entrevistada B: Além do valor, o fato de a obra ser acessível, quanto maior for o público, quanto mais pessoas puderem acessar em termos financeiros, enfim, outros sentidos que a palavra “acesso” possa ter, esse é um dos critérios primordiais para a gente. A gente quer que todo mundo leia, que todo mundo possa ler, senão não faz nenhum sentido o projeto existir. A variabilidade, diversidade de gêneros literários e acho que um dos elementos também primordiais é a representatividade social. Então a gente sempre tenta trazer escritoras de diferentes continentes, de diferentes classes sociais, de diferentes etnias, orientações sexuais e assim por diante, privilegiar a diversidade humana e especificamente das mulheres. Inclusive como uma forma de a gente se provocar a pensar o que é que cabe dentro desse conceito que é ‘mulher’.

Entrevistada A: Mulheres que escrevem. O que as mulheres escrevem?!

Entrevistada B: Exatamente! E esses critérios, vários deles já são pensados, são propostos pela própria coordenação do *Leia Mulheres*. O valor acessível é uma coisa que elas sempre enfatizam e sempre enfatizaram, mas elas não exercem nenhum tipo de controle. Acaba que a gente é que tem um apego maior com essas coisas [critérios citados]. Estabelecendo esses critérios ou de que maneira eles vão ser mais ou menos contemplados.

Entrevistada A: Tentando cumprir. Porque a gente foi, com o tempo, buscando uma forma de a gente ter uma lista mais variada possível de escolhas. Percebemos que existem outras questões importantes como, por exemplo, essa questão das editoras independentes, das mulheres mais jovens ou os livros mais clássicos, então tem essa questão também de trazer autoras às vezes mais desconhecidas ou trazer de volta livros de mulheres que são clássicos, garantir essa diversidade, e pensar que foi acontecendo naturalmente, essa questão da imensa riqueza que é a contribuição das mulheres para a literatura, e acredito que qualquer pessoa que participou ou participa do projeto agora certamente tem uma noção muito mais rica, uma noção muito maior

de quanta diversidade de produção, de temática, de gênero as mulheres podem produzir e elas podem escrever sobre qualquer coisa.

Pesquisadora: Pensando em todos os critérios, quanto tempo antes vocês escolhem os livros que vão ser lidos?

Entrevistada B: Geralmente a gente lança uma lista anual ou semestral. Esse ano [2022] a gente lançou a lista semestral, ano passado, em fevereiro, a gente lançou a lista do ano todo. Geralmente a gente tenta no mínimo garantir uma programação semestral, mas, para essa programação sair, a gente tem pelo menos uns 3 meses de trabalho, levantando possibilidades, a gente sempre está olhando [...], a gente tem listas em todos os lugares, temos algumas listas divididas por gênero literário, por continente e tudo mais, que a gente vai sempre adicionando possibilidades de leitura, livros que sejam interessantes e que tem um valor legal e que a gente acredita que pode funcionar com o grupo. Mas pelo menos uns 3 meses, os 3 últimos meses ali do ano, primeiro mês do ano, geralmente, uns 3 ou 4 meses, a gente fica um pouco mais atenta e se dedica um pouco mais à construção dessa lista, que vai ser semestral ou anual, dependendo de como a coisa caminhar.

Entrevistada A: Depois que essa lista maior está pronta, a gente, em geral, passa uma para outra para que as duas possam ler e ver se vale, e a gente resolveu não divulgar um livro por mês justamente para que as pessoas tivessem mais condições de comprar ou de emprestar dentro do próprio grupo. Esse é um critério também que surgiu com o tempo para que as pessoas pudessem ter mais acesso, mais tempo, mais chances de ler.

Pesquisadora: Onde acontecem os encontros? Como é feita essa escolha de lugares?

Entrevistada B: Bom, a gente sempre teve como intenção, era para ser um critério, mas às vezes a gente acaba escapando um pouco por questões de praticidade ou outras questões. Mas a gente sempre teve como objetivo privilegiar espaços públicos da cidade, especialmente espaços de cultura, como é o caso do teatro, onde a gente vai realizar o encontro hoje, para que a gente pudesse ocupar esses espaços. Primeiro que esses espaços geralmente são mais práticos, estão mais acessíveis, estão no centro da cidade, é fácil de encontrar e fácil de acessar e de chegar. Geralmente tem, por exemplo, um ponto de ônibus próximo, então a ‘galera’ que depende desse tipo de transporte consegue chegar fácil. Essas são coisas importantes que a gente tenta levar em consideração para fazer a escolha dos lugares. Mas ocupar os espaços públicos, os espaços de cultura pontualmente acabou se tornando algo interessante para que a gente pudesse fomentar mesmo a ocupação desses lugares. O quanto a gente consome ou ocupa esses lugares enquanto cidadãos. Foi uma forma também de a gente contemplar e fazer esse movimento, de as pessoas estarem nos espaços de cultura e uma forma de mostrar para o poder público que existe uma demanda, que precisa desses espaços e que várias coisas podem acontecer dentro desses espaços. Via de regra a gente tenta sempre privilegiar espaços públicos, que sejam acessíveis, espaços de cultura...

Entrevistada A: Também em algum momento a gente levou em consideração fazer encontros em diferentes regiões da cidade para que quem não pudesse vir para um lugar fosse para o outro, então a gente foi para a universidade [Unioeste], para outros lugares que são públicos [Biblioteca pública], mas a gente tentou fazer esse movimento de também ir para outras regiões da cidade, que foi interrompido pela pandemia [da COVID-19]. A gente passou a fazer on-line, mas que a gente sempre teve a intenção de chegar, inclusive, a lugares onde em geral esse grupo, essas pessoas não vão, como na periferia, nas escolas, em outros espaços onde, talvez, um grupo de leitura seja considerado uma coisa muito elitizada e que vai ter outros desafios, por exemplo, essas pessoas não vão poder comprar livros então como é que a gente acharia essa solução? Ou que tipo de leitura faria sentido para os jovens ou para as pessoas da periferia? Ou para as

peessoas de uma universidade? Mas é um critério que nós aqui em Cascavel sempre tentamos levar em consideração, que o acesso à cultura é um direito das pessoas assim como o direito ao espaço público. Acho que nesse tempo [de projeto] a gente conseguiu com a Secretaria [de Cultura] e com a prefeitura que eles entendessem: tem pessoas que precisam, nem sempre a gente consegue, então você tem que procurar outros espaços, mas a gente sempre fica tentando provocar e tensionar essa relação.

Pesquisadora: Em relação à coordenação nacional, vocês precisam apresentar para elas algum relatório em relação às leituras, aos encontros?

Entrevistada B: Relatório não, mas elas têm um controle do que a gente lê, do que todos os grupos leem a partir dos banners dos encontros, porque tem parte dos grupos de *Leia Mulheres* espalhados pelo Brasil que solicita a confecção dos banners, o material de divulgação dos encontros para as mediadoras, elas fazem isso [as mediadoras nacionais] e aqueles grupos que fazem os seus próprios materiais de divulgação tem o compromisso de enviar para elas, primeiro para que elas possam saber de alguma maneira o que está acontecendo, segundo para que o site do *Leia Mulheres* se mantenha atualizado, porque tem um espaço [no site] onde são divulgados os encontros de todos os grupos de *Leia Mulheres* que existem no Brasil e a terceira coisa para elas fazerem esse controle de qual foi o livro do ano pelo *Leia Mulheres*, qual a autora mais lida... elas fazem um ranqueamento no final do ano, geralmente, dessas questões a partir do material de divulgação, então não tem um relatório, mas tem algum controle, uma estratégia para terem uma noção do que está sendo lido.

Pesquisadora: Quanto à manutenção do *Leia Mulheres*, de toda a organização, quais as dificuldades mais comuns para vocês?

Entrevistada A: Eu acredito que seja mais a logística mesmo, de conseguir os espaços, de conseguir reservar com antecedência, confirmar com antecedência, divulgar com antecedência. Então a gente tem que reservar o espaço, a gente faz os materiais, tem que conseguir fazer esse material sair o mais rápido possível. Mas eu acredito que seja essa questão mais logística, ter sempre esse espaço garantido, de que vai funcionar – que a gente não vai passar nem frio, nem calor! [risadas]. E continuar pensando em estratégias, formas de chegar em mais pessoas, para que mais pessoas saibam [sobre o projeto]. Eu acho que esse é o desafio, apesar de a gente ter um grupo considerado grande, bastante gente passou ou está sempre passando pelo *Leia*, sempre que a gente conversa com alguém em alguns espaços pessoas dizem “– Ah! eu não sabia, não sabia que [o projeto] existia em Cascavel, não sabia que funcionava...” – então a gente sempre fica procurando como chegar em outras pessoas, como divulgar, como falar, mas eu acredito que seja a logística mesmo.

Pesquisadora: O que esperam que resulte dessa atividade de leitura colaborativa e dos debates? Há alguma expectativa em relação a eles?

Entrevistada B: A minha grande expectativa é, primeiro, que a gente consiga construir um espaço de cultura em Cascavel, de democratização do conhecimento e etcétera, que na minha leitura é uma necessidade grandiosa da cidade. Segundo, que as mulheres tenham possibilidade de um espaço seguro, de acolhimento, como a [nome da entrevistada A], que a gente possa construir conhecimento, mulheres juntas construindo conhecimento, para mim essa é certamente a coisa mais importante! Foi o que me motivou querer construir esse espaço: que as mulheres possam produzir conhecimento, compartilhar conhecimento e especialmente com o objetivo de construir alguma emancipação, de que as mulheres consigam se emancipar de alguma maneira, seja lá do que elas estejam precisando se emancipar. Para mim essas são as grandes expectativas.

Entrevistada A: Eu acredito que a gente já conseguiu algumas coisas que a gente tinha como expectativa. Conforme o tempo foi passando, foi ficando bem perceptível que a gente tinha um espaço de diálogo respeitoso, de escuta respeitosa, um espaço onde as pessoas se sentiam seguras, que não é só para mulheres, eventualmente a gente tem alguns homens ali participando, e essa definitivamente é uma expectativa: que mais homens se interessem por esse debate, por essa questão ou que criem os seus próprios espaços! Mas o que a gente esperava inicialmente era que a cidade tivesse pessoas interessadas, e de fato existem muitas pessoas interessadas, existe muita gente interessante e com uma história muito interessante e com muito conhecimento que se encontrou ali, que como a [nome da entrevistada B] disse, que esse espaço de conhecimento fosse uma forma de a gente se fortalecer, de, usando uma expressão batida, se empoderar e que, claro, é um espaço de leitura, existe um interesse na leitura, são pessoas que leem, mas existe um interesse de que as pessoas se empoderem na área que elas estiverem, que elas se sintam mais capazes, que elas percebam que a contribuição das mulheres é muito importante, que elas podem fazer, que elas devem fazer e que a gente consiga mais visibilidade, de fato, em todas as áreas. Porque se tem uma coisa que a gente percebe toda vez que vai escolher um livro e que vai conversar é o quanto essas mulheres [personagens/escritoras], e as mulheres que também estão ali no grupo são invisibilizadas, são ocultadas e são mantidas o mais longe possível do espaço público: do debate público, dos espaços de poder. Então eu acho que a nossa expectativa é que reverbere de alguma maneira na vida dessas mulheres.

Pesquisadora: Quais meios são utilizados para a divulgação das obras a serem lidas e as datas dos encontros?

Entrevistada B: *Instagram* principalmente, grupo do *WhatsApp*. A gente tenta sempre divulgar em perfis como o da Secretaria de Cultura de Cascavel, a gente sempre envia material para a imprensa, de um modo geral é isso.

Pesquisadora: Vocês têm uma média da quantidade de participantes nos encontros?

Entrevistada A: Varia. Mas eu diria que uma média de 30 (trinta) pessoas. Raramente a gente fez algum encontro com menos de trinta pessoas, mas já teve [encontros com] sessenta (60), quase setenta (70) pessoas.

Pesquisadora: Teve algum encontro, em específico, em que houve maior participação? No presencial ou no virtual?

Entrevistada B: Sim. Temos um exemplo em cada formato. O encontro que discutiu *A amiga genial* da Elena Ferrante, que foi o nosso segundo encontro, tivemos mais de sessenta (60) pessoas e o encontro remoto que teve também mais de sessenta (60) pessoas foi o da Amara Moira com o *E se eu fosse puta*.

Entrevistada A: Que contou com a participação da autora, o que deve ter colaborado, mas que a gente percebeu que foi um livro e uma temática que causaram bastante interesse nas pessoas.

Pesquisadora: Quais recursos vocês utilizam para estimular o grupo a realizar as leituras e estimular a participação nas discussões?

Entrevistada B: Um marketing positivo e afetivo. A gente chama as pessoas no grupo [de *WhatsApp*], chama no privado, manda uns lembretes de encontro, manda promoção de livro, pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp*. No *Instagram* a gente também manda lembretes no privado, os cards dos encontros lembrando a data, manda para o pessoal que ainda não participa dos encontros, mas que a gente acha que poderiam participar ou que poderiam contribuir com o grupo. Volta e meia mandamos para as livrarias, sebos da cidade.

Entrevistada A: Mas que não teve nenhum tipo de resposta desse [último] público. Acho que isso é importante, a gente percebe que nos espaços, talvez, mais formais e que a gente imaginava que as pessoas tivessem mais interesse, até em vender livros ou falar de livros, não teve esse interesse. Outra coisa que é importante: a gente olhou as bibliotecas públicas, não tem praticamente nenhuma obra escrita por mulher, ou se tem são só os clássicos. Estamos pensando numa maneira de mobilizar isso aí com a Secretaria de Cultura, fazer uma proposta para que eles atualizem esse acervo. Mas é mais pelas pessoas que a gente conhece, por perfis de pessoas que conhecem outras pessoas e acabam trazendo para o grupo e a gente já fez também uma ação de divulgação pela cidade com cartazes e folders que era mais provocativa.

Pesquisadora: Quanto à organização do cronograma, manutenção de postagens, compartilhamento de conteúdo na página do *Leia no Instagram*. Quem é responsável?

Entrevistadas A e B: Nós duas.

Pesquisadora: Qual o intuito das postagens realizadas no *Instagram* para além da divulgação da agenda dos encontros?

Entrevistada B: Depende do momento, do mês, do livro. Mas, via de regra, o *Instagram* funciona como meio de divulgação tanto do grupo, dos encontros, quanto das obras e autoras lidas, então a gente sempre tenta construir *posts* com informações sobre a obra, com um resumo da obra, tanto com o objetivo de incentivar a pessoas que participam a lerem como também incentivar outras pessoas para participarem do grupo. As biografias das autoras, que a gente acha sempre importante divulgar e apresentar quem são essas escritoras, falar sobre suas trajetórias pessoais e profissionais. Eventualmente, quando a gente consegue se organizar, postamos algum tipo de material, de conteúdo que tenha relação com a obra lida, com a temática do livro que estamos lendo e possa servir como uma utilidade pública, como algo informativo, ou para provocar alguma discussão. Por exemplo, quando estávamos lendo a Silvia Federici, fizemos uma sequência de *posts* sobre direitos reprodutivos, com o objetivo de ampliar esse debate, que é um debate que a gente faz muito mal na história da humanidade, no Brasil era também um momento muito pontual.

Entrevistada A: Trazendo informações, às vezes, até mais educativas ou que a gente vê, normalmente, pelo debate ou pelas respostas das pessoas que são informações que faltam. Fizemos – importante destacar! – uma campanha durante as eleições municipais. A campanha “Sete dias pela representatividade na política” foi uma campanha que teve bastante engajamento, que, inclusive, mostrou o *Leia* para bastante gente nova, em que propusemos debates todos os dias sobre o que são políticas públicas voltadas para as mulheres, qual a importância de ter mulheres na política, quem são as candidatas, como as mulheres são contempladas nos programas de campanha. Que fosse uma campanha não só de conscientização, mas a gente pediu a participação inclusive das pessoas do grupo para fazer esse levantamento e as pessoas responderam, como sempre, muito bem, mulheres muito organizadas! Gerou um debate que trouxe bastante informação, foi usado pela imprensa para trazer esse debate e foi nesse ano que a gente teve duas mulheres eleitas [para vereadoras] depois de vinte anos. Foi bastante significativo mesmo que a gente trouxesse essa discussão. Quando podemos, tentamos trazer esse tipo de material mais informativo, educativo. A [nome da entrevistada B] citou o caso da Silvia Federici que foi um livro, nas respostas das pessoas, foi o livro que mais impactou.

Entrevista B: Dessa pesquisa que a gente fez final do ano, sabe?

Entrevistada A: Talvez a gente não devesse se surpreender, mas nos surpreendemos, porque era um livro teórico e um livro grande, não era um livro fácil de ler, mas que foi o livro que as pessoas disseram que foi o que mais impactou, então é um sinal que fez bastante diferença.

Tentamos trazer informações, por exemplo, quando falamos sobre *O mito da beleza*, informações atualizadas sobre a indústria da beleza, conforme nossas possibilidades, tentamos produzir esse tipo de material.

Entrevistada B: Gostaríamos muito de fazer mais. Geralmente são coisas que envolvem tempo, estudo, dados e nem sempre a gente pode.

Pesquisadora: Vocês recebem alguma remuneração pelo trabalho que desenvolvem no *Leia*?

Entrevistadas A e B: Não.

Entrevistada B: Pelo contrário, a gente gasta dinheiro.

Pesquisadora: E o que motiva vocês a continuarem realizando as atividades mesmo não sendo remuneradas?

Entrevistada A: A gente denomina o *Leia* como um coletivo. Não é um projeto nosso, não é uma marca, mas um coletivo. Estamos ali desempenhando esse papel, que talvez seja mais da organização e da logística, mas que é construído por todas essas pessoas... e só o fato de estar construindo um espaço de cultura, um espaço de mulheres eu acho que já recompensa, pelo menos para mim, já vale a pena.

Entrevistada B: Para mim é cem por cento pela causa mesmo.

Pesquisadora: Há interação com e entre as pessoas participantes para além dos encontros mensais? Há alguma via de comunicação?

Entrevistada B: Pelo *WhatsApp* e *Instagram* mesmo.

Pesquisadora: Para além dos encontros e manutenção da página no *Instagram* há outras ações realizadas pelo *Leia Mulheres Cascavel*?

Entrevista A: Gostaríamos de fazer muitas coisas, temos muitas ideias, já até tentamos criar setoriais ali dentro [do grupo]. Tem coisa que a gente quer muito, como atividades nas escolas, fazer parcerias com outras instituições, mas fizemos também uma atividade em parceria com o CECA [Centro de Educação, Comunicação e Artes] da Unioeste, que foi a Mostra de Cinema de filmes dirigidos por mulheres, dos mais diferentes continentes e olhares possíveis. Conseguimos organizar, divulgar, até fazer a primeira mostra, mas que, infelizmente, não conseguimos dar continuidade, mas vamos voltar, por conta da pandemia. Mas é isso.

Pesquisadora: Foram necessárias mudanças e/ou adequações para realizar os encontros?

Entrevistada B: Sim. Fomos para os encontros remotos.

Entrevistada A: Achamos que nos encontros remotos as pessoas não participassem, mas é mais uma questão de conhecer os aplicativos, como funcionava, pensar o horário. E foi interessante porque vieram outras pessoas, de outras cidades.

Entrevistada B: Revimos as obras, as escolhas, o tempo de leitura. Em 2020, em algum momento, passamos a realizar os encontros a cada dois meses porque o pessoal estava cansado, estava pesado para ler. As obras, talvez, um pouco mais densas em alguns momentos. Essas foram medidas que a pandemia nos exigiu.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que encontraram e encontram para manter os encontros?

Entrevistada B: Falando da pandemia, especificamente, acho que a maior dificuldade era o fato de estar nesse ambiente, que em algum momento estava todo mundo cansado, ninguém queria mais saber de reunião virtual. E a própria dinâmica da reunião virtual, que é uma dinâmica mais exaustiva mesmo, você está o tempo todo ali olhando, vendo todo mundo, o foco é outro, a interação sofre muitas alterações também, fica muito prejudicada. O maior desafio

foi esse, gerenciar um pouco a ansiedade achando que ninguém iria participar, porque estava cansando, estava exausto, que não aguentava mais, que os livros fossem considerados pesados para a disponibilidade emocional das pessoas, foi uma grande questão.

Entrevistada A: Em termos de organizar os encontros, quando a gente pensou em voltar ao [modo] presencial, sempre garantir a segurança das pessoas, às vezes, a gente tentou fazer presencial num lugar público, mas não ia ser possível, por tanta gente falando ao mesmo tempo, com segurança. E isso que a [nome da entrevistada B] falou, porque no ambiente virtual você perde várias instâncias da comunicação. Então não estávamos vendo como as pessoas estavam, a organização do tempo da fala é mais automática, mais formal, porque tem que pedir no chat. Se perde um pouco dessa naturalidade, dessa espontaneidade. Mas funcionou super bem dadas as condições.

Entrevistada B: Para a gente que media, a questão de ser mais formal a interação é cansativa. Porque precisamos ficar atentas, prestando a atenção em várias coisas. Precisa limitar um pouco mais a ação do outro, dá um pouco mais de trabalho. Saíamos dos encontros bem cansadas mentalmente.

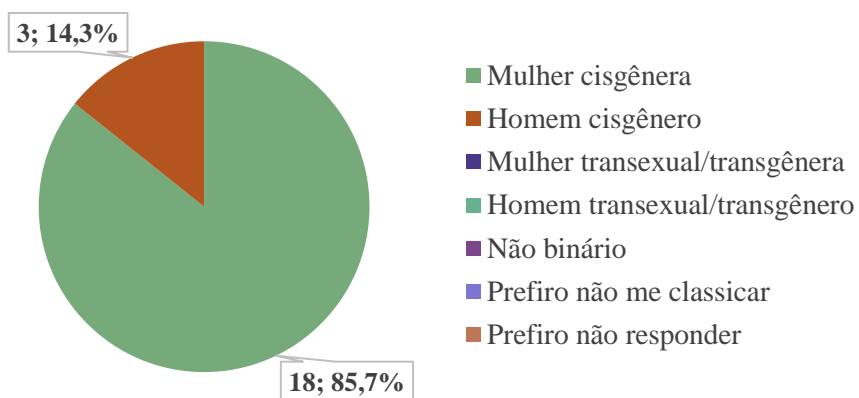
Pesquisadora: Vocês gostariam de pontuar mais alguma coisa fora aquilo que já conversamos?

Entrevistada A: Acho que falamos muitas coisas. Eu pontuaria que o fato de que grupos como este têm se proliferado é uma coisa que vale a pena pensar um pouco, analisar o que isso indica, do que as pessoas estão precisando, que elas estão querendo. De como estamos necessitados, carentes de espaços de confraternização, de espaços coletivos, de espaços de escuta, espaços democráticos. É uma coisa que a gente se questiona muito e tenta propor que seja, um dos poucos lugares que a gente, hoje, consegue ter uma conversa educada, respeitosa, mesmo que discordando de outras pessoas. Eu acho que os grupos de leitura, os coletivos, eles indicam que a gente tem uma necessidade, tem uma questão e que funciona, que pode ser um lugar em que pessoas têm uma interação e que é presencial também. Porque existem milhões de alternativas para você: ver material na internet, ver vídeo no YouTube, mas que a interação pessoal, que forma um grupo, que forma de fato uma rede social, ela é superimportante! Ela tem sido uma dimensão que a gente tem esquecido na nossa existência.

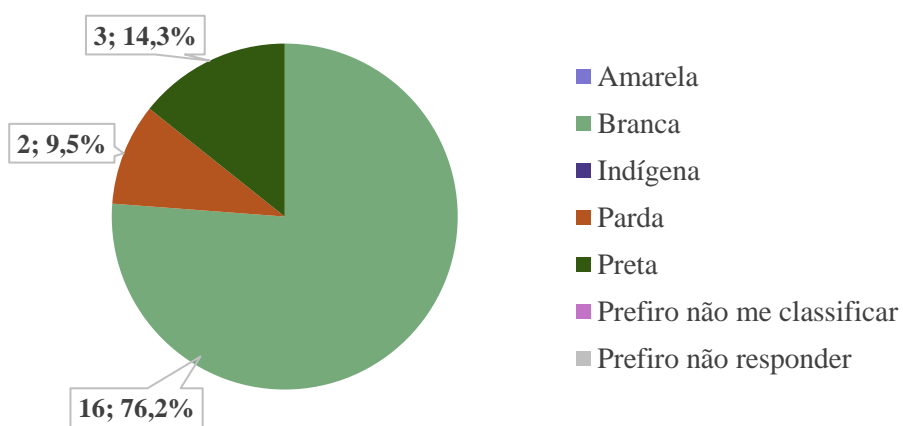
APÊNDICE B – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO ‘LEIA MULHERES CASCAVEL E SUAS REVERBERAÇÕES’.

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

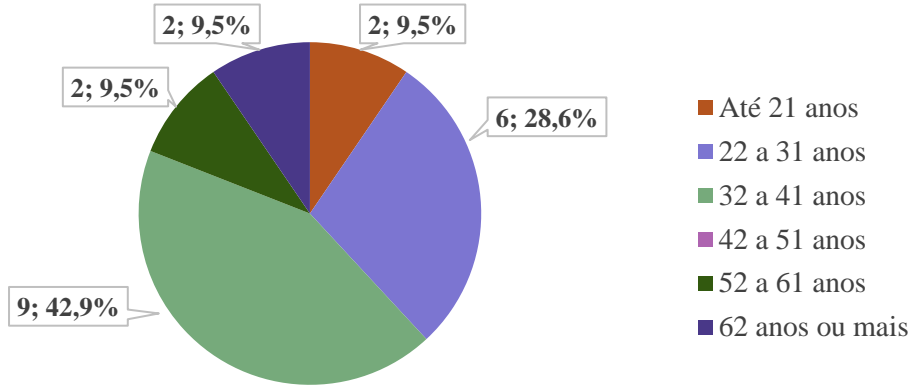
1) Qual a sua identidade de gênero?



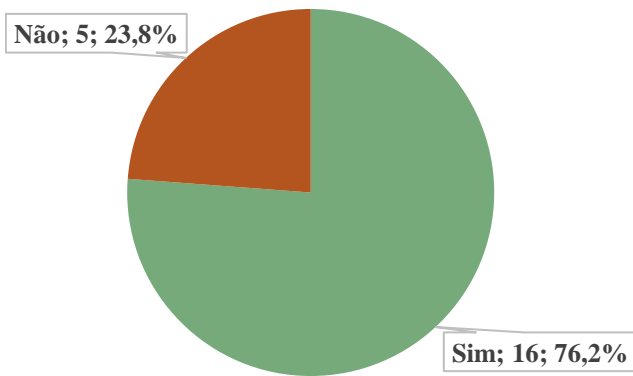
2) Qual sua cor ou raça?



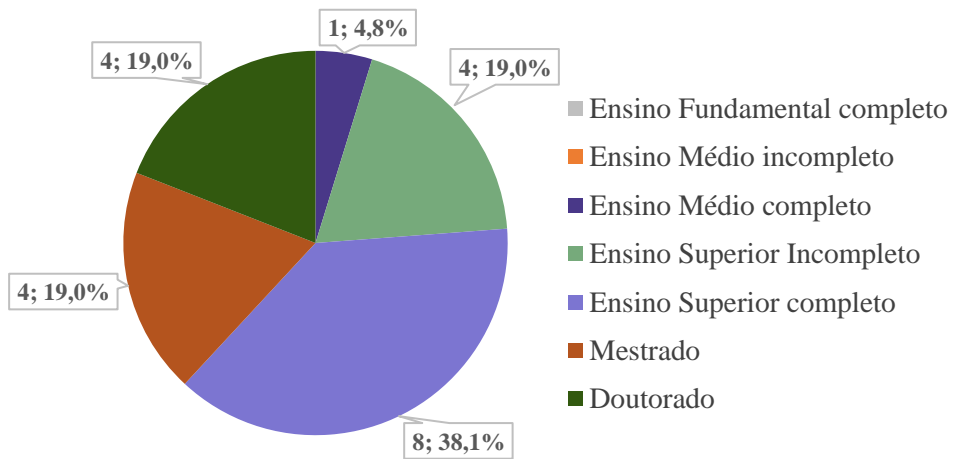
3) Qual sua faixa etária?



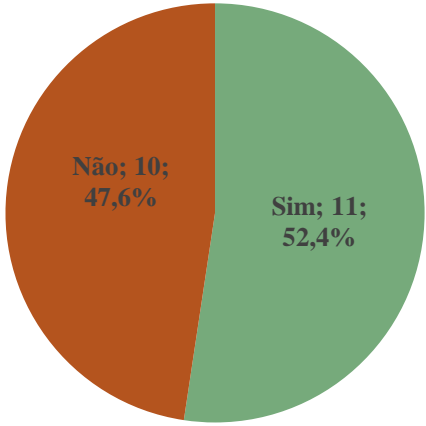
4) Você reside na cidade de Cascavel/PR?



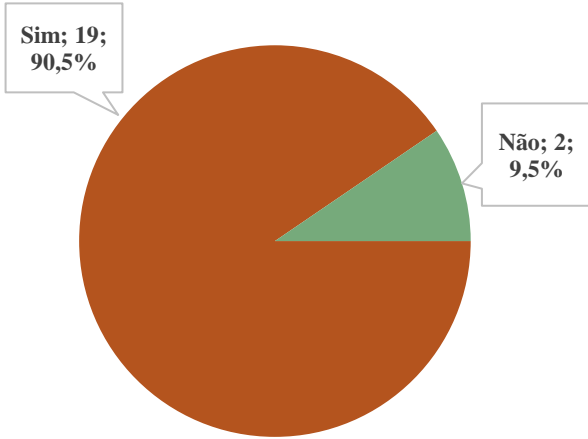
5) Seu nível de escolaridade?



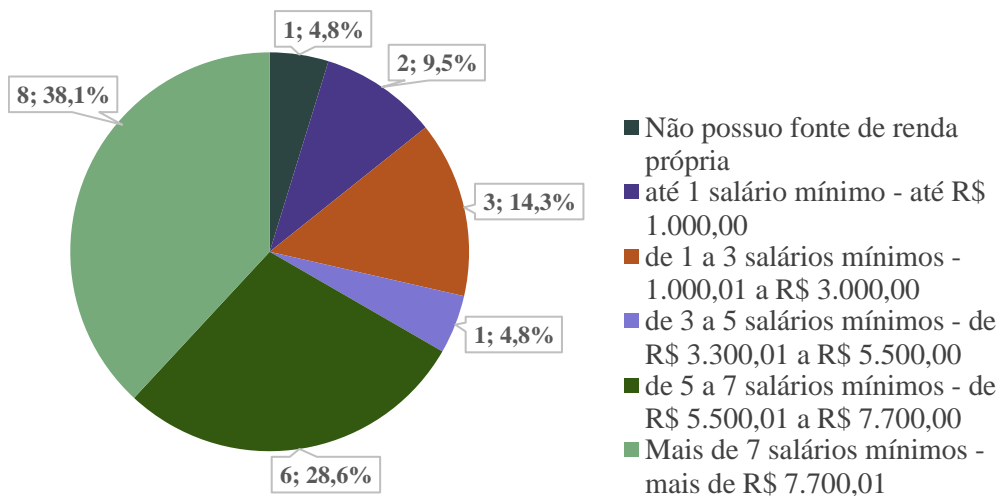
6) Você está estudando no momento?



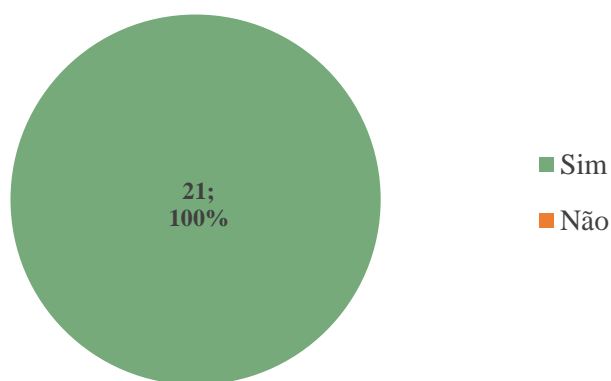
7) Você possui fonte de renda própria?



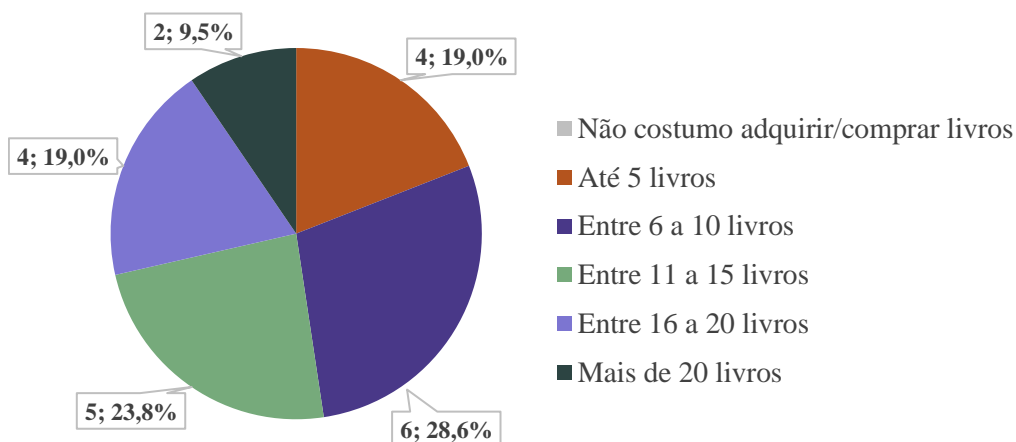
9) Em média, qual é a sua renda mensal?



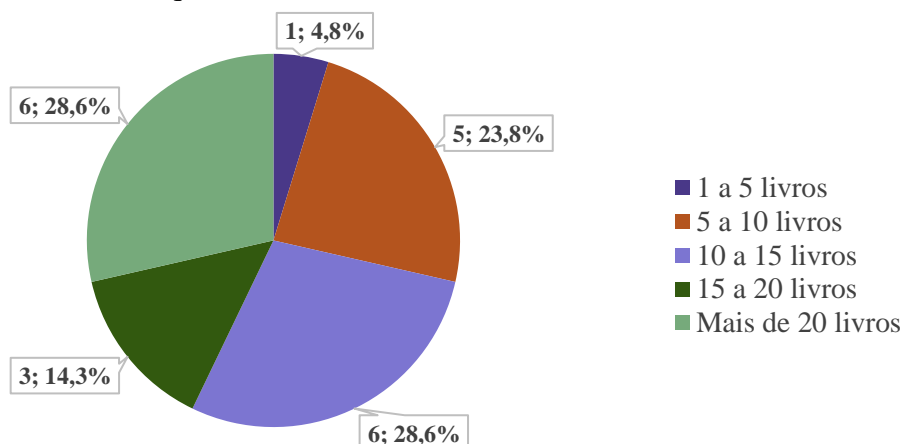
10) Você costuma adquirir/comprar livros?



11) Com base na resposta da questão anterior, quantos livros você costuma adquirir num intervalo de tempo de 12 meses?



12) Em média, quantos livros você lê no intervalo de um ano?



PARCIPAÇÃO DO CLUBE DE LEITURA *LEIA MULHERES CASCAVEL*

1. O que te motivou a participar do *Leia Mulheres Cascavel*?

- a) Ler mais mulheres
- b) Interesse pessoal em conhecer e ler mais obras escritas por mulheres.
- c) O tema.
- d) Ter um espaço onde encontre pessoas para conversar e debater sobre assuntos necessários para a construção de uma sociedade com equidade. Também para conhecer pessoas de Cascavel que provavelmente têm um ideal de sociedade semelhante ao meu, visto que participam do *Leia Mulheres*. Além disso, para conhecer novas autoras e conteúdos que sozinha não iria pesquisar. E também para não ler apenas assuntos referentes a minha profissão o que normalmente fazia antes de começar a participar do *Leia*.
- e) A temática. Ler a escrita de mulheres.
- f) Conhecer e debater a produção cultural de mulheres
- g) Eu sentia uma necessidade de ler mais mulheres e também de discutir essas leituras com outras pessoas.
- h) Fazer algo que não estivesse relacionado com a minha profissão.
- i) Prazer de ler e discutir livros em ambiente coletivo
- j) A motivação de retornar a leituras não técnicas, com a importância de discutir com outras pessoas, fora da minha bolha de convívio social, compartilhando diferentes perspectivas e opiniões de uma mesma obra. Além disso, o incentivo a ler livros de escritoras mulheres em suas mais diferentes temáticas.
- k) A vontade de me juntar a outras pessoas que tenham gosto pela leitura
- l) A leitura de obras escritas por mulheres.
- m) Eu adorei a ideia de participar de um clube de leitura, em que discutiríamos um livro e nunca tinha prestado atenção se lia autoras ou autores e ao verificar minhas leituras percebi que tinha mais autores homens na estante, então gostei muito da proposta de ler mulheres
- n) criar um hábito de leitura para além das férias, aprender com a discussão e as experiências de outras mulheres, bem como com as histórias dos próprios livros

- o)** Encontrar mulheres dispostas a debater sobre literatura e feminismo
- p)** Criar um hábito permanente de leitura. Conhecer pessoas diferentes e suas narrativas.
- q)** Ler obras diversas
- r)** A possibilidade de voltar a ler depois de muitos anos apenas na literatura científica, com curadoria e tendo espaço para discutir cada livro.
- s)** Incentivo ao projeto da filha e também por tratar-se de uma exclusividade cultural necessária.
- t)** A curadoria de leitura
- u)** A possibilidade de discutir literatura e, dentro dela, olhar - e perceber olhares - a respeito da minorização do feminino. Também, a chance de conhecer novas autoras, e dividir impressões sobre suas obras. Foi também um modo de buscar um espaço de inclusão diante de tantos outros de exclusão.

2. Como tomou conhecimento da existência do clube de leitura?

- a)** Jornal
- b)** Por meio de uma amiga.
- c)** *Instagram*.
- d)** Participava do *Leia* em Francisco Beltrão e queria continuar participando em Cascavel. Aqui um amigo já participava e fui ao primeiro encontro com ele.
- e)** Por uma amiga.
- f)** Conheço as coordenadoras
- g)** Através do *Facebook*, compartilharam o evento da primeira reunião na minha *timeline* e eu decidi participar para conhecer.
- h)** Uma amiga participava no de Francisco Beltrão, então procurei pra ver se tinha um em Cascavel.
- i)** Internet
- j)** Através das redes sociais, da Juliana.
- k)** Internet
- l)** Pelo *Facebook*, nas sugestões de eventos.
- m)** eu recorde de ter lido sobre o primeiro encontro num jornal
- n)** não lembro muito bem, mas acredito que tenha sido por meio de alguma divulgação feita pela Juliana
- o)** Pelo *Instagram*
- p)** Coletivo 08 de Março e Grupo de mulheres da APP Sindicato.
- q)** Internet
- r)** Pelo *Instagram*
- s)** Através da filha.
- t)** Por colega de trabalho
- u)** Amigas divulgaram-no.

3. Como descreveria sua experiência como participante do *Leia Mulheres Cascavel*?

- a)** Maravilhosa

- b)** Muito positiva.
- c)** Incrível. De melhoras a vida.
- d)** Muito proveitosa porque as integrantes se respeitam muito, as mediadoras são muito inteligentes e sabem conduzir bem os encontros. Sempre alguém levanta algum ponto que não havia notado, traz outra perspectiva para uma parte do livro na qual eu havia tido outra impressão. Ou seja, sempre uma experiência de aprendizado, de soma.
- e)** Uma experiência singular. A diversidade de sujeitos me encanta. São diversos lugares de fala.
- f)** Um espaço de crescimento, trocas, mas também de solidariedade entre nós
- g)** Maravilhosa! É um espaço muito seguro e que me incentiva a ler obras que muitas vezes eu não procuraria sem a recomendação das companheiras e companheiros do grupo.
- h)** Foi muito importante pra mim participar do grupo. Primeiro que eu consegui resgatar o hábito da leitura. Segundo que eu aprendi muito sobre feminismo e a importância da luta das mulheres... Coisa que antes eu era um dos desinformados e achava que isso era “mimimi”. Ainda bem que eu consegui abrir minha mente para algo tão fundamental e poder me policiar e reconhecer minhas atitudes machistas e misóginos e ainda poder ajudar na luta mostrando para outras pessoas.
- i)** Prazerosa, instigante, experiência ótima
- j)** Enriquecedora e acalentadora. Compartilhar diferentes vivências que algumas vezes são diferentes das minhas e em outras são as mesmas dores/lutas.
- k)** Enriquecedora
- l)** Aprendi muito, aprendo muito. O Clube é muito bom, possui uma qualidade na escolha das obras que é fantástico. Consegui ter acesso a obras e escritoras que não conhecia, que talvez não chegaria a conhecer.
- m)** Está sendo uma experiência muito enriquecedora e agregadora. Tanto pela leitura de livros que adorei e sei que não teria tido contato com eles senão pelo *Leia*, pois lia apenas fantasia infanto-juvenil e adulta e, nesse sentido, a proposta mudou muito minha perspectiva, até para comprar de editoras menores e independentes e fortalecer o trabalho das mulheres escritoras. Além disso, o grupo que se formou no *Leia Mulheres Cascavel* criou um ambiente (presencial e agora virtual) de muito acolhimento, no qual todos tem voz, não há julgamentos e os encontros trazem muito aprendizado.
- n)** muito boa, cada encontro me faz pensar sobre outras possibilidades de existência e me (des)constrói um pouco mais
- o)** Potente e transformadora
- p)** Aumentou o meu conhecimento sobre escritoras e gênero textuais. Além do contato com pessoas com gosto pela leitura tem sido um grande estímulo para mim.
- q)** Acolhida e respeitada
- r)** A pandemia me trouxe a possibilidade de participar pois não resido no município de Cascavel. O fato de ter um objetivo, discutir o livro lido no mês, me ajudou a retomar a leitura de uma forma mais rotineira. Cada encontro me traz perspectivas distintas, me faz perceber outras vivências. É um espaço onde me sinto acolhida para ser eu mesma. Sinto segurança para dizer o que penso e sinto que o que digo é respeitado.
- s)** Libertador, necessário, fonte de conhecimento. Enriquecedor.
- t)** É tão diferente do que já participei antes, eu sou uma pessoa que foi inserida nesta ótica individualista, participar de grupos pra mim é um desafio. Há muito anseio. Muita

questão discutida. O coletivo me assusta um pouco por eu sempre ter tido um mundo familiar reduzido. Quando vi a proposta do leia, de cara achei interessante por conta de quem selecionariam as leituras e por já haver toda uma estrutura nacional programada por trás deste coletivo, outra motivação foi eu realmente querer ler mais mulheres. A experiência é global, tanto nos relatos dos universos femininos e masculinos dentro do grupo em si e quanto nas leituras mensais que são recheadas de perspectivas alheias ao meu mundo ou totalmente inseridas nele meu desde a minha infância, para mim é descoberta e redescoberta.

u) Como uma experiência de acolhimento, instrução, aprendizagem.

4. Aproximadamente, de quantos encontros você já participou?

- a)** 4
- b)** 12.
- c)** 10
- d)** 15
- e)** Acredito que mais de 8.
- f)** Acredito que uns 10 encontros
- g)** Mais de 15.
- h)** 7
- i)** 5 ou 6
- j)** Talvez 12
- k)** Mais de 10
- l)** Não lembro, participei desde o segundo encontro, quando foi discutido o livro da Elena Ferrante.
- m)** Eu participei do primeiro e segundo encontros, fiquei um tempo afastada e depois retornei, creio que devo ter participado de 10 a 12 encontros
- n)** 22 (contando pelas fotos do *Instagram* haha)
- o)** 5
- p)** Ingressei no grupo em Março de 2021 e participei de 6 encontros.
- q)** Todos (menos dois).
- r)** Mais de 10.
- s)** Não lembro. Foram poucos e estou ausente devido a decisão de fazer uma graduação, mas ano que vem retorno.
- t)** Mais de dez.
- u)** Não sei dizer ao certo.

5. Das obras selecionadas para leitura, qual lhe despertou maior interesse?

- a)** *A origem do mundo*
- b)** *Calibã e a bruxa*
- c)** *Calibã e a bruxa*
- d)** *O segredo do meu turbante*
- e)** Na realidade todas despertam interesse
- f)** *Calibã e a bruxa*

- g)** Acho que *Kindred* por ser uma ficção totalmente fora da minha zona de conforto, ou *E se eu fosse puta* pela discussão maravilhosa que tivemos com a autora
- h)** *O olho da rua* da Eliane Brum e o *E se eu fosse Puta* da Amara Moira (inclusive por ela ter participado do encontro)
- i)** *O que ela sussurra*
- j)** *Calibã e a bruxa*
- k)** Obras de ficção e biografias
- l)** Elena Ferrante, li os quatro volumes
- m)** *Um teto todo seu* (Virginia Woolf) e *As alegrias da maternidade* (Buchi Emecheta)
- n)** *E se eu fosse puta* e *Redemoinho em dia quente*
- o)** bell hooks - *O feminismo é para todo mundo*
- p)** *O que ela sussurra* de Noemi Jaffe
- q)** A autobiografia da Patti Smith
- r)** O mês do poema da Mathilde Campilho
- s)** Octavia Butler
- t)** *Jóquei. Empoderamento*
- u)** *Água Viva* - Clarice Lispector

6. Consegue distinguir quais características da obra fizeram com que você se interessasse mais por ela em detrimento das demais?
- a)** Conhecimento
 - b)** Tema
 - c)** A parte histórica
 - d)** Gosto da temática de guerra, acho que aflora o que as pessoas são na realidade de forma crua e cruel. Além de cutucar na ferida da aparência, de questionar o que é belo, o que é aceitável e “tolerado” pela sociedade
 - e)** Não
 - f)** Um livro de teoria feminista que queria muito aprofundar o debate e o grupo permitiu esse aproveitamento
 - g)** Na verdade, não
 - h)** O primeiro por ser reportagens e situações da vida real. O segundo também, porém sobre um tema que pra mim ainda gerava muita dúvida e tinha também preconceito sobre a transexualidade
 - i)** A forma (prosa poética) - a pesquisa da autora sobre a vida e obra do poeta russo Ossip Mandelstam - aspectos políticos e sociais da URSS na época de Mandelstam
 - j)** Sim. Os aspectos históricos
 - k)** Não
 - l)** Abarca questões históricas, sociais
 - m)** O livro da Virginia Woolf é mais teórico e trata das condições necessárias para uma mulher pudesse escrever e o tema despertou em mim muito interesse, pois não havia refletido na quantidade de fatores necessários para que uma mulher pudesse exercer a escrita. E o livro da Buchi Emecheta foi muito diferente de tudo o que eu tinha lido, pois explora a cultura africana e o papel da mulher nessa sociedade, tanto aquela que vive na tribo, quanto a que emigra para a cidade

- n)** *E se eu fosse puta* porque foi a que mais me ensinou, me mostrou uma realidade que eu ainda não conhecia e me colocou para (re)pensar várias coisas. *Redemoinho em dia quente* pela construção da obra, contando a história de tantas mulheres diferentes e as maneiras que encontravam para resistir, para viver e sobreviver, para sentir e expressar suas potencialidades
- o)** Clareza conceitual, interseccionalidade
- p)** A pesquisa realizada pela autora para conhecer sobre a História e a Cultura da Antiga URSS.
- q)** O ato de narrar a própria história.
- r)** O fato de eu não ler poemas frequentemente. De não ter o livro físico para ler, me fez buscar mídias alternativas.
- s)** Sim. A questão da ancestralidade me tocou profundamente devido aos meus avós ter feito parte do mundo escravizado. Chorei muito lendo esta obra. Nunca tinha me aprofundado no assunto, pois a escravidão é assunto que supostamente todos preferem omitir do que debater.
- t)** As literaturas negras me interessam muito ultimamente mesmo, citei uma, mas são meu foco. *E Jóquei* foi porque escutei muitos elogios ao livro.
- u)** Provavelmente, por ser minha autora preferida e, ainda que eu já tenha relido a obra, discuti-la e aprender o olhar de mulheres sobre ela foi muito, muito interessante! É como se esses novos discursos se incorporassem ao livro e, num sentido subjetivo, o ampliassem.

7. Como se sente em relação ao grupo que se formou no *Leia Mulheres Cascavel*?

- a)** Bom.
- b)** Sinto-me acolhida, segura e contemplada.
- c)** Ótima.
- d)** Sinto que as mulheres que participam são sempre muito respeitosas e inteligentes. Porém o grupo é bem homogêneo, sendo quase que todas as mulheres brancas com ensino superior, com boa renda.
- e)** Sentimento de pertencimento.
- f)** Eu gosto demais dos nossos debates e de estar junto com todas
- g)** Em um espaço muito seguro e confortável, me sinto como se fosse uma roda de amigos de longa data. O grupo também me fez perder a vergonha de falar em público por causa da confiança que ganhei com todas.
- h)** Sinto que conheço essas pessoas há anos e aprendo muito com cada um/uma. Além de me sentir super acolhido
- i)** Muito confortável. Sinto afeto.
- j)** Me sinto acolhida e “pertencente”.
- k)** É incrível.
- l)** Me sinto muito confortável, são pessoas incríveis.
- m)** Eu me sinto muito acolhida e a vontade com o grupo, sinto que posso expor minhas ideias livremente, que serei tratada com respeito
- n)** muito bem, as pessoas são acolhedoras, todas demonstram senso crítico e sempre têm conhecimentos a somar
- o)** Acolhida

- p) Me sinto à vontade as pessoas do grupo são muito generosas e estão sempre compartilhando seus conhecimentos.
- q) Um grupo que respeita.
- r) Acolhida e parte dele
- s) Me sinto orgulhosa e lisonjeada por ser um projeto tão enriquecedor e significativo culturalmente, é também por proporcionar tamanha riqueza de conteúdo. Sinto que o *Leia Mulheres* é um pedaço do universo que sobreviverá às mazelas políticas.
- t) Nem tão dentro do grupo, nem tão fora.
- u) Acolhido, ouvido.

8. Participar do clube de leitura teve algum impacto nos seus hábitos de leitura? Se sim, consegue descrever quais?

- a) Não.
- b) Sim, comecei a ler muito mais desde que entrei no clube.
- c) Ler mais autoras mulheres.
- d) Sim, retornei a ler livros de literatura e não somente livros e artigos relacionados à minha profissão.
- e) Sim. Hábito de ler mulheres.
- f) Sim eu passei a buscar mais autoras, ler gêneros que não costumava gostar de ler e buscar mais diversidade nas autoras. Diversidade regional, de gênero, etnias...
- g) Eu comecei a ler muito mais mulheres. Antigamente as autoras eram menos de 30% das minhas leituras anuais, e atualmente elas são cerca de 60%. Além disso, eu também comecei a ler procurando pontos para levar para discussão nas reuniões, fazendo as leituras “renderem” mais.
- h) Sim... Aumentei a quantidade de livros lidos, passei a anotar coisas sobre os livros e páginas. Comecei a refletir mais sobre o texto lido.
- i) Reforço no gosto pela leitura
- j) Sim, antes do grupo não conseguia estabelecer ritmo de leitura, nem incluir a leitura em minha rotina. Com encontros periódicos consigo estabelecer metas e cumpri-las.
- k) Sim. A disciplina em ler todos os dias um pouco para participar das reuniões
- l) Voltei a ler romances, aprendi a ler contos. Diversificou minha leitura, que estava voltada apenas para obras de caráter acadêmico.
- m) sim, eu passei a ler mais autoras mulheres, passei a prestar atenção nas editoras, a pesquisar sobre a autora e a procurar livros de mulheres de diferentes nacionalidades
- n) sim, me ajudou a estipular prazos para terminar as leituras, a ler pelo menos um livro por mês e a fazer leituras além dos conteúdos teóricos durante o período de aulas da faculdade.
- o) Sim, leio mais e com maior engajamento
- p) Não cheguei a participar do Clube de leitura.
- q) Sim, leio obras de vários lócus enunciativos e regiões diversas.
- r) Totalmente. Eu lia muito pouco desde a Universidade e praticamente nada além da minha área de trabalho. Agora leio um livro por mês.
- s) Muito. Sempre gostei de ler, mas não costumava muito debater os assuntos e a partir do *Leia Mulheres* eu me tornei mais crítica, acho que evolui.

- t)** Sim, só quero ler mulheres. Quando leio literaturas escrita por homens percebo a diferença do olhar. É muito legal isso!
 - u)** O impacto foi em direção, justamente, a conhecer novas autoras, algumas das quais ainda não tinha ouvido falar.
9. Qual sua percepção sobre a experiência de compartilhar suas impressões e interpretações de leitura e também ouvir a de outras pessoas?
- a)** Boa
 - b)** É muito positivo ouvir a experiência de outras pessoas, engrandece a leitura e possibilita perspectivas que eu não tive sozinha.
 - c)** Amo. De enriquecer a vida.
 - d)** Acho uma experiência enriquecedora, sempre temos algo novo a aprender. E também, no meu caso, perder a vergonha de falar por achar bobo meu comentário.
 - e)** A riqueza de a análises. Construir um caminho de escuta.
 - f)** Acho esse o momento mais bacana do grupo. Porque debater e perceber as diferentes formas como as leituras nos afetam é o processo mais importante que o grupo cria. Essa troca de percepções é o mais interessante
 - g)** É muito positiva! Eu avalio essa dinâmica de uma forma muito positiva, porque faz a gente ter contato com pontos de vistas que as vezes são até opostos aos nossos, e isso tira a gente da nossa zona de conforto, mas de uma maneira muito respeitosa.
 - h)** Eu aprendo muito com cada contribuição. Às vezes faço uma interpretação e chego lá e vejo que tem várias outras formas de interpretar e pensar sobre o mesmo texto. Ainda me sinto um pouco tímido em falar, mas as vezes consigo pontuar algo e contribuir também.
 - i)** Enriquecedora pela oportunidade de ouvir opiniões das outras pessoas que também gostam de ler.
 - j)** É importante, apesar de na maioria dos encontros ouvir mais do que falar, as experiências dos demais me mostra outras perspectivas das obras.
 - k)** Enriquecedora
 - l)** Oportunidade de avançar na compreensão das condições da mulher nessa sociedade, de permitir momentos de solidariedade, de fortalecimento.
 - m)** achei muito interessante, pois no debate surgem opiniões e visões do livro muito diferentes da minha experiência de leitura, questões que passei sem perceber e até mesmo alguma contextualização que desconhecia ou novas informações sobre o tema
 - n)** não costumo falar durante os encontros, mas adoro ouvir as percepções das outras pessoas e analisar pontos que eu talvez não tenha percebido ou percebi de outra forma, me ajuda a expandir minha visão sobre o livro
 - o)** Me permite crescer e trabalhar a alteridade
 - p)** Sinto-me acolhida são pessoas que dão total liberdade de expressão e gosto de ouvi-las pois são pessoas com experiências em leituras que enriquecem o nosso conhecimento.
 - q)** Gosto de escutar análises diferentes da minha e, também, de saber que muitas pessoas possuem ideias semelhantes.
 - r)** Reveladora. Me mostra o quanto lemos com base na nossa vivência e conversando compreendemos outras nuances, fatos.

- s) É a melhor possível. É uma troca incrível, é como se ler 30, 40 livros por vez, porque são tantas interpretações diferentes sobre a mesma obra que nos leva a um mundo nada visto antes. Maravilhoso.
- t) É muita bom poder ouvir a percepção de um livro de uma outra pessoa, porque às vezes te surpreende muito.
- u) A melhor possível. É um pouco a ideia de que uma obra pode se ampliar quando compartilhamos impressões sobre ela. É uma investida em relação à complexidade - dividir o que ela mobiliza individualmente é, na soma, tocar mais de perto a complexidade humana e, nesse caso específico, do universo biológico, social, cultural e, por que não dizer, marginal, feminino.

10. Sobre os livros: você prefere conhecer antes a história (gosta de receber *spoilers*) e lê para perceber como a história foi tramada e buscar outras reflexões, ou prefere descobrir pela leitura o enredo e tudo o que acontece no livro (não gosta de *spoilers*)?

- a) Gosto
- b) Não gosto de *spoilers*, prefiro descobrir sozinha.
- c) Não gosto de *spoilers*.
- d) Não gosto de *spoilers*, mas prefiro saber sobre qual assunto é o livro, por exemplo: uma garota que vive no Afeganistão durante a guerra. Sem *spoilers*, porém há uma ideia do tema do livro, sem saber o que acontece com a garota.
- e) Gosto dos *spoilers*.
- f) Eu gosto muito de receber as informações sobre os livros e autoras
- g) Eu não me importo em receber *spoilers*, mas normalmente eu começo a ler os livros do *Leia* sem saber nada da história.
- h) Não gosto de *spoilers* do enredo. Porém gosto de saber sobre o que estou lendo, até porque algumas leituras são mais complexas e entender um pouco do contexto ajuda.
- i) Não me incomodo com *spoilers* porque o mais importante é perceber como a história é estruturada e o uso da linguagem.
- j) Prefiro sem *spoilers*.
- k) Durante a leitura
- l) Gosto de conhecer um pouco da história com antecedência.
- m) eu gosto de conhecer a história antes, sempre leio resenhas bem detalhadas sobre o livro, especialmente no *Skoob* e gosto de ter minha experiência de leitura descobrindo pormenores e comparando se entendi a mesma coisa das resenhas que li
- n) prefiro ler sem *spoilers*
- o) Não gosto de *spoilers*
- p) Gosto de receber *spoilers*.
- q) Descobrir algo antes, como um vídeo no YouTube ou uma resenha.
- r) Prefiro ter contexto antes. Aproveito melhor o livro.
- s) O *spoiler* às vezes é necessário. Estimula o interesse pela trama.
- t) Depende do livro. Se for literatura descobrir no caminho, já acadêmicos, livros que exploram teorias da sociedade, pesquisar antes.
- u) Sem *spoilers*, por favor!

11. Qual sua opinião sobre os livros que são selecionados para a leitura do clube de leitura?
- a) Boa
 - b) Diversificados e interessantes.
 - c) Bons.
 - d) São bem variados, a maioria nunca tinha ouvido falar o que considero muito bom. Não sendo poesia pra mim está bom.
 - e) Acredito que critérios são importantes.
 - f) Acho que os critérios usados são muito importantes pois nos permite ir além do que tradicionalmente iríamos. Meu gosto pessoal por gêneros literários as vezes me impede de ler livros diferentes e os critérios adotados pelo grupo me “obrigam” ir além e isso tá sendo incrível
 - g) Eu acho a curadoria muito boa e diversa! Me apresentou temas de altíssima importância que antes eu não tinha tanto contato, ou não tinha nenhum conhecimento da área. Até hoje todos os livros selecionados que eu acabei lendo para as reuniões me agradaram muito.
 - h) A seleção é muito boa. A ideia de trocar os gêneros, e temas é sensacional.
 - i) Não poderia ser melhor: interessante e bastante diversificada.
 - j) São ótimas escolhas. A leitura de diferentes gêneros me levou a ler quadrinhos que não lia desde a infância com os gibis da turma da Mônica e poesias que não lia há tempo, por exemplo.
 - k) Todos muito diferentes, fora do “circuito”.
 - l) São excelentes. Eu só não gostei de uma obra, de todas que eu li.
 - m) acho que a seleção é muito interessante na medida em que procura mulheres de diferentes nacionalidades, realidades sociais e abordando perspectivas distintas. me incomoda um pouco a limitação da escolha pelo valor e pela complexidade do livro, mas eu entendo que essa restrição se faz necessária para tornar o projeto mais acessível.
 - n) são tudo de bom! gosto muito da variedade de temas, gêneros literários e nacionalidades das autoras, e do fato de nunca as discutirmos de forma alienada, mas percebendo e criticando as situações apresentadas
 - o) A seleção é incrível!
 - p) São livros muito bons e a ideia de valorizar escritoras mulheres me agrada muito.
 - q) Bons preços e acessíveis, narrativas alternativas e obras de inúmeras autoras.
 - r) Creio que os critérios adotados e a curadoria são excelentes.
 - s) Minha opinião é que, a atitude de ler somente escritoras mulheres, só empodera cada vez mais essa classe tão sofredora de reconhecimento. Amo a iniciativa.
 - t) Muito bons
 - u) Diversos! O que é ótimo!
12. Alguma das obras lidas para os encontros do *Leia Mulheres* foi de difícil leitura/compreensão? Se sim, pode dizer qual ou quais obra (s) e as dificuldades sentidas?
- a) Não.
 - b) *Calibã e a bruxa* foi difícil por causa do nível teórico e extensão da obra.
 - c) *Calibã e a bruxa*.

- d)** *Calibã e a Bruxa* foi o mais difícil por envolver mais teoria, vários fatos históricos, o que foge da minha área de formação (sou de biológicas) e não gostava de história na escola.
- e)** Não.
- f)** Não senti dificuldades.
- g)** O primeiro livro, *Um teto todo seu*, foi muito complicado para mim. Além desse, *Calibã e a Bruxa*.
- h)** A obra de poemas da Hilda Hilst não entendi muita coisa. *Água viva* da Clarice também achei complexo e no fim não terminei de ler...
- i)** Não senti dificuldade, até agora.
- j)** *Calibã e a Bruxa*. Livro denso, com muita informação que demandou pesquisa para compreensão.
- k)** Não.
- l)** Não gosto de contos.
- m)** Sim, houve alguns livros que eu não gostei de ler, mais pelo estilo que não ser o que gosto de ler, como o livro *Canção de ninar* que nem cheguei a finalizar, porque achei muito angustiante e é um estilo de leitura que não me agrada e não costumo ler. Às vezes também não me programo e compro o livro e ele demora a chegar.
- n)** *Jóquei* foi a mais difícil, talvez por ser poesia, havia trechos que eu lia e não conseguia entender a mensagem que a autora queria transmitir, nem fazer uma interpretação própria.
- o)** Senti dificuldade no *Calibã e a Bruxa*. Achei o livro muito denso.
- p)** Não tive nenhuma dificuldade.
- q)** Não.
- r)** Todas as de teoria, feminismo etc. Não são minha área. Muitas histórias tristes, o reflexo da nossa vida mesmo. Consumimos muito dos Estados Unidos então a referência é péssima. Gosto de ler e pensar que essa é a história que conheço de tantas mulheres.
- s)** O próprio *Laços de Sangue* foi difícil interpretar e talvez por isso tenha me deixada mais interessada em saber o final da trama.
- t)** *Calibã e a Bruxa. Empoderamento*.
- u)** Não considero alguma, em particular.

13. A sua participação no *Leia Mulheres Cascavel* precede à pandemia da COVID-19?

- a)** Sim
- b)** Não. Integrei o clube no primeiro ou segundo encontro on-line.
- c)** Sim.
- d)** Participei de 1 encontro antes da pandemia.
- e)** Sim.
- f)** Sim
- g)** Sim.
- h)** Sim.
- i)** Não. Começou durante a pandemia.
- j)** Sim

- k)** Sim
- l)** Sim
- m)** sim
- n)** sim
- o)** Sim
- p)** Não.
- q)** Sim, um ano antes.
- r)** Não. Só pude participar por ser virtual
- s)** Não.
- t)** Sim
- u)** Sim.

14. A pandemia da COVID-19 afetou a sua frequência de participações nos encontros do *Leia Mulheres Cascavel*?

- a)** Sim
- b)** Sim, fiquei mais assídua.
- c)** Não.
- d)** Não, participei de todos os encontros, menos do que era sobre um livro de poesia.
- e)** Não.
- f)** Não
- g)** Não negativamente, eu não participava mais do *Leia Cascavel* porque eu estava em outra cidade. Com a pandemia eu voltei para Cascavel e voltei a participar das reuniões.
- h)** Completamente. Participei de apenas 1 encontro virtual.
- i)** A pandemia, na verdade, permitiu minha participação, já que moro em outra cidade.
- j)** Não, pelo contrário, os encontros on-line facilitaram o acesso em dias em que a rotina impossibilitaria minha presença física.
- k)** Sim
- l)** Sim, no início não conseguia participar, mas em 2021 retomei com maior frequência.
- m)** sim
- n)** com certeza alterou muito a forma como eu me organizo para os encontros, mas acredito que os encontros que faltei não foram devido à pandemia
- o)** Sim, infelizmente. E também minha mudança de cidade.
- p)** Não
- q)** Não. Facilitou por ser on-line, mas o encontro presencial era melhor.
- r)** Não se aplica
- s)** Não. Como expliquei em outra pergunta, estou afastada devido a minha graduação às vésperas de entrar para a terceira idade. Rs
- t)** O mental anda esturricado, acho que sim. Estar presente mesmo, com vontade, de realidade, é o que está difícil.
- u)** Não.

15. Se você participou (ou ainda participa) dos encontros virtuais: o que acha sobre esse formato?
- a) Não gosto muito
 - b) Gosto bastante e acho que é bastante organizado.
 - c) Prefiro encontros não virtuais.
 - d) O formato on-line não me atrapalha, acho até mais confortável ficar na minha casa onde posso comer, ir ao banheiro, enquanto o encontro está acontecendo. Porém não substitui o encontro presencial onde a sensação de pertencimento é maior.
 - e) Uma possibilidade a mais, porém nada como o encontro presencial.
 - f) Estou amando esse formato, pois permite que nossas relações se ampliem. Conhecemos mulheres incríveis de outras regiões do Brasil
 - g) O formato virtual limita muito a nossa socialização - sinto saudades dos vários espaços onde nos encontrávamos -, mas o lado positivo é que aparentemente mais pessoas começaram a participar e colaborar com nosso grupo
 - h) Eu participei de apenas um... Não consigo me concentrar direito no formato on-line. Até aulas e cursos que tenho que fazer sinto certa dificuldade. Não vejo a hora de voltar os presenciais para eu voltar a participar.
 - i) Não conheço o grupo a não ser on-line. Imagino que deve ser ainda melhor na forma presencial.
 - j) Inclusivo, já que possibilita a participação de pessoas de outras cidades. Porém não tenho conhecimento se algum membro do grupo deixou de participar por não ter acesso à internet.
 - k) Gosto bastante, mas prefiro presencial
 - l) Prefiro presencial. No formato virtual não considero adequado, até pela oportunidade de estar junto, de interagir. Eu falo muito menos, enfim. Desejo que logo seja possível retornar de forma presencial.
 - m) eu particularmente não gosto muito. acho que as meninas fizeram o melhor possível para manter o *leia* e isso acabou trazendo pessoas novas, de outros locais que caso o encontro fosse presencial não poderiam participar. No entanto o encontro virtual me parece um pouco truncado, como temos a lista pra falar, às vezes quando chega a sua vez o assunto já desviou muito do que estava sendo debatido quando você se inscreveu e eu particularmente me sinto pouco à vontade de falar nesses encontros. Quando havia encontros presenciais, a conversa fluía mais e eu me sentia mais à vontade para me expressar e também era mais gostoso porque tinha o convívio, conversas antes e depois.
 - n) Por um lado, é bom porque possibilita que pessoas que não estão em Cascavel possam participar, e facilita mesmo para quem está na cidade por não precisar se deslocar até o local do encontro, mas ainda assim nada substitui a presencialidade.
 - o) Fico feliz pela continuidade dos encontros, mesmo nesse formato.
 - p) Gosto muito desse formato.
 - q) Prático para esse momento de cuidado com a saúde.
 - r) Ideal para mim, mas creio que para a maioria um modelo híbrido funcionaria melhor, especialmente pelo objetivo de divulgar a leitura e fazê-la acessível a outras comunidades.
 - s) Esse formato acredito que tenha sido a fonte de aconchego para muitas participantes. Deve ter sido como um abraço bem caloroso, entende? Em momentos tão sombrios o encontro virtual sem dúvidas atenuou a pressão psicológica que todos estamos

passando. Porém nada substitui os encontros presenciais, porque julgo o ser humano ser necessário um ao outro para sua própria sobrevivência.

- t)** Diante desta realidade, os encontros virtuais foram uma ótima alternativa, mas a atenção no on-line fica muito prejudicada, ao menos pra mim.
- u)** Acho que são formatos necessários, neste momento. Particularmente, me adapto bem a eles e acredito que, como vantagem, trazem a possibilidade de que várias pessoas - do Brasil e mundo - participem do encontro.